

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO



**JOSÉ ALEGNORBERTO LEITE FECHINE
RICARDO SANTOS DE ALMEIDA
MARIA PATRÍCIA CABRAL DA SILVA
(ORGS.)**

**A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO
FRANCISCO: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
NO SERTÃO ALAGOANO**

Vol. 1

**A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO
FRANCISCO: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
NO SERTÃO ALAGOANO**
Vol. 1

Organizadores:
**JOSÉ ALEGNORBERTO LEITE FECHINE
RICARDO SANTOS DE ALMEIDA
MARIA PATRÍCIA CABRAL DA SILVA**

Recife, PE
2024

Produzido por:

Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Centro de Educação (CE), Recife, Pernambuco, Brasil.

CEP: 50740-530

<https://www.centropaulofreire.com.br/>

©Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Diagramação: Ricardo Santos de Almeida

Capa: Canva.com e imagem de Ricardo Santos de Almeida

Imagens: As imagens são de arquivos pessoais dos autores e de bancos virtuais gratuitos.

©Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A geografia das águas do rio São Francisco [livro eletrônico] : ensino, pesquisa e extensão no sertão alagoano : vol. 1 / organização José Alegn Roberto Leite Fachine, Ricardo Santos de Almeida, Maria Patrícia Cabral da Silva. -- Recife, PE : Centro Paulo Freire Estudos e Pesquisas, 2024.
PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-87824-29-1

1. Geociências 2. Geografia - Alagoas 3. Geografia - Estudo e ensino 4. Interdisciplinaridade na educação 5. São Francisco (Rio) I. Fachine, José Alegn Roberto Leite. II. Almeida, Ricardo Santos de. III. Silva, Maria Patrícia Cabral da.

24-195817

CDD-910.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Geografia : Estudo e ensino 910.7

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Copyright © 2024. O livro pode ser baixado gratuitamente em formato digital de qualquer lugar do mundo entrando na página <https://centropaulofreire.com.br/e-books/>.

2024. Escrito e produzido no Brasil.

**PRESIDÊNCIA, DIRETORIAS E CONSELHOS
CENTRO PAULO FREIRE – ESTUDOS E PESQUISAS**

Maria Erivalda dos Santos Torres
Presidenta

Séphora Marinho de Freitas
Diretora Administrativa

Maria Aparecida Vieira de Melo
Diretora Pedagógica

Danielle Jaiane Silva
Diretora Financeira

Cícera Maria do Nascimento
Diretora de Comunicação

Nelino José Azevedo de Mendonça
Conselho Fiscal

Ricardo Santos de Almeida
Conselho Fiscal

Cintha Lúcia Martins Torres Saraiva de
Melo
Conselho Fiscal

Agostinho da Silva Rosas
Conselho Consultivo

Anair Silva Lins e Melo
Conselho Consultivo

Viviane de Bona
Conselho Consultivo

CONSELHO EDITORIAL
CENTRO PAULO FREIRE – ESTUDOS E PESQUISAS

Agostinho da Silva Rosas	UPE e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Ana Paula de Abreu Costa de Moura	UFRJ e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Ana Maria Saul	PUC/SP e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Eliete Correia dos Santos	UEPB – Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Inés María Fernández Mouján	Cátedra Paulo Freire, Universidad Nacional de Mar del Plata, Centro de Investigaciones y Estudios en Teoría Poscolonial, Universidad Nacional de Rosario, Argentina e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Joaquim Luís Medeiros Alcoforado	Universidade de Coimbra/Portugal e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Luiza Cortesão	Professora Emérita da Universidade do Porto, Presidente do Instituto Paulo Freire de Portugal e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Maria Aparecida Vieira de Melo	UFRN e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Maria Fernanda dos Santos Alencar	UFPE e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Maria Erivalda dos Santos Torres	Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas e Universidade Federal de Pernambuco
Mírian Patrícia Burgos	Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas e Instituto Paulo Freire de Portugal
Ricardo Santos de Almeida	Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas, UNEAL, UERN, UFAL, UFSM e Prefeitura Municipal de Porto Calvo/AL.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
Maria Ediney Ferreira da Silva	
APRESENTAÇÃO	17
José Alegnoberto Leite Fechine	
Ricardo Santos de Almeida	
Maria Patrícia Cabral da Silva	
TERRITORIALIDADES DO SÃO FRANCISCO EM PIRANHAS/AL	20
Maria Ellen Laryne Alves da Silva	
ESTRATÉGIAS DE APROPRIAÇÃO, PERMANÊNCIA, RESISTÊNCIA E EXISTÊNCIA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA PIXAIM, MUNICÍPIO DE PIACABUÇU/AL	36
Isaac Lucas da Silva	
Auceia Matos Dourado	
AGRICULTORES GUARDIÕES DE SEMENTES CRIOULAS E SUAS REDES DE RESISTÊNCIA NO SEMIÁRIDO DE ALAGOAS	54
Felipe Santos Silva	
Mayse da Silva Fagundes	
Jônatas Hilário de Barros	
Vitor Luan da Silva Nascimento	
Maria Augusta Mundim Vargas	

SUMÁRIO

- A MANDIOCADADA COMO PRÁTICA SOCIAL NA 72**
COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO
TABULEIRO DOS NEGROS, MUNICÍPIO DE PENEDO,
ALAGOAS
Adrian Estácio dos Santos
Auceia Matos Dourado
- AS CONDIÇÕES MATERIAIS E AS RELAÇÕES DE 92**
TRABALHO DOS/AS ARTISTAS DA COMUNIDADE ILHA
DO FERRO/AL
Dirceu Ribeiro Dias
Reinaldo Sousa
- ATORES E ATUAÇÕES SOCIAIS: DO ESTUDO DE LUGAR 109**
À CONCEPÇÃO DE “LUGAR-FEIRA” EM DELMIRO
GOUVEIA, ALAGOAS
Juliana dos Santos Lima
- ESTUDO SOBRE O FRUTO DO OURICURIZEIRO 127**
Luana Tassia Souza dos Santos
Nathália Joeynny Gomes Queiroz
- A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES DE 138**
GEOGRAFIA
Luiz César da Silva
- A IMPORTÂNCIA DO PROCESSO DO ESTÁGIO 148**
SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE
DOCENTE
Cristina Rodrigues Silva
Leônidas de Santana Marques

SUMÁRIO

**A IMPORTÂNCIA DA GEOGRAFIA ALIADO AO
PROCESSO DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO
INFANTIL** 153

Enylle Rayanne dos Santos

**O LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO-
APRENDIZAGEM: A PRÁTICA DE CONFECÇÃO DE
MAQUETES NAS AULAS DE GEOGRAFIA** 164

Jerlane Ferreira da Silva

Kamila da Silva

Dirceu Ribeiro Dias

Herik Roseno Ferreira da Silva

Antony Lucas de Souza

Carlos Daniel Silva de Moraes

Clélio Cristiano dos Santos

Izabelly Alves Lopes

**PESQUISA E ENSINO DE GEOGRAFIA ESCOLAR
ATRAVÉS DAS PAISAGENS DA “RUA DA FRENTE” EM
PAULO AFONSO/BA** 181

Alexandre Marques dos Santos

Kleber Costa da Silva

SUMÁRIO

JOGO TORTA NA CARA GEOGRÁFICA: UMA DINÂMICA LÚDICA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM 191

Bruna da Silva oliveira

Erika Bernardo de Oliveira

Lays Gomes da Silva

Lucas Vinicius Paulino da Silva

Lucimeire da Silva Pimentel

Clélio Cristiano Dos Santos

Izabelly Alves Lopes

MODELAGEM DE PROPAGAÇÃO A DESLIZAMENTOS DE TERRAS NA BACIA HIDROGRAFICA DO RIACHO DO SILVA, MACEIÓ, ALAGOAS, BRASIL 206

Walber Mendes Gama

Ramon Alves de Santana

PREFÁCIO

*As carrancas do rio São Francisco
largaram suas proas e vieram
para um banco da rua do Ouvidor.
(...) O rio, esse caminho de canções, de
esperança, de trocas, de naufrágios,
deixou nas carrancudas cataduras
um traço fluvial de nostalgia,
e vejo, pela rua do Ouvidor singrando o asfalto,
graves, silenciosos, o leão, o cavalo, o bicho estranho.*

Carlos Drummond de Andrade

As carrancas do rio São Francisco largaram suas proas e vieram para um banco da rua do Ouvidor. Assim começou o mergulho do poeta Carlos Drummond de Andrade em uma reflexão profunda sobre a realidade. Esse trecho poético, repleto de simbolismo, convida-nos a contemplar não apenas a beleza das carrancas, mas também a transformação que ocorre quando elas são retiradas de seu contexto original e expostas ao olhar do espectador. É como se, ao serem desvinculadas das barcas, essas figuras místicas ganhassem vida própria, convidando-nos a enxergar além do óbvio, a perceber a nostalgia impressa em seus traços, a sentir a presença do rio São Francisco fluindo em suas rugas de pedra, impressas nos asfaltos, por entre as formas, funções e estruturas peculiares do processo de transformação do espaço pelo o homem.

Neste prefácio, seguimos os passos do poeta, lançando um olhar apreciador sobre os textos que compõem esta produção. Aqui, o rio São Francisco não é apenas um cenário, mas sim um protagonista que tece seus caminhos de canções, esperanças e naufrágios nas entrelinhas de cada estudo apresentado.

O capítulo "Territorialidades do São Francisco em Piranhas/AL", de autoria de Maria Ellen Laryne Alves da Silva, nos conduz por uma jornada histórica e geográfica pelas margens desse rio icônico. Através da lente da categoria território, somos convidados a explorar as múltiplas ações e interações dos grupos sociais em um município marcado por sua relação íntima com o Velho Chico. Assim, a cidade de Piranhas-AL emerge como um palco de memórias e peculiaridades, onde história, pessoas e rio se entrelaçam em um tecido rico em rugosidades e heranças.

Da mesma forma, o artigo "Estratégias de Apropriação, Permanência, Resistência e Existência na Comunidade Quilombola Pixaim, Município de Piaçabuçu/AL", dos autores Isaac Lucas da Silva e Auceia Matos Dourado, nos conduz por veredas de pertencimento e identidade. Nessa comunidade quilombola, o território não é apenas um espaço físico, mas sim um lugar de resistência e existência, onde as condições materiais e simbólicas se entrelaçam nas teias da vida cotidiana. É uma narrativa de reconstrução constante, de laços de solidariedade forjados na adversidade, de persistência frente às intempéries.

Já o artigo "Agricultores Guardiões de Sementes Crioulas e Suas Redes de Resistência no Semiárido de Alagoas", dos autores Felipe Santos Silva, Mayse da Silva Fagundes, Jônatas Hilário de Barros, Vitor Luan da Silva Nascimento e Maria Augusta Mundim Vargas, lança luz sobre as redes de resistência que se estabelecem nos meandros do espaço rural. Através do diálogo entre referências culturais, sociais e políticas, somos convidados a refletir sobre a importância da defesa da agrobiodiversidade frente aos desafios impostos pelo avanço dos transgênicos. É um convite a revisitar à sabedoria ancestral, através da conexão entre o campo e a sala de aula, à luta pela preservação das sementes crioulas que são guardiãs da vida.

A leitura segue o fluxo, assim como o rio. O artigo, "A Mandiocada como Prática Social na Comunidade Remanescente de Quilombo Tabuleiro dos Negros, Município de Penedo, Alagoas", de autoria de Adrian Estácio dos Santos e Auceia Matos Dourado, mergulha nas tradições e nos modos de vida da comunidade remanescente de quilombo Tabuleiro dos Negros. A análise minuciosa dessa prática social revela não apenas a importância da mandiocada como elemento cultural e econômico, mas também sua relevância na resistência e na afirmação da identidade dessa comunidade. Já o artigo, "As Condições Materiais e as Relações de Trabalho dos/as Artistas da Comunidade Ilha do Ferro – AL", de Dirceu Ribeiro Dias e Reinaldo Sousa, direciona nosso olhar para as condições de trabalho dos artistas populares da Ilha do Ferro. Este estudo aborda de maneira profunda e crítica as transformações ocorridas nas relações de trabalho desses artistas, à medida que suas produções tradicionais adentram o circuito comercial de arte popular.

Em meio às águas caudalosas do rio São Francisco, cujas carrancas desvelam histórias de lutas e esperanças, encontramos um mosaico de estudos que nos convidam a uma jornada pelo conhecimento geográfico e pelas práticas pedagógicas inovadoras.

O trabalho de Juliana dos Santos Lima, "Atores e Atuações Sociais: do Estudo de Lugar à Concepção de '*Lugar-Feira*' em Delmiro Gouveia, Alagoas", nos leva às movimentadas feiras populares de Delmiro Gouveia/AL, onde feirantes se tornam protagonistas de um ambiente rico em trocas e sociabilidades. Através de uma análise das atuações sociais nesse contexto específico, somos convidados a refletir sobre a construção do espaço feiral e seus significados para a comunidade local.

Luiz César da Silva, em seu trabalho sobre "A Formação Continuada dos Professores de Geografia", traz à tona uma discussão fundamental sobre as políticas educacionais e a preparação dos profissionais responsáveis por moldar as mentes do futuro. O autor questiona se as formações oferecidas estão verdadeiramente alinhadas com as necessidades das salas de aula e dos alunos, lançando luz sobre a importância da reflexão crítica e do desenvolvimento profissional contínuo.

Já Cristina Rodrigues Silva e Leônidas de Santana Marques, em seu estudo sobre "A Importância do Processo do Estágio Supervisionado na Formação da Identidade Docente", conduzem-nos por uma análise profunda da relação entre teoria e prática no estágio supervisionado. Ao explorar como essa experiência influencia a construção da identidade docente dos futuros professores de Geografia, os autores nos fazem refletir sobre o papel crucial do estágio na preparação para a realidade profissional.

Enylle Rayanne Dos Santos, em seu trabalho sobre "A Importância da Geografia Aliado ao Processo de Aprendizagem e Desenvolvimento Infantil", destaca a relevância do ensino da Geografia desde os anos iniciais da educação. Ao reconhecer o potencial transformador do conhecimento geográfico na vida das crianças, a autora nos convida a repensar o papel da disciplina no desenvolvimento social, cognitivo e motor dos pequenos.

No avanço da leitura, surge a discussão em torno do lúdico, e entrelaçando como fios de uma mesma tapeçaria, um cenário de vivacidade e encantamento que parte da escola, convidando-nos a explorar as múltiplas camadas de significado que permeiam nossa relação com a natureza e com o mundo ao nosso redor.

Neste contexto, os artigos: "O lúdico no processo de ensino-aprendizagem: a prática de confecção de maquetes nas

aulas de Geografia,” dos autores: Jerlane Ferreira da Silva, Kamila da Silva, Dirceu Ribeiro Dias, Herik Roseno Ferreira da Silva, Antony Lucas de Souza, Carlos Daniel Silva de Moraes, Clélio Cristiano dos Santos e Izabelly Alves Lopes. E o “Jogo torta na cara geográfica: uma dinâmica lúdica no processo de ensino-aprendizagem” escrito por Bruna da Silva oliveira, Erika Bernardo de Oliveira, Lays Gomes da Silva, Lucas Vinicius Paulino da Silva, Lucimeire da Silva Pimentel, Clélio Cristiano Dos Santos e Izabelly Alves Lopes, somos levados a refletir sobre o poder do lúdico como ferramenta pedagógica para tornar o ensino da Geografia mais dinâmico e significativo, promovendo uma aprendizagem engajadora e prazerosa. Soma-se a estes, o estudo sobre “Pesquisa e Ensino de Geografia Escolar Através das Paisagens da ‘Rua da Frente’ em Paulo Afonso/BA”, de Alexandre Marques dos Santos e Kleber Costa da Silva, que nos traz contribuições valiosas para repensar o ensino da Geografia de forma mais contextualizada e envolvente, estimulando a participação ativa dos alunos na construção do conhecimento. Por fim, o estudo de Walber Mendes Gama e Ramon Alves de Santana sobre “Modelagem de Propagação a Deslizamentos de Terras na Bacia Hidrográfica do Riacho do Silva, Maceió, Alagoas, Brasil”, destaca a importância da aplicação de modelos geográficos na gestão dos riscos naturais em áreas urbanas. Ao investigar os deslizamentos de terras na região, os autores nos alertam para a necessidade de medidas preventivas e de planejamento territorial para mitigar os impactos desses eventos.

Assim, este prefácio é apenas um convite para adentrar nesse universo de conhecimento e reflexão, materializado nos artigos aqui apresentados, todos ancorados em sólidas bases teóricas e metodológicas, que nos oferecem contribuições significativas, não apenas para o campo acadêmico, mas também para as próprias comunidades estudadas. Ao

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fechine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

evidenciarem as práticas sociais e as relações de trabalho, esses estudos lançam luz sobre as complexidades e desafios enfrentados por essas comunidades, bem como suas estratégias de resistência e afirmação cultural.

Assim como as águas do São Francisco fluem em suas inúmeras curvas, os textos aqui reunidos nos conduzem por um trajeto sinuoso, repleto de descobertas e reflexões. Que este prefácio seja apenas o ponto de partida para uma jornada de aprendizado e inspiração.

Boa leitura!

Profa. Dra. Maria Ediney Ferreira da Silva
Arapiraca 08 de abril de 2024

APRESENTAÇÃO

O V Encontro de Geografia do Sertão de Alagoas (V EGSA) visou, a partir da interação com profissionais de excelência em suas áreas de atuação, discutir o contexto da Geografia além das fronteiras da região, propiciando a todos os participantes um contato com o estado da arte das investigações nas diversas áreas que compõem a Geografia. O supracitado encontro acontece bianualmente e constitui o principal evento na área de Geografia no Sertão Alagoano.

A Geografia, em seu processo de desenvolvimento histórico como área do conhecimento, veio consolidando sua posição como uma ciência que busca conhecer e explicar as múltiplas interações entre a sociedade e a natureza. Isso significa dizer que possui um conjunto muito amplo de interfaces com outras áreas do conhecimento científico. Assim, coloca-se a necessidade de compreender essa realidade espacial, natural e humana, não de uma forma fragmentada, mas como uma totalidade dinâmica.

A Geografia vem evoluindo, nas últimas décadas, tanto pela introdução e aprofundamento de metodologias e tecnologias de representação do espaço (Geoprocessamento e Sistemas Geográficos de Informação, Cartografia automatizada, Sensoriamento remoto etc.) quanto no que concerne ao seu acervo teórico e metodológico em nível de pesquisa básica (campos novos ou renovados como Geoecologia, Teoria das redes geográficas, Geografia cultural, Geografia econômica, Geografia política e Recursos naturais, etc.), quanto em nível de pesquisa aplicada (planejamento e gestão ambiental, urbana e rural).

Assim sendo, devemos admitir que essas transformações no campo dos conhecimentos geográficos vêm colocando desafios para a formação não apenas do geógrafo-pesquisador

(técnico e planejador), mas também para o geógrafo-professor do ensino fundamental, médio e superior.

A atual dinâmica das transformações pelas quais o mundo passa, com as novas tecnologias, com os novos recortes de espaço e tempo, com a predominância do instantâneo e do simultâneo, com as complexas interações entre as esferas do local e do global afetando profundamente o cotidiano das pessoas, exige que a Geografia procure caminhos teóricos e metodológicos capazes de interpretar e explicar esta realidade dinâmica.

Os geógrafos e licenciados em Geografia, como quaisquer outros profissionais, necessitam discutir teorias, materiais, métodos, formas de representação, atuação profissional, bem como divulgar suas ações. É nesse sentido que tal fórum de divulgação de trabalhos de pesquisa científica se articula e se complementa. A obtenção de recursos de custeio será para cobrir gastos do evento, incluindo a vinda de pesquisadores nacionais, que já aceitaram o convite, e cuja presença propiciará uma interação maior entre a comunidade acadêmica nordestina.

Ressaltamos ainda a importância do apoio para a realização do V EGSA, visto o momento acalorado de discussão sobre o papel da Geografia na formação do profissional de ensino e de pesquisa, bem como nas repercussões dos problemas ambientais nas diferentes esferas e escalas espaciais.

O tema do evento foi o mesmo título deste livro "As Geografias das Águas do Rio São Francisco: Ensino, Pesquisa e Extensão no Sertão Alagoano" e foi pensado a partir das transformações socioespaciais ocorridas nos últimos anos no sertão alagoano, bem como no caráter interdisciplinar e na indissociabilidade dos principais temas norteadores: Geografia física, humana e ensino de Geografia.

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fechine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

O V EGSA contou com um público de mais de trezentos participantes, cujos estudos e pesquisas socializados consolidam-se nos momentos de diálogo, intercâmbio e parcerias entre pesquisadores, profissionais e estudantes de diferentes partes do país, como da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas (IFAL) dentre outras Instituições de Ensino Superior e Pesquisa.

Além de cumprir um dos nossos objetivos como instituição pública de ensino, pesquisa e extensão, a Universidade Federal de Alagoas (UFAL) Campus do Sertão mostrará também sua competência e capacidade de mobilização e integração de profissionais e pesquisadores da área da Geografia e afins. O Evento constitui-se como uma oportunidade para que a instituição e seus setores apresentem sua infraestrutura instalada, suas competências, seus interesses e disposição em promover convênios e intercâmbios com outras instituições.

Boa leitura!

José Alegn Roberto Leite Fechine
Ricardo Santos de Almeida
Maria Patrícia Cabral da Silva
Outubro de 2023

TERRITORIALIDADES DO SÃO FRANCISCO EM PIRANHAS/AL

Maria Ellen Laryne Alves da Silva¹

INTRODUÇÃO

O objetivo deste ensaio é elucidar as múltiplas transformações socioespaciais em Piranhas atreladas ao rio São Francisco, além de elencar a importância social que ele exerce ao longo da história no município de Piranhas-AL. Este artigo está pautado na categoria de território, tendo em vista que, “O território é o lugar em que desembocam as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência” (Santos, 2007, p. 14). O território é o espaço onde ocorrem múltiplas ações decorrentes dos grupos sociais que desenvolvem suas relações culturais, econômicas e políticas. Em Piranhas-AL, a partir dos usos das águas do rio São Francisco, surgem novas transformações espaciais através da construção e instalação da ferrovia Paulo Afonso e da Usina Hidroelétrica de Xingó, onde é possível analisar os processos territoriais, e como as relações de poder e interesses sociais que moldaram o espaço geográfico da cidade.

Piranhas-AL foi palco de acontecimentos históricos e modernizadores da região em decorrência das suas condições geográficas, como processos econômicos com utilização total da hidrovia, da ferrovia, e os investimentos trazidos por Delmiro Gouveia, bem como o cangaço e a implantação da hidrelétrica de Xingó, possuindo peculiaridades para ser a cidade tombada

¹Graduada em Licenciatura Plena em Geografia, Universidade Federal de Alagoas (UFAL), larinnysilva@gmail.com.

pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

A pesquisa está fundamentada nas concepções teórico-conceituais produzidas por Saquet (2009), Raffestin (1993), Santos (1999) entre outros. Os supracitados autores contribuíram acerca do conceito de território e suas territorialidades. A técnica de pesquisa escolhida foi de cunho exploratória e qualitativa, envolvendo levantamentos bibliográficos e entrevistas com moradores do município. Foi elaborado um questionário com perguntas abertas voltadas a importância, simbolismo, impactos, cuidados e conservação do rio São Francisco.

O referido artigo busca abordar o conceito de território e as territorialidades que constituem a cidade de Piranhas-AL, analisando os processos territoriais e como as relações de poder e interesses sociais moldaram o espaço geográfico da cidade.

A TERRITORIALIDADE DE PIRANHAS-AL

A territorialidade pode muitas vezes ser confundida com território, mas é importante salientar sua diferença. De acordo com Raffestin (1993), a territorialidade é um sistema composto de relações formadas por tempo, espaço e sociedade. Saquet (2010) complementa que a territorialidade é uma dimensão que incorpora todas as relações do cotidiano social, por esta ligada a maneira como o homem faz uso da terra e a organização do espaço.

A territorialidade é um fenômeno social que envolve indivíduos que fazem parte do mesmo grupo e de grupos distintos. Há continuidade e descontinuidade no tempo e no espaço; as territorialidades estão intimamente ligadas a cada lugar: elas dão o nome e identidade e são influenciadas pelas condições históricas e geográficas de cada lugar. (Ferreira, 2014, p.122 *apud* Saquet, 2009, p. 88).

Ainda complementa:

(...) compreendemos a noção de territorialidade como um processo de relações sociais, tanto econômicas, como políticas e culturais de um indivíduo ou de um grupo social. A territorialidade corresponde às relações sociais e às atividades diárias que os homens têm com sua natureza exterior. É o resultado do processo de produção de cada território, sendo fundamental para a construção da identidade e para a reorganização da vida cotidiana (Ferreira, 2014, p.122 *apud* Saquet, 2009, p. 8).

Podemos concluir que a territorialidade é toda e qualquer relação cotidiana que ocorre dentro do território de maneira a organizar e reorganizar – se preciso for –, o modo de vida dentro destes espaços, caracterizando-os como únicos espaços pertencentes a tal território, sendo possível identificarmos e distingui-los dos demais, resultado dos processos materializados e visíveis no território, formados através dos condicionantes históricos, geográficos e humanos. Vamos agora observar alguns processos sociais que modificaram Piranhas-AL,

O início do povoamento do município de Piranhas-AL, começou no Distrito de Entremontes². Na segunda metade do século XVIII, o povoado Tapera, então Cidade de Piranhas-AL, iniciou seu processo de ocupação como uma pequena comunidade de pescadores cujo modo de vida era simples. Seu comércio girava em torno do rio São Francisco, através de navegações (as embarcações pernambucanas: Vapor Sinimbú e a Vapor Jequitaya), que traziam os alimentos para serem comercializados na feira. A pesca e agricultura eram o meio de sobrevivência daquela época. Com o passar dos anos a cidade vai se desenvolvendo e expandindo, através de alguns fatores,

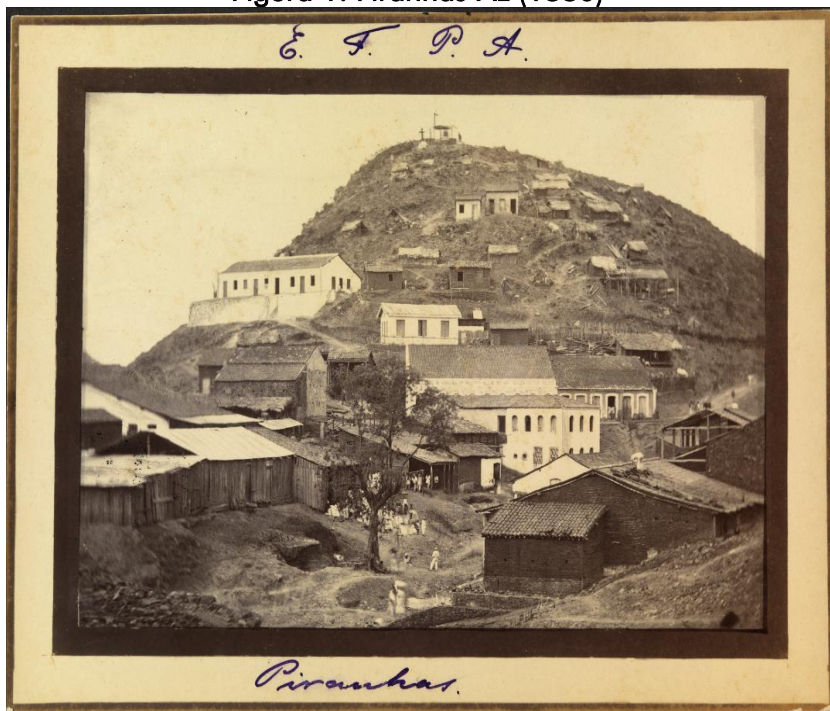
²Consultar BRASIL. Perspectivas para o meio ambiente urbano: GEO Piranhas. Coordenado por Regina Dulce Barbosa Lins. Maceió – Alagoas. 2010.

como: a instalação da ferrovia na cidade e a construção da Usina Hidrelétrica de Xingó. O espaço geográfico da cidade de Piranhas-AL, antes da chegada da Estrada de Ferro, era caracterizado como “[...] um lugar apertado entre serras de granito e pouquíssimos pescadores” (Oliveira, 2003 p. 266 *apud* Marroquim, 1922), sem qualquer noção de urbanização.

Fazendo uma análise em escala nacional, é possível observar que para o cenário comercial brasileiro daquela época, os transportes fluviais detinham alguns impasses de locomoção, tendo a necessidade de adição e ampliação de outros meios de transporte. Vale ressaltar que as navegações eram o meio de transporte utilizado por todo o Brasil para a importação e exportação. Com o Brasil em seu momento de alta na exportação dos produtos agrícolas, viu-se a necessidade de uma ferramenta ágil de locomoção e a partir de então iniciou a implementação das ferrovias no país. A implementação das ferrovias no interior das províncias tinha o intuito de acelerar a circulação comercial ligando trechos não navegáveis, como por exemplo, através dela foi possível conectar Alagoas a Pernambuco- estado que fazia a exportação do Açúcar e Algodão.

Além do pouco investimento que era destinado as regiões Norte e Nordeste, que tinha que se manter com pouco recurso, com o velho discurso de corte de gastos, já que havia a supervalorização da região Sul, bem como das regiões produtoras de café. Vale destacar também a transição da monarquia para a república. A geografia do então povoado de Piranhas-AL, era caracterizada por morros e serras que dificultavam seu contato com as demais regiões. Um perfil totalmente desinteressante para quaisquer atividades econômicas. Através das figuras 1 e 2, é possível ter uma pequena noção do espaço geográfico da cidade.

Figura 1. Piranhas-AL (1880)



Fonte: Biblioteca Nacional, acesso em 20/02/2023.

A chegada da ferrovia em Piranhas-AL foi caracterizada por mudanças no território para sua implantação, mas mesmo com as dificuldades, a construção deu-se em 23 de outubro de 1878, por meio do decreto de nº 6.918 pelo Visconde de Sinimbu³. e tinha por objetivo ligar o povoado Tapera

³Para maior aprofundamento ver TAVARES, Ranielly Marina Ventura. **Entre o caos e o progresso: transformações urbanas e econômicas na cidade de Piranhas-AL através da Estrada de Ferro Paulo Afonso (1878-1883)**. Monografia – (licenciatura em História), curso de licenciatura em história. Universidade Federal de Alagoas. Delmiro Gouveia. 2021.

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegnberto Leite Fechine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

(Piranhas-AL) ao município de Jatobá-PE. A ferrovia passava por regiões não navegáveis do rio, já que a estrutura hidrográfica impedia a conexão por via fluvial, tendo em vista que neste trajeto encontra-se a cachoeira de Paulo Afonso, além de montes. O trajeto total tinha 116km de extensão.

Figura 2. Piranhas-AL (1880)



Fonte: Biblioteca Nacional, acesso em 20/02/2023.

A organização espacial e territorial de Piranhas-AL começa a se formar onde hoje está localizado o centro histórico do município, pois havia a necessidade de um entreposto de abastecimento e repouso no sertão, e a localidade servia perfeitamente, já que é o último trecho navegável do rio São

Francisco, e por este mesmo motivo, serviria como local ideal para a construção da ferrovia, um ponto de conexão entre os dois meios de transporte (ferrovia e navegações), em um período de produção do café, algodão e açúcar.

A urbanização em Piranhas-AL, a princípio, começou através da construção da estrada de ferro (conectando Piranhas-AL ao estado de Pernambuco, ligando também o baixo São Francisco ao Alto São Francisco) e do entreposto comercial, impulsionando a ocupação territorial deste espaço. Anteriormente, Piranhas-AL tinha seu território ocupado por retirantes, com uma economia voltada ao comércio restrito do artesanato, pesca e de produtos oriundos de outros povoados na feira semanal, com meios de subsistência precários, um território abandonado pelo poder público⁴.

O território vai se moldando através da linha férrea em um processo de modernização mundial que valorizou seu território, ampliou o mercado, aumentou a circulação de capital, melhorou a comunicação regional, saúde e educação. "A partir disso, pode-se perceber que o interior nordestino passou a se tornar signifiante nas relações comerciais nacionais, e cada região que adquiriu os caminhos de ferro se tornou valorizada." (Tavares, 2021, p. 22), possibilitando o contato dos moradores de Piranhas-AL com cidades bem mais desenvolvidas que faziam parte do trecho da linha férrea, oferecendo acesso a mercadorias e serviços, mais organizado. Além da reforma arquitetônica no espaço urbano da cidade tornando-se um ícone da admiração. Estes foram apenas os primeiros passos do impulso de crescimento e modernização na cidade.

A chegada da Companhia Hidro Elétrica do São

⁴Para melhor compreensão sobre o contexto econômico da cidade de Piranhas-AL anterior a construção da usina consultar SILVA, Davi Roberto Bandeira da. **A Construção da Estrada de Ferro Paulo Afonso**: fotografia e história. Maceió: Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, 2012.

Francisco (Chesf) no território de Piranhas-AL, modificou a organização do espaço geográfico do município. Piranhas-AL, contava com um povoado chamado Canavieiras⁵, que durante os anos de 1987 e 1988 deve que ser desapropriado para a construção do reservatório da Hidrelétrica de Xingó. A CHESF trazia consigo uma nova perspectiva para a região com a implementação de uma infraestrutura física, geração de empregos, de sua maioria temporários e construção de infraestrutura social.

O espaço que antes era configurado por estradas de chão e comércio centralizado no centro histórico, passou por uma roupagem e ganhou estradas, vilas, hospital, escolas, impulsionamento do comércio, saneamento básico, eletrificação da zona rural, espaço de lazer, geração de demanda, emprego e renda. Avanços estruturais significativos para Piranhas-AL foram causados pela construção da usina em decorrência do rio São Francisco.

Essa nova organização do espaço trouxe um fluxo migratório para a região e grande circulação de pessoas dentro da malha urbana da cidade de Piranhas-AL. Uma porção populacional migrando para a localidade de uma só vez, trazendo consigo uma perspectiva de modernização. É importante destacar que as relações que se estabeleceram neste espaço envolvem relações de trabalho, de indivíduos culturalmente divergentes vivendo no mesmo espaço com temporalidades diferentes. Essas relações são caracterizadas por desarmonias a fim de favorecer a elite.

É importante salientar que a população não se opôs a nada que foi introduzido pela CHESF, porque a cidade encontrava-se em um período de estagnação econômica, construindo uma relação de dependência, alimentando a esperança de uma

⁵Povoado que pertenceu ao município de Piranhas-AL, que continha 13 famílias antes da apropriação do espaço pela CHESF.

volta econômica por parte da população. As relações formadas pela população e a Companhia são repletas de gradações. Em diversas situações a Companhia demonstrou seu poderio. Demonstrando sutilmente seu poder perante aquele território.

Piranhas foi emancipada em 1879⁶, as porções territoriais do município foram se desenvolvendo conforme as necessidades e interesses específicos dos grupos sociais de maneiras distintas. Consequência disso há momentos e fatores distintos de ocupação em todo o território municipal, criando uma rede dispersa e com dificuldades de integração entre si. Dentro do território há várias dimensões do homem, que é sociedade e ambiente interligados, e dentro deste espaço reproduzem, são e estão simultaneamente produzindo território e territorialidades. “Assim sendo, os homens têm centralidades na formação de cada território, cristalizando relações de influência, efetivas, simbólicas, conflitos e identidades.” (Ferreira, p. 125. 2014). A territorialidade vai sendo construída e organizada de acordo com os interesses dos grupos sociais que ocupam cada espaço do território municipal de Piranhas-AL, sendo o homem influenciador central nas transformações territorial deste espaço.

METODOLOGIA

A Pesquisa desenrolou-se através de alguns tipos de fontes, bibliográfica e fonte oral. Por meio do depoimento de alguns moradores do município de Piranhas, na busca por dados qualitativos que nenhuma outra fonte pode proporcionar. A pesquisa oral foi realizada através de um questionário base, construído com perguntas abertas. As entrevistas foram realiza

⁶Para maior aprofundamento ver Prefeitura Municipal de Piranhas. Piranhas-AL. [s.d]. disponível em: <https://prefeitura.piranhas.al.gov.br/historia/> Acesso em 05/06/2022.

em 2023, tendo como foco a perspectiva da população acerca da importância do rio para o desenvolvimento da cidade de Piranhas-AL. Trago neste ensaio um pequeno trecho de uma das entrevistas realizada com os moradores locais.

DISCUSSÕES/RESULTADOS

A história de Piranhas-AL gira em torno do rio, pois através dele mudanças significativas transformaram o espaço geográfico e a vida das pessoas. Dessas mudanças podemos citar a ferrovia e Chesf, ambas instaladas em decorrência das condições geográficas da cidade que favoreciam interesses capitalistas. “Na modernidade, os rios são objetos de aplicação de conhecimentos científicos. Descobrem-se sua natureza e as leis que regulam seus fluxos para submetê-los por inteiro à intervenção, [...]” (Seabra, 2022, n.p.).

Este rio é muito importante para a gente. Ele nos alimenta, fornece meios de trabalho, alimenta nossa sede, acende as luzes da nossa casa e traz lazer nos fins de semana. Acredito que esta cidade e as pessoas que vivem nela nunca se esquecem desse Velho Chico, porque ele é bom demais com a gente. Até as escolas veem aqui trazer e mostrar a importância do São Francisco para os jovens e pequenos. Minha família depende dele e todos que vivem aqui em Piranhas. Aqui no baixo São Francisco, nada se desenvolveria se não com ele, até porque não tem investimento para indústria. Sem o rio não teria a CHESF, nem mesmo o antigo trem passaria por aqui. Estas coisas chegaram por algum motivo, e esse motivo foi o rio.⁷

Diante do depoimento do entrevistado podemos perceber qual amplo é o papel do rio para a cidade de

⁷Entrevistado A. Entrevista concedida a autora em 22/06/2023. Para maior aprofundamento ver

Piranhas-AL, desde sua formação até a atualidade. E como a população enxerga a importância este bem natural que banha as margens de seu município.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O São Francisco historicamente assumiu papel de conflitos, integração, ferramenta de controle, além de abastecedor de parte do semiárido brasileiro levando água para comunidades que necessitam, por isso é de extrema importância econômica, social e cultural, além de ser considerado um rio de integração por ligar a região Nordeste a Sudeste. Por isso esta pesquisa buscou elucidar a importância que ele exerce no município de Piranhas-AL, bem como chamar atenção social para o cuidado e zelo por este bem que banha este município.

Como foi possível observar, deste o início de suas atividades Piranhas-AL já utilizava o rio São Francisco como ferramenta auxiliadora de conexão com demais localidades, sendo ele demasiadamente importante no desenvolvimento da cidade e da região, através da navegação fluvial e da geração de energia elétrica, entre outros impulsos. Era por meio dele que as embarcações traziam os produtos para serem comercializados na feira, foi por estar localizada num ponto estratégico do rio que a ferrovia pode ser instalada nesta região e, posteriormente, viria a chegar à usina hidrelétrica de Xingó e o crescente turismo, desenvolvendo a economia e cultura local.

É notável observar o papel que o rio exerce sobre este espaço e o quanto ele favorece a região. Podemos então dizer que através do rio, as relações sociais influenciaram e foram moldando o espaço e criando territorialidades de Piranhas-AL. "O espaço é resultado da ação do homem sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais" (Santos; Elias, 1988, p. 71).

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, A. N. 1997. **O Homem dos Terraços de Xingó**. Relatório de visita e pesquisas na área de Xingó (nov.de 1997). Projeto financiado pela CHESF. Doc. n. 6. Projeto Arqueológico Xingó. Universidade Federal de Sergipe. 1997.

ALBUQUERQUE, Adriano França Varela de. **Antes e depois da CHESF: as transformações políticas e sociais de Paulo Afonso (BA) (1948-1964)**. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em História) – Curso História Licenciatura. Universidade Federal de Alagoas. Delmiro Gouveia. p. 24. 2019.

BARBOZA, Monielly Suelen Gomes. **Luzes da dominação: a usina hidrelétrica de Xingó e as relações de poder da Chesf na cidade de Piranhas/AL (1980-2000)**. Tese (Mestrado em história) – Instituto de Ciências humanas, comunicação e artes. Programa de pós-graduação em história. Universidade Federal de Alagoas. Maceió - AL. p.137. 2020.

BRAGA, Rhalf Magalhães. O espaço geográfico: um esforço de definição. **GEOUSP – Espaço e tempo**. São Paulo. N. 22, p. 65-72. 2007.

BRASIL. Ministério de minas e energia. **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea estado de Alagoas**: Diagnostico do município de Piranhas.
MASCARENHAS, João de Castro. BELTRÃO, Breno Augusto. Souza Junior, Luiz Carlos de (ORG's). Recife. 2005.

BRASIL. **Perspectivas para o meio ambiente urbano: GEO** Piranhas. Coordenado por Regina Dulce Barbosa Lins. Maceió – Alagoas. 2010.

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fechine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

CAMELLO FILHO, José Vieira. A dinâmica política, econômica e social do rio São Francisco e do seu vale. **Revista do Departamento de Geografia**. N. 17. p. 83-93. 2005.

CASTRO, Iná Elias de. Gomes, Paulo Cesar da Costa. Corrêa, Roberto Lobato. (org.) **Geografia: Conceitos e temas**. Bertrand Brasil. 2ª edição. Rio de Janeiro. p. 9-47. 2000.

Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco - CBHSF. A bacia do São Francisco. Disponível em:

<https://cbhsaofrancisco.org.br/a-bacia/>. Acesso em: 10/04/2023.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Sobre a tipologia de Territórios**. 2009. Disponível em:

<https://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/ruralidade/sobre-a-tipologia-de-territorios.pdf/view>. Acesso em: 19/08/2022.

FERREIRA, Denison da Silva. Território, territorialidade e seus múltiplos enfoques na ciência geográfica. **Campo-Território: revista de geografia agrária**. v. 9, n. 17, p. 111-135. 2014.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Cidades e estados: Piranhas-AL**. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/al/piranhas.html> . Acesso em: 06/03/2023.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Piranhas-AL**.

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/piranhas/historico> Acesso em: 02/03/2023.

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fechine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Vetores estruturantes da dimensão socioeconômica da bacia hidrográfica do rio São Francisco**. Rio de Janeiro. IBGE. 2009.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **Piranhas (AL)**. Disponível em:
<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/111/>. Acesso em 19/08/2022.

IRMÃO, José Jenivaldo de Melo. Água, pobreza e políticas públicas: um foco sobre o município de Piranhas, sertão de São Francisco Alagoano. Economia política do desenvolvimento. Maceió Vol 1, N. 7, P. 27-45. 2010.

LIMONAD, Ester. HAESBAERT, Rogério. O território em tempos de globalização. Etc, espaço, tempo e crítica. Nº 2(4), vol 1. ISSN 1981-3732. 2007.

MELO, Sandra Soares. **Na Beira do rio tem uma cidade: urbanização e valorização dos corpos d'água**. Tese de doutorado – (Faculdade de arquitetura e urbanismo), curso de doutorado em arquitetura e urbanismo. Programa de Pesquisa e pós graduação -PPG/FAU. Universidade de Brasília – UnB. Brasília. 2008.

MUNFORD, Lewis. **A cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

OLIVEIRA, Evelina Antunes F. de. Nos Trilhos da História do Baixo São Francisco: um ensaio sobre a Estrada de Ferro Paulo Afonso. **MNEME Revista de humanidades**, Rio Grande do Norte. v. 4, n. 8, p. 262-281, 2003.

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fechine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

Prefeitura Municipal de Piranhas. **Piranhas-AL**. [s.d]. Disponível em: <https://prefeitura.piranhas.al.gov.br/historia/> Acesso em 05/06/2022.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução: Maria Cecília França. Editora Ática. São Paulo. 1993.

SANTOS, Milton. **Desenvolvimento econômico e urbanização em países subdesenvolvidos: os dois sistemas de fluxo da economia urbana e suas implicações espaciais**. Tradução: Tania Bondezan e Amélia Luísa Bamiiani. Boletim paulista de geografia. P. 33-69. 1977.

SANTOS, Milton. **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 3.ed. Lamparina. 2007.

SANTOS, Milton; ELIAS, Denise. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. Hucitec, São Paulo. 1988.

SAQUET, Marcos Aurelio. **Abordagens e concepções de território e territorialidade. Revista Geográfica de América Central**. Número especial EGAL. Costa Rica. P. 1-16. 2011.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. **Os meandros dos rios nos meandros do poder: Tietê e Pinheiros: valorização dos rios e das várzeas na cidade de São Paulo [recurso eletrônico]**. 1. Ed. Alameda. São Paulo. 2021. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=bSU_EAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=a+forma%C3%A7%C3%A3o+das+cidades+pelos+rios&ots=EpAb7aAtlb

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fachine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

&sig=IDDwbiO88WX4iN0XrBeWJV07HtM#v=onepage&q&f=fa
lse . Acesso em 10/02/2023.

SILVA, Davi Roberto Bandeira da. **A Construção da Estrada de Ferro Paulo Afonso**: fotografia e história. Maceió: Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, 2012.

SILVA, Paulo Adriano Santos. Território: abordagens e concepções. **Boletim DATALUTA**. 2015.

SILVA, Vanderlan Cassimiro da; SILVA, Jaílton Elias da; GUIMARÃES JÚNIOR, Sinval Autran Mendes. Os agentes formadores do espaço urbano da cidade de Viçosa, Alagoas – Brasil. **Revista contexto geográfico**. Maceió - AL. V.3, n.6. P. 77-93. 2018.

TAVARES, Ranielly Marina Ventura. **Entre o caos e o progresso: transformações urbanas e econômicas na cidade de Piranhas-AL através da Estrada de Ferro Paulo Afonso (1878-1883)**. Monografia – (Licenciatura em História), curso de licenciatura em história. Universidade Federal de Alagoas. Delmiro Gouveia. p. 30. 2021.

ESTRATÉGIAS DE APROPRIAÇÃO, PERMANÊNCIA, RESISTÊNCIA E EXISTÊNCIA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA PIXAIM, MUNICÍPIO DE PIACABUÇU/AL

Isaac Lucas da Silva⁸
Auceia Matos Dourado⁹

INTRODUÇÃO

O território, no estudo em questão é definido como um espaço apropriados por laços afetivos, construídos pela vivência, práticas simbólicas e manifestações identitárias. Considerando essas características, o trabalho intitulado “Estratégias de apropriação, permanência, resistência e existência na comunidade Pixaim, município de Piaçabuçu/AL, tem como principal objetivo estudar as relações dos moradores da comunidade Pixaim com o território e as representações do mesmo, considerando a apropriação no sentido funcional e simbólica (existência e resistência). A pesquisa¹⁰ que deu origem ao antigo em questão guiou-se metodologicamente pela abordagem qualitativa e foi desenvolvida por meio de observações, relatos orais, entrevistas semiestruturadas e registros fotográficos. Infere-se que para os moradores da comunidade quilombola do Pixaim, o território é múltiplo, visto como fonte de recursos e produtor de significados, envolvendo o uso e a ocupação do espaço. Nesse espaço mistura-se

⁸Graduando do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Alagoas, lucasdaasilvaa123@gmail.com

⁹Professora da Universidade Federal de Alagoas, Unidade Educacional Penedo, auceia.dourado@penedo.ufal.br

¹⁰O trabalho é parte dos resultados da pesquisa PIBIC/UFAL – Ciclo 2019 - 2020, com título: “R-existir no território”: apropriação, território e territorialidade na comunidade Pixaim, município de Piaçabuçu/AL, orientado pela Profa. Dra. Auceia Matos Dourado.

passado e presente, material e imaterial, tradição e ruptura. Permanecem e resistem no território, mesmo com as limitações impostas pelo meio.

A comunidade quilombola do Pixaim, *lôcus* da pesquisa, está situada no município de Piaçabuçu, região ribeirinha de Alagoas, um local que possui peculiaridades no que diz respeito às formas de apropriação e produção do espaço. Cercada por dunas, e sofrendo os efeitos das modificações climáticas, que ocasionaram o avanço do mar sobre o rio São Francisco, os moradores da comunidade desenvolveram um modo de vida particular, convivendo com as alterações do meio, em função dos ventos. Isolados, sem energia elétrica e água encanada, conservam sua cultura, não em função de suas dificuldades, mas pelo sentimento de pertencimento ao local, o território.

O objetivo principal do trabalho é estudar as relações dos moradores da comunidade do Pixaim com o território e as representações do mesmo, considerando a apropriação no sentido funcional e simbólica (existência e resistência). De modo mais específico busca-se compreender as relações dos moradores com seu espaço de referência, as tradições (o que permanece) e as traduções, as estratégias, sonhos, possibilidades.

Os conceitos que balizam o estudo voltam-se para a compreensão do território e suas representações, das territorialidades, das tradições e traduções e das formas de existência e resistência no território. O território é entendido nesse estudo como espaço físico, social e cultural, pois os indivíduos que ali residem sobrevivem nesse espaço, mas também o têm como referência identitária, que envolve subjetividade, representações, cultura e simbolismo.

Figura 1: Localização da comunidade do Pixaim, município de Piaçabuçu, AL. (2021).



Fonte: Google maps (2021).

As tradições e as traduções são conceitos empregados por Hall (2000), quando se refere a construções identitárias na atualidade, pois segundo o autor, algumas identidades gravitam

em torno da tradição, tentando recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como sendo perdidas. Contudo aceita-se também que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença, ou seja, das traduções, do devir. Assim, o trabalho em questão afina-se com a ideia de que os processos de identificação e vínculos de pertencimento podem se constituir por tradições (“raízes”, heranças, passado, memórias...) e pelas traduções (estratégias para o futuro, “rotas”, “rumos”, projetos) (Cruz, 2006; Dourado, 2014).

Sobre as territorialidades, também se entende que as mesmas são um conjunto de práticas cotidianas que envolve o saber fazer dos indivíduos, seu cotidiano e suas representações culturais. Para Corrêa (1996, p. 251) as mesmas são “[...] conjunto de práticas e suas expressões materiais e simbólicas capazes de garantirem a apropriação e permanência de um dado território por um determinado agente social, Estado e os diferentes grupos sociais [...]”.

JUSTIFICATIVA

O trabalho se justifica pela necessidade de compreensão sobre as formas de apropriação de um espaço com características particulares em função da localização, formas de existência e as estratégias de sobrevivência dos seus moradores, pois permanecem e resistem no território, mesmo com as limitações impostas pelo meio e as dificuldades de acesso. O acesso ao Pixaim só é feito por barco ou pelas dumas com automóvel de tração. A oferta de barco para fretamento até o local é limitada e depende da disponibilidade e do horário. A opção mais abundante de barco é pela manhã.

As atividades desenvolvidas pela pesquisa objetivaram observar as dinâmicas de vivência, resistência e existência dos

moradores de Pixaim, atividades produtivas, analisando suas representações e formas de apropriação do espaço. Foi possível identificar que a comunidade do Pixaim possui uma organização espacial estruturada a partir das limitações que o território proporciona. A construção das casas, a busca pela água e as formas de trabalho, apresentam-se como elementos de organização do espaço e de um modo de vida particular.

Assim ao estudar o Pixaim buscou-se observar multiplicidade do território, estudando-o como fonte de recursos e também de significados, numa perspectiva interdisciplinar, buscando a compreensão sobre o território e suas acepções, a fim de explicar como as diferentes percepções, naturais e culturais, influenciam a dinâmica social em um determinado espaço.

METODOLOGIA

As atividades de pesquisa, que deram origem ao referido artigo, se iniciaram em agosto de 2019 e foram divididas em etapas, tendo como etapa inicial o levantamento bibliográfico, leitura de livros e artigos científicos que proporcionariam um embasamento teórico sobre o tema estudado e informações sobre o objeto de estudo. Assim utilizou-se como arcabouço teórico autores como Haesbaert (1999; 2004), Cruz (2006; 2007), Dourado (2014), Saquet (2010), Zambi (2017), além de relatórios de pesquisa sobre a área, para construção de um quadro conceitual sobre território, identidade, modo de vida, lógicas produtivas e territorialidade.

Com a base teórica estabelecida, procedeu-se a elaboração do roteiro de observação, com base nos objetivos do plano de trabalho, buscando-se entender as relações dos moradores da comunidade com seu território, as estratégias de permanência, resistência e existência no território, mesmo

diante das dificuldades (acesso restrito, falta de infraestrutura básica).

A pesquisa guiou-se pela abordagem qualitativa, tendo o ambiente natural como fonte de dados e o pesquisador como instrumento-clave. Nesse sentido, o interesse maior dos que fazem opção por esta abordagem, é a busca pelos processos e pelos significados presentes nas histórias e narrativas (Triviños, 1987).

As atividades de observação simples foram iniciadas em novembro de 2019 e durante as visitas de campo foram utilizadas diversas técnicas para levantamentos de dados tais como, observação, anotações em diário de campo, conversas informais com alguns moradores e registro fotografias, para documentar aspectos pertinentes ao cotidiano dos moradores e características territoriais da comunidade. A observação simples, embora seja considerada espontânea, coloca-se num plano científico, para além da simples constatação dos fatos, uma vez que as informações registradas são respaldadas por uma teoria *a priori* (Alves-Mazzotti; Gewandsznajder, 2002).

Destarte, buscou-se captar o cotidiano dos moradores no seu espaço de trabalho, suas vivências e formas de apropriação do território (uso, representações, simbolismo). O roteiro de entrevistas semiestruturado, previamente adequado aos objetivos da pesquisa (linguagem e estrutura) e a partir das informações colhidas na fase de observação, versava sobre as vivências, cultura, estratégias de sobrevivência no território, além da representação da identidade quilombola uma vez que a comunidade é reconhecida como tal.

Nas visitas iniciais, foram entrevistados quatro¹¹ moradores da comunidade, escolhidos de forma aleatória (homens e mulheres de diferentes faixas etárias) de modo a

¹¹ Uma entrevista foi descartada em função da má qualidade do áudio (interferência do som do vento, pois a mesma foi realizada ao ar livre).

garantir uma representatividade, considerando os variados tipos de sujeitos. Utilizou-se também outras entrevistas realizadas por pesquisadores a exemplo de Zambí (2017).

As falas foram utilizadas para delinear nosso entendimento sobre as categorias de análise que sustentam nosso estudo, com atenção para a análise do território, das identidades e das territorialidades, das tradições e das traduções.

DISCUSSÕES/RESULTADOS

De uma beleza única, a comunidade do Pixaim, situada no município de Piaçabuçu, estado de Alagoas, tem sua história marcada pelo movimento das dunas e pelas alterações constantes no seu ambiente natural. São as dunas que determinam a construção das casas, são as dunas que determinam a abertura das cacimbas (poços artesianos) e são as dunas que moldam a paisagem e de certa forma a vida dos seus moradores.

O vai e vem das dunas, que em seu movimento, encobre muitas vezes o que é material, também deixa transparecer o que só é visível pela percepção: o saudosismo do tempo passado, do povoado com muitos moradores, da água em abundância, as plantações de arroz e do pescado. Só assim é possível compreender o simbolismo retratado pelos moradores. “[...] tinha muita da gente na época de eu piveta, era muita da gente, uns quatrocentos habitantes ai daí foram embora, outros morreram ou foi se mudando, n/é? E ficando a gente” (Entrevistada 02). “[Hoje] A água tá salgada, [...]. Se a gente pescar pega uma marola, um peixinho, amanhã ou depois, quinze dias já não tem mais” (Entrevistada 02).

Figuras 2 e 3: Casas da comunidade Pixaim. Comunidade Pixaim, município de Piaçabuçu, AL. 2020.



Fonte: Dados da pesquisa de campo (2020).

Foto: Silva (2020).

Como já frisado, no Pixaim, a vida de seus habitantes é completamente influenciada pelo movimento das dunas, inclusive o local de escolha de suas moradias. É possível encontrar casas localizadas entre dunas, mais expostas ao vento, o que resulta numa casa que terá uma menor resistência à ação dos ventos e ao movimento das dunas e outras que foram construídas entre cajueiros ou coqueirais. À medida que as dunas avançam sobre o espaço construído, os moradores sentem-se obrigados a reconstruir uma nova casa em um ponto mais alto. Nesse ponto é possível perceber o sentimento de solidariedade por parte dos demais moradores, pois o proprietário da casa conta com o auxílio dos demais moradores da comunidade.

Os coqueiros são essenciais no povoado, pois além de servirem como matéria-prima, para o artesanato e a construção civil, também protegem as residências. Plantados próximos às residências, são usados como barreira de vento, evitando que a areia chegue ao interior das residências. Em alguns poucos casos é possível encontrar casas que possuem placas solares, que são fornecidas pelo governo, e casas com televisão à cabo, mas inexistente no povoado água encanada e luz elétrica como infraestrutura básica.

As casas encontradas em Pixaim podem ser vistas como um elemento de organização do seu espaço territorial, pois tem o papel de determinar a territorialidade e seus espaços de atuação. A maioria das casas são construídas de barro e madeira (pau-a-pique) e protegidas com palha de coco, palhas que também são usadas na cobertura, conjuntamente com as telhas de barro. Assim destaca-se que a convivência no território, o enfretamento das adversidades e os laços de solidariedade são traços marcantes da organização social dos moradores como estratégia de permanência e apropriação.

Sua organização espacial está ordenada de modo que é

possível perceber três esferas sociais distintas: a esfera doméstica, a esfera organizacional e a esfera dos espaços sagrados. A esfera doméstica é representada pela família nuclear, ou seja, composta pelo pai, mãe, filhos e avôs, num mesmo espaço de convivência. Mesmo tendo a figura paterna, como figura principal, a mulher possui um papel decisório nas atividades e decisões familiares e na economia doméstica, inclusive dividindo o mesmo espaço de trabalho: “Aí ele vai, tá pescando lá [no mar] e eu saio [...] nove hora da noite e saio. Chego lá e encontro ele [...]. Só volto [...] meia noite, de madrugada. [...] aí as vezes eu vou de dia com ele e venho a tarde [...]” (Entrevistada 02).

**Figura 4: Morador retirando água de cacimba para consumo.
Comunidade Pixaim, município de Piaçabuçu, AL. 2020.**



Fonte: Dados da pesquisa de campo (2020).

Foto: Silva (2020).

A esfera organizacional é representada pelos arranjos das

moradias, pela preservação dos locais onde se situam as cacimbas, e pelo espaço da capela. Destaca-se que como a comunidade não possui água encanada e a água do rio está salinizada, os moradores precisam cavar as cacimbas com uma certa frequência, pois o movimento das dunas encobre tal poço. A preservação das cacimbas, o cuidado para que a areia não a aterre, é também uma tarefa coletiva, pois a água retirada manualmente é usada para consumo humano e para os animais que existem na comunidade.

As famílias moram relativamente próximas umas às outras, criando laços de solidariedade e sociabilidade, e de convivência coletiva. Possuem parentesco e descendem dos escravos que viviam nesse espaço:

[...] as pessoas [...] vinha de lá [...] sofrido da escravidão ai corria praqui porque era um lugar sossegado, [...] vinha da escravidão [...] do sertão [...]. [...]eu tinha uma tia que morreu com cento e oito anos e ela falava sobre a escravidão, que as pessoas vinha praqui por causa que era escravo. Então que essas pessoas mais novo já é filho deles n/é? Das pessoas mais velhas, que era as escrava [...]. Então o que as pessoas falam por causa disso, que somu quilombola por causa já da escravidão dos cumeço [...] (Entrevistada 02).

Sobre esse aspecto, a relação entre descendência negra e identidade quilombola, os relatos mostram que a identificação com a identidade quilombola está presente sobretudo entre os mais velhos quando questionados sobre a identificação com a identidade quilombola:

O povo diz que aqui é, são os povo mais veio como meu pai o Aladin, ai isso eles fala que aqui era uma comunidade, antigamente era um lugar assim [quilombo]. Eu gosto, porque assim, o sofrimento da gente aqui tudo, o viver, a seca aqui, a gente sofre muito nesse lugar por causo de muitas coisas que a

gente não tem. [...] o quilombola foi assim, foi escravo assim, apanhava, não tinha direto, n/é? (Entrevistada 02).

Em relação à esfera dos espaços sagrados, a capela é a representação principal desse sagrado, um local destinado às festas e rituais religiosos. Os festejos além de servirem para reunir todos os moradores, é também uma oportunidade para que os migrantes retornem ao território e afirmem seus laços familiares, além de representar a expressão maior das tradições da comunidade, sobretudo entre os mais velhos, pois os mais jovens segundo relatos: “[...] não quer nada, só vai numa missa lá em uma festa do ano. [...] assim a noite que a gente reza o terço da noite, reza o terço, o ofício ele ia, mas agora não quer mais [...]” (Entrevistada 02).

Assim, no período da festa, o silêncio da comunidade é quebrado pelos fogos de artifício e pelos sons das músicas entoadas em devoção à Nossa Senhora da Conceição, padroeira da comunidade e pelo forró que antecede os festejos em homenagem à santa: “[...] tem festa, a gente faz a festinha, com o zabumba tudo no sábado, no domingo é a procissão e a missa, pronto encerra. E aí esse ano foi em dezembro, dia oito que foi a festinha” (Entrevistada 01). A parte sagrada segue o rito religioso:

[...] o pessoal chega faz a animação, arruma tudo, bota as bandeiras, aí quando vem chegando o povo faz a animação, vai fazer a novena, o ofício, [...] ai passa a noite tudinho ali e no outro dia a gente resolve isso de manhã, novamente, ai espera a tarde, o padre vem umas três horas, ai celebra a missa. (Entrevistada 02).

Pelos relatos e descrições, evidencia-se traços marcantes da formação social da comunidade, assim como a produção coletiva desse espaço. Cavar um pequeno poço artesiano, para

garantia da sobrevivência, cuidar da água, preservar os recursos, cuidar das casas, proteger suas paredes da ação do vento, organizar a festa de padroeiro, demonstra que esse espaço, para além da institucionalização, pois o mesmo faz parte da APA da Marituba do Peixe, uma área de preservação ambiental, é um território de enraizamento, de resistência, com produção coletiva do espaço.

A resistência e a afirmação de uma existência nesse território expressam-se como modo de vida, como sentimento de pertencimento com o local, mas também como necessidade. O pertencimento se mostra na opção pelo local de moradia, no apreço ao modo de vida: “Eu tenho uma casa lá em Piaçabuçu [...] aí eu deixei minha menina morando lá e vim praqui. “[Aqui] é um lugar bom, n/é? Não tem violência nem nada”. (Entrevistado 01). Contudo há também os que permanecem no território por necessidade, pois “[...] não se encaixam em outros locais [...]” não possuem “[...] condições financeiras para se manter em outras localidades [...]” (Entrevistado 03).

Infelizmente os moradores são descrentes quanto as mudanças nas condições de vida e se sentem de certa forma abandonados pelo poder público: “Não tem ninguém que vá dizer, ‘o pessoal tá precisando disso e daquilo’. Aqui eles só vêm fazer promessa, meu irmão. Promessa e proza e nada chega. Na eleição [...] eles andam por aqui atrás de voto. Agora ajudar as pobreza é que num ajuda” (Entrevistado 01). Os maiores problemas da comunidade são a falta de água e energia, e a chegada principalmente da eletricidade é um sonho dos moradores:

A água é um sacrifício pra cavar o poço nesse tempo [...] a água é boa mas tá meia vermelha por causa do verão. A falta de energia também é um problema. A gente as vezes tem um uma coisa pra colocar e não tem uma geladeira pra colocar [...] aí você coloca no sol, as vezes não fica bem aí “aruina”, fica ruim, n/é? (Entrevistado 02).

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fachine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

Agora aqui é bom se botassem energia era bom pra gente, que a gente não gastava tanto dinheiro pra comprar gelo, n/é? Porque compra uma caixa hoje, ai passa só dois dias. A água é de cacimba, a cacimba da gente é lá me baixo [...] (Entrevistado 01).

Hoje, as famílias de Pixaim dependem diretamente da criação de caprinos, coleta de frutos e sementes (castanhas), pesca, fabricação e comercialização de produtos artesanais derivados do coco (óleo de coco, cocadas) para sobrevivência, além das transferências públicas (aposentadorias, pensões) e recursos de programas assistenciais a exemplo do bolsa família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cotidiano dos moradores do Pixaim mistura-se passado e presente, material e imaterial, tradição e ruptura. Assim para compreender as relações dos moradores do Pixaim com seu território e as territorialidades construídas é necessário enxergar para além das histórias que são apresentadas, para além do que é perceptível na paisagem. O que leva as pessoas a residirem num local cercado de dunas, sem acesso a água potável, sem energia elétrica e com inúmeras dificuldades impostas pelo meio? O que motiva essas pessoas a continuarem vivendo no Pixaim? Qual a representação desse espaço para seus moradores? Como sobrevivem em meio das tantas adversidades?

Esses e tantos outros questionamentos nos guiaram para o cumprimento do objetivo geral da pesquisa que centrou-se em estudar as relações dos moradores da comunidade Pixaim com o território e suas representações, analisando o modo de vida, as estratégias de apropriação, permanência, resistência e existência no território e sua relação com a construção e/ou afirmação da identidade territorial. O objetivo geral também

balizou os objetivos específicos do plano de trabalho que buscou conhecer à formação socioespacial e histórica da comunidade, as formas de apropriação do espaço pela população (práticas, estratégias de permanências e reprodução, lógicas produtivas), além do entendimento sobre as tradições e as traduções (modificações, desejos de mudanças, expectativas).

Diante do que foi exposto, é possível observar que para os moradores, o Pixaim é um território com valor de uso, mas também de representações, de simbolismos. Como espaço de uso, os mesmos dependem quase que exclusivamente dos recursos do território para sobreviver, recursos escassos, muito diferente dos tempos pretéritos: “[...] na época do arroz tinha descanso. Era outra coisa. Eu não precisava vender ovelha assim, não. Na época do arroz era uma época de barriga cheia”. (Entrevistado 4). “Agente pesca, é para viver, as vezes a gente pesca, às vezes arruma e não arruma. Pesca no rio, as vezes pesca na praia [...]” (Entrevistado 2).

Como território simbólico, o mesmo expressa suas representações culturais cotidianas como a festa de padroeiro, com procissão, missa e leilão e a zabumbada, mas também é um espaço representativo das memórias, a exemplo da paisagem ausente do cemitério. Os moradores atribuem valores e significados ao cemitério, ainda que não exista enquanto espaço físico:

A paisagem ausente do cemitério, com a qual interagem e dialogam no cotidiano, também contribui para que as pessoas do lugar se identifiquem umas com as outras. A lembrança que as pessoas do lugar têm do cemitério, ao lado de outras lembranças, integra o conjunto de referências locais que remetem à história, à memória e à identidade local. Portanto, apesar de “invisível” na paisagem que se vê, para os moradores de Pixaim, o cemitério é um bem representativo da cultura local. Foi a existência deste espaço, que orientou os moradores na

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fachine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

escolha da localização para a construção da igreja. Isso se deu
cerca de 30 anos atrás (Zambi, 2017, p. 69 /70).

Destarte destaca-se que no Pixaim, o território é um elemento essencial para a formação da identidade do grupo, pois o mesmo exerce uma influência no modo de vida dos mesmos. A utilização de recursos naturais para a construção de moradias, juntamente a necessidade de escolher um local em que a vegetação dificulte o avanço das dunas sobre suas casas, são exemplos de como o território se apresenta como, limitação, mas também possibilidades. As águas do Rio São Francisco, as atividades cotidianas, as árvores frutíferas e demais elementos naturais, que servem como fonte de alimento, também são elementos simbólicos que atribuem múltiplas subjetividades ao território.

Entre os moradores do Pixaim foi possível observar um sentimento de recusa quando indagados sobre a possibilidade de residirem em outro local. Dessa maneira nota-se que os mesmos se sentem ligados ao espaço ocupado, uma vez que construíram uma identidade com o território, muitos por terem vivido e construído suas vidas e memórias entre as dunas do Pixaim.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

CORRÊA, Roberto Lobato. Territorialidade e corporação: um exemplo. *In*: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia; SILVEIRA,

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fechine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

Maria Laura (org.) **Território: globalização e fragmentação.** 3 ed. São Paulo: HUCITEC/ANPUR, 1996.

DOURADO, Auceia Matos. **Viver e pertencer: identidades e territórios nos assentamentos rurais de Sergipe.** 292 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

CRUZ, Valter do Carmo. **Pela outra margem da fronteira: território, identidade e lutas sociais na Amazônia.** 2006. 199 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – PósGeo, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2006.

CRUZ, Valter do Carmo. Territorialidades, identidades e lutas sociais na Amazônia. *In*: ARAÚJO, Frederico Guilherme Bandeira de; HAESBAERT, Rogério. **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos.** Rio de Janeiro: Access, 2007. p. 93-122.

HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeni. (org.). **Manifestações da cultura no espaço.** Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1999. p. 169-189.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade.** Porto Alegre, 2004. Disponível em: http://default/files/conference_Rogério_haesbaert.pdf. Acesso em: 14 abr. 2020.

SAQUET, Marco Aurélio. **Abordagens e concepções de território.** São Paulo: Expressão Popular, 2010.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Pesquisa qualitativa. *In*: TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em**

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fechine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo:
Atlas, 1987.

ZAMBI, Maria Madalena. **Representações moventes:** um estudo sobre o Pixaim, a comunidade das dunas da foz do Rio São Francisco, Alagoas. 179 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

AGRICULTORES GUARDIÕES DE SEMENTES CRIOULAS E SUAS REDES DE RESISTÊNCIA NO SEMIÁRIDO DE ALAGOAS

Felipe Santos Silva¹²

Mayse da Silva Fagundes¹³

Jônatas Hilário de Barros¹⁴

Vitor Luan da Silva Nascimento¹⁵

Maria Augusta Mundim Vargas¹⁶

INTRODUÇÃO

Este artigo procura refletir sobre o conceito de redes, tendo como *corpus* as redes sociais e espaciais criadas pelos agricultores guardiões de sementes crioulas. Seguindo o direcionamento de Corrêa (2011), destacamos que as redes geográficas se estabelecem nos meandros das interligações entre as sociedades e o espaço. Alicerçadas nos laços culturais,

¹²Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe (PPGEO/UFS), pesquisador do Grupo de Pesquisa Sociedade e Cultura (PPGEO/UFS/CNPQ), do Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise Regional (GEPAR/UFAL/CNPQ) e do Grupo de Pesquisa Geoprocessamento e a Cartografia no Ensino de Geografia (GCEG/UFAL/CNPQ). felipegeoufal@hotmail.com.

¹³Mestrado Profissional em andamento pela Rede em Ensino de Biologia – ICBS/UFAL/UFMG. É licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Alagoas, *campus* II (UNEAL), onde integra o Grupo de Pesquisa em Genética Humana (GPGH). maysefagundes@hotmail.com.

¹⁴Estudante de Ensino Médio da rede pública estadual de Alagoas, pesquisador iniciante. joohnhilario.io@gmail.com.

¹⁵Estudante de Ensino Médio da rede pública estadual de Alagoas, pesquisador iniciante. svitorluan@gmail.com.

¹⁶Doutora em Geografia, professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe (PPGEO/UFS) e líder do Grupo de Pesquisa Sociedade e Cultura (PPGEO/UFS/CNPQ). guta98@hotmail.com.

políticos e econômicos, essas redes podem ser lidas nas comunidades guardiãs de sementes crioulas pela criação de territorialidades em defesa das sementes. Além das articulações sociais e espaciais, emergem dos territórios guardiões de sementes as redes de solidariedade (Silva, 2023). A pesquisa se desenvolve por uma abordagem qualitativa com enfoque observacional, utilizando-se de revisão da literatura associada a entrevistas gravadas, diários de campo e registros fotográficos. Procuramos enfatizar as redes geográficas pelas interconexões entre os bancos de sementes e os guardiões em movimento com os referentes culturais, sociais e políticos para com a defesa da agrobiodiversidade.

Escrito por diversas mãos, este artigo surge da necessidade de aproximar a escola de Educação Básica à realidade social e cultural das mulheres e dos homens do campo, muitas vezes desconhecida por aqueles que compõem o espaço urbano. Assim, apresenta resultado parcial de pesquisa e discussões que se estendem da sala de aula para o campo, com texto escrito por dois professores pesquisadores da Geografia, uma professora pesquisadora das Ciências Biológicas e dois estudantes da 2ª série do Ensino Médio Regular.

A estrutura da escola e da Educação Básica pública brasileira possui entraves no que tange às práticas de pesquisa, muitas vezes impedindo os estudantes de ingressarem ainda nessa fase da educação em projetos de pesquisa e de Iniciação Científica. Buscando romper com essa lógica, os professores deste artigo assumiram a condução dos estudantes ao universo da pesquisa com uma série de ações realizadas na Escola Estadual Padre Antônio Duarte, em Olho d'Água das Flores, semiárido de Alagoas.

Foi criado na escola o Programa de Iniciação Científica para os estudantes do Ensino Regular interessados, que se

inscreveram para participar das ações de pesquisa do projeto intitulado “A resistência dos agricultores guardiões de sementes crioulas no semiárido de Alagoas”. O projeto possibilitou uma série de discussões e a participação em atividades de pesquisa, as quais os levaram à pesquisa de campo para o conhecimento da realidade dos guardiões de sementes crioulas.

As reflexões encadeadas neste texto têm como chão a realidade social e cultural dos agricultores guardiões de sementes crioulas, que vêm resistindo ao avanço dos transgênicos no semiárido de Alagoas. Para Lima e Santos (2018, p. 198), grandes corporações do ramo agroquímico articulam-se em diferentes escalas e operam mundialmente na busca do controle dos organismos vivos e dos territórios, “[...] catapultando uma escalada colossal de concentração e centralização de capitais dedicados à manipulação e patenteamento de organismos vivos, em especial, as sementes”. Diante desse cenário, a territorialização das sementes patenteadas pelas grandes corporações tem provocado alterações genéticas nas sementes crioulas, adaptadas às condições edafoclimáticas do semiárido alagoano.

O texto está estruturado em sintonia com as atividades desenvolvidas no projeto. No primeiro momento, os professores provocaram discussões sobre dois temas, quais sejam, ‘os Organismos Geneticamente Modificados (OGMs) – o que são e para que servem’ e ‘a organização de redes geográficas – o que são e para que servem’. Essa abordagem fluiu através de leitura de textos, de apresentação de vídeos e de dinâmicas de oficinas que visaram (i) pensar e descobrir, ou seja, buscar informações sobre os Organismos Geneticamente Modificados e sobre as redes geográficas e (ii) criar oficinas para expor conhecimentos e reconhecimentos, isto é, como as noções de OGMs e de redes são fundantes para o entendimento da realidade distinta entre as monoculturas e os cultivos com

sementes crioulas, entre grandes propriedades e a agricultura familiar, por exemplo (Vargas *et al.*, 2022). Esse conteúdo encerra a primeira parte do texto, intitulada “Para pensar os Organismos Geneticamente Modificados e as redes geográficas: uma primeira leitura”.

A segunda parte do texto, intitulada “Das redes geográficas ao encontro com agricultores guardiões de sementes crioulas”, encerra reflexões sobre o que significa ser um guardião de sementes crioulas, alternando colocações teóricas com as observações dos estudantes e as falas da entrevistada. Didaticamente, nos orientamos pelas colocações de Briceño-León (2003), Souza (2013), Pessôa (2019) e Vargas *et al.* (2022) sobre a estrutura e composição de entrevistas, roteiros e registros fotográficos, bem como sobre a análise dos resultados.

O texto finaliza com breves apontamentos a respeito do desenvolvimento dessa experiência, apontando as primeiras considerações sobre redes de produção e de manutenção das sementes crioulas.

PARA PENSAR OS ORGANISMOS GENETICAMENTE MODIFICADOS E AS REDES GEOGRÁFICAS: UMA PRIMEIRA LEITURA

Os organismos transgênicos, também conhecidos como Organismos Geneticamente Modificados (OGMs), são organismos que tiveram sua sequência genotípica modificada de uma maneira que não ocorreria de forma natural. Essas modificações genéticas são realizadas em laboratórios por meio de técnicas de engenharia genética, a partir das quais genes específicos são inseridos, removidos ou modificados em um organismo para lhe conferir as características desejadas (Nodari; Guerra, 2001).

A tecnologia de Organismos Geneticamente Modificados tem gerado debates e preocupações em relação à segurança alimentar, ao meio ambiente e aos potenciais impactos desconhecidos na saúde humana e animal. Alguns dos riscos relacionados à utilização de transgênicos na alimentação incluem uma possível absorção do material genético por organismos, sendo esse material não destruído no trato gastrointestinal. De acordo com estudos, esse material pode ser encontrado em células do fígado e alguns leucócitos de animais algum tempo depois de ser ingerido (Tappeser; Jäger; Eckelkamp, 1999).

Além disso, as reações que algumas pessoas podem desenvolver ao consumir alimentos derivados de OGMs representam uma preocupação séria em relação à segurança alimentar e à saúde humana. Essas reações podem variar desde alergias até outros efeitos adversos, muitas vezes graves (Nodari; Guerra, 2001).

Quando se trata de OGMs, a introdução de novas proteínas ou compostos químicos em alimentos pode desencadear respostas imunológicas inesperadas em algumas pessoas, resultando em alergias alimentares não detectadas anteriormente. Portanto, a identificação e a avaliação adequadas de alérgenos potenciais em alimentos transgênicos são cruciais para mitigar esses riscos (Nielsen; Van Elsas; Smalla, 2000).

No Brasil, esses organismos são principalmente relacionados à produção de sementes, que tem desempenhado um papel significativo na agricultura nas últimas décadas. Isso levanta várias preocupações para os riscos potenciais que essas culturas podem apresentar, pois, ao se introduzir genes exóticos em organismos, poderemos observar um processo conhecido como recombinações gênicas, que não ocorreriam naturalmente, e uma das limitações mais significativas que

enfrentamos é a falta de controle preciso sobre o local de inserção desses genes no genoma do organismo receptor (Nodari; Guerra, 2001).

Sendo assim, a introdução de genes exóticos nas plantas, contendo elementos distintos dos encontrados naturalmente, pode, de fato, resultar na expressão de novos produtos gênicos e potencialmente desencadear efeitos pleiotrópicos substanciais (Nodari; Guerra, 2001).

Porto-Gonçalves (2013, p. 298) aponta que a inserção desses organismos geneticamente modificados na paisagem e na vida humana aconteceu após 1993-1994 e, “[...] como se vê, são processos [...] recentes quando consideramos o tempo de metabolização e de evolução das espécies”, por isso o tempo mostrará quais serão os efeitos mais nítidos desse procedimento tecnológico de modificação genética das e nas espécies. Alguns desses efeitos já podem ser percebidos no campo, principalmente ligados à erosão genética¹⁷ de variedades crioulas/naturais e à hibridização desses organismos vivos.

Isto posto, com o avanço da engenharia genética e o crescimento contínuo das indústrias voltadas para a produção de alimentos em larga escala, surgem inúmeros impactos negativos à sustentabilidade ambiental, a saber: desmatamento, produção excessiva de *commodities*, uso intensivo de pesticidas

¹⁷Para Silva e Lopes (2016, p. 6), a substituição das sementes crioulas por sementes melhoradas geneticamente, híbridas ou transgênicas, tem estreitado a variabilidade genética local e crioula, causando “[...] prejuízos irreversíveis para a agrobiodiversidade”, além de provocar o desaparecimento das sementes crioulas adaptadas às condições edafoclimáticas locais; impactos negativos a ecossistemas; dependência dos agricultores às empresas produtoras de sementes híbridas, transgênicas e de insumos químicos; insegurança alimentar pelo desaparecimento das variedades de sementes que são ricas em nutrientes; ameaça ao conhecimento tradicional e local, implicando diretamente reprodução da vida do/no campo, entre outros aspectos.

em culturas geneticamente modificadas, contaminação do solo e criação de animais em confinamento, entre outros.

Com relação aos estudos geográficos – que versam sobre a relação da sociedade com o espaço –, os pesquisadores se valem de categorias e/ou conceitos que são fundamentais para essa ciência, como é o caso das redes. Diversos geógrafos trazem esse conceito ao centro de seus debates, como é o caso de Rogério Haesbaert, Claude Raffestin, Roberto Lobato Corrêa e outros.

Corrêa (2011) discute a pertinência, a permanência e a persistência do conceito de redes. Para o autor, as redes são importantes para a geografia, pois revelam a espacialidade humana. Nesse debate, ele destaca que as redes possuem diversos tipos, no entanto as redes geográficas são redes sociais que se espacializam: são construções humanas que envolvem poder, cooperação ou relações, formando fluxos a partir de pontos e nós que formam um tecido espacial.

O autor exemplifica as redes sociais como aquelas que são historicamente contextualizadas, a exemplo da rede de parentesco ou de um grupo de indivíduos que se organizam em torno de uma causa ou um interesse, como é o caso das redes formadas por membros de uma família ou organização social. No entanto, as redes geográficas são marcadas pela espacialidade, visto que sua dinâmica gera processos, formas e interações espaciais (Corrêa, 2016). Corrêa (2011) destaca que espacialidade e natureza social são características fundamentais para a constituição das redes geográficas.

O mundo contemporâneo é marcado pela velocidade e por mudanças (Almeida, 2018), e a globalização faz com que a conexão entre as pessoas e os lugares cresça. Assim, as redes geográficas ganham destaque para análise de diferentes fenômenos e por distintas dimensões. Corrêa (2011) sugere três dimensões básicas que são independentes entre si para análise,

são elas: a organizacional, a temporal e a espacial, que envolvem a estrutura interna, o tempo e o espaço.

Na compreensão do autor, a dimensão organizacional considera os agentes sociais, sua origem, a natureza dos fluxos, a função, a finalidade, a existência, a construção, a formalização e a organicidade. Já a dimensão temporal é marcada pela duração, pela velocidade dos fluxos e pela frequência. Então essa dimensão evidencia a periodicidade dos fluxos espaciais dos fenômenos geográficos em redes. Ela revela como os fenômenos se comportam com o passar dos anos, sua insistência e seus movimentos. Por sua vez, a dimensão espacial abrange as diferentes escalas – local, regional, nacional e global –, as formas espaciais e as conexões.

O fenômeno da articulação social, política, econômica e cultural dos agricultores guardiões de sementes crioulas pode ser lido por esse arcabouço teórico, pois possui uma determinada escala de abrangência, uma forma espacial e conexões variadas. Esses fenômenos formam redes de diferentes formatos, mantendo uma dinâmica de fluxos inerentes a seus processos e funções.

DAS REDES GEOGRÁFICAS AO ENCONTRO COM OS AGRICULTORES GUARDIÕES DE SEMENTES CRIOULAS

O estudo das redes possibilita aos geógrafos realizar diversas análises espaciais, uma vez que os fenômenos geográficos possuem abrangência, articulação e relações no espaço. Elas atravessam as relações sociais, de instituições a redes pessoais, que ocorrem nos contextos comunitários/locais, regionais e globais, evidentemente possuindo propósitos distintos entre si. Na contemporaneidade, assumem grande destaque nas pesquisas geográficas, visto que são parte inegável do cotidiano da humanidade.

Interessa-nos, neste tópico, pensar as travessias dessas redes no contexto dos agricultores guardiões de sementes crioulas, *corpus* desta reflexão. Nesta leitura, entendemos os guardiões como artífices do conhecimento tradicional vinculado ao cuidado com as sementes crioulas/naturais que são protegidas dentro das comunidades guardiãs (Silva, 2022).

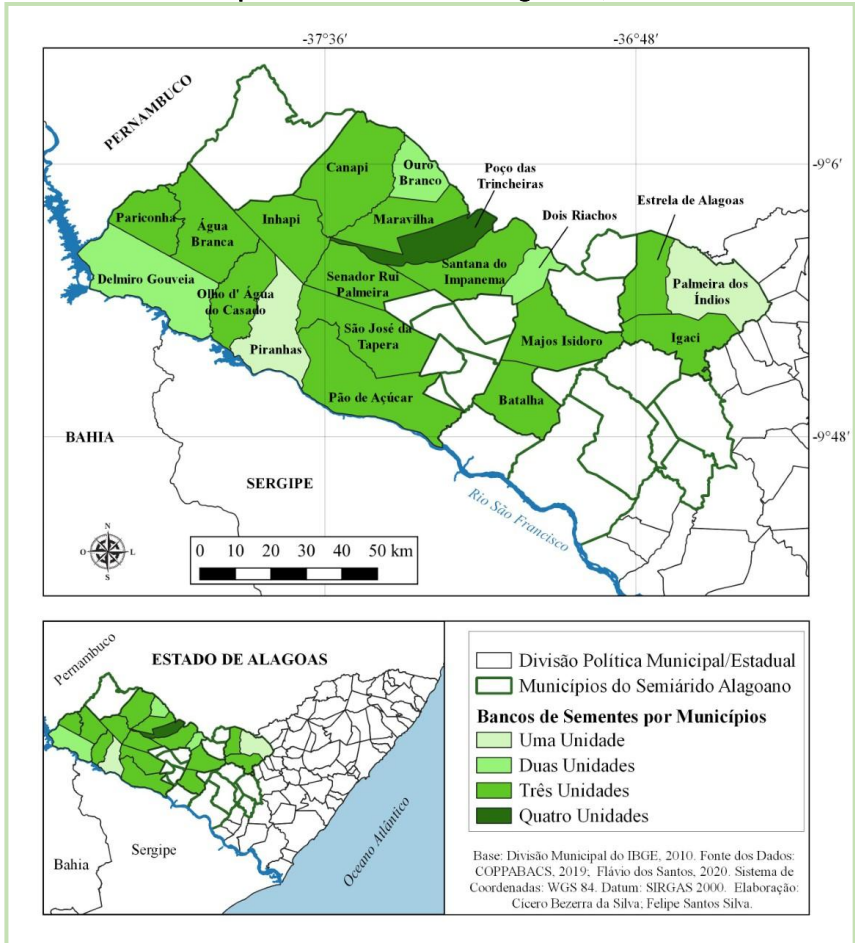
Em Alagoas, os agricultores guardiões de sementes formam na tessitura espacial um conjunto de redes de trocas de conhecimento no entorno dos bancos comunitários de sementes crioulas (BCS). Essas redes são tecidas à medida que as territorialidades desses sujeitos se realizam.

Assim, diversas ações comunitárias em defesa das sementes afloram como prática de resistência cultural e simbólica, criando uma concentração em redes no entorno dos BCS, cujos fluxos são orientados em uma complexa teia de trocas de sementes, de práticas tradicionais, de saberes, de cultura, de formação política e organizacional. Essa tessitura ganha forma, é fortalecida e consolida ações em defesa da agrobiodiversidade e das práticas culturais tradicionais que percorrem gerações (figura 1).

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fechine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

Figura 1. Distribuição dos bancos comunitários de sementes nos municípios do semiárido alagoano, 2021



Fonte: Silva, Felipe Santos (2022).

Em particular, as redes tecidas pelos guardiões de sementes crioulas traçam linhas imaginárias no espaço pelas trocas e pela solidariedade (Silva, 2023), tendo como finalidade

a divisão e o compartilhamento de sementes e a defesa da própria existência diante do avanço do agronegócio e dos transgênicos. A articulação dos guardiões em redes auxilia a conservação e a produção das sementes no fortalecimento da luta pela vida no campo, na produção de alimentos, na autonomia dos agricultores, entre outros.

Esses aspectos foram captados durante nossa aula de campo/pesquisa de campo, realizada no dia 21 de agosto de 2023, na comunidade Poço Doce II. Os estudantes gravaram vídeos, tiraram fotos e fizeram muitas perguntas. Para pensar a organização dos agricultores guardiões e a construção dos bancos de sementes, a entrevistada salienta que não se guardavam e se protegiam as sementes como hoje. Para ela:

Primeiro a gente guardava no chão, junto com a areia, depois veio a história do banco de sementes, que aí me chamou muita atenção, mas, para poder a gente ter hoje um banco de sementes, eu acho que já vem de geração, que meu pai ele antigamente era presidente de uma associação... eu era pequenininha, mas me lembro disso, ele era presidente. Era ele, meu tio, aí agora sou eu. Dessas 14 pessoas [se referindo aos filhos do pai dela], foi eu que puxei a ele, esse dom de ser representante da comunidade. Aí comecei gostar e a juntar, mobilizar as pessoas. Aí fui presidente também, faço parte do sindicato, sou diretora do sindicato... e, depois, a gente criou esse banco de sementes. Já tinha um banco de sementes antes nas nossas casas... estamos na comunidade organizados no banco de sementes, ele é muito importante para proteger as semente e pra comunidade (Guardiã de sementes, 57 anos, Sítio Poço Doce II, Piranhas).

A agricultora guardiã nos revela o contexto de surgimento e luta em defesa das sementes, salientando a importância do BCS para a preservação da cultura e da tradição vinculada às sementes na comunidade. A articulação com os movimentos sociais também aparece como ponto nodal para a articulação em redes pela defesa das sementes crioulas.

Que essas sementes que nós temos, ela é uma semente que ela vem de geração para geração, tem semente aí que ela tem mais de cem anos, tem mais de cem anos. Do meu bisavô passou para o meu avô, do meu avô passou para o meu pai, do meu pai tá passando para nós. Passou pra nós, agora para os filhos e não só para os filhos, estamos passando também para a comunidade. Aí não só eu, mas também tem outras pessoas que faz esse mesmo processo, que são sócios dos bancos de sementes (Guardiã de sementes, 57 anos, Sítio Poço Doce II, Piranhas).

Ao longo da entrevista, ela ressalta a força da comunidade no processo de preservação das sementes e de organização social. Unidos, os guardiões fortalecem as redes de trocas de sementes, de conhecimento e de resistência frente ao avanço dos OGMs.

No bojo das comunidades rurais e tradicionais, os agricultores guardiões preservam as sementes nos BCS. Esses bancos de sementes surgem como espaços de preservação genética e cultural. Eles mantêm espécies de plantas que não passaram por modificação genética em laboratório, valorizando as raízes dos guardiões de sementes e a hereditariedade transmitida através de gerações. Na pesquisa de campo os estudantes puderam conhecer a realidade os agricultores guardiões, bem como conhecer e aprender sobre a importância das sementes crioulas para as comunidades rurais e tradicionais.

Fig. 2. O encontro com a guardiã de sementes crioulas



Fonte: Pesquisa de campo. 2023.

Autor: SILVA, Felipe Santos.

A grandiosidade da semente crioula não se estende apenas à sua particularidade orgânica, como também à sua resistência às condições edafoclimáticas e a pragas sem a utilização de produtos químicos, como é o caso da agricultura químico-dependente. Graças à sua natureza impoluta, garante variedade genética aos ecossistemas locais e conserva vivos os laços culturais dos agricultores guardiões, que tratam as sementes com todo o cuidado pelo que elas representam para eles.

Por meio do cuidado com as sementes e das redes tecidas na trama territorial, os agricultores guardiões de

sementes crioulas criam e recriam a sua existência, tendo nas sementes a força essencial de ligação com o território, entendido como base onde se projetam um modo de vida, representações e sentidos para além do plantar e do colher.

Nesses territórios e através do cuidado, tramas de significações são tecidas à medida que as sementes crioulas são plantadas, resgatadas, compartilhadas ou adquiridas e protegidas. Para os guardiões, as sementes crioulas possuem significados materiais pelas dimensões econômicas e sociais, como a comercialização e a alimentação, respectivamente, e imateriais, por tudo aquilo que elas representam para eles, apresentando-se como tesouros de valores imensuráveis e inestimáveis porque são vida.

A preservação não se limita às plantas, potencialmente incluindo espécies animais nativas. Para Santos (2020) e Silva (2022), os BCS estão localizados em 54 comunidades de 20 municípios alagoanos e formam a Rede Estadual de Sementes da Resistência de Alagoas, como mostrado no mapa da figura 1.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As redes geográficas, conforme proposto por Roberto Lobato Corrêa, transcendem distâncias físicas para criar laços sociais, culturais, econômicos e políticos entre comunidades. Elas facilitam a troca de recursos, conhecimentos e tradições, especialmente evidente na ligação entre redes geográficas e bancos de sementes crioulas.

Essas redes são essenciais ao promoverem a disseminação de variedades de sementes crioulas e práticas agrícolas tradicionais. Através das conexões estabelecidas, as comunidades compartilham técnicas adaptadas a ambientes específicos, contribuindo para a preservação da diversidade biológica e cultural.

Além de fortalecerem a resiliência, as redes geográficas fomentam a coesão social e o sentimento de pertencimento. A troca de experiências constrói laços culturais que transcendem fronteiras, reforçando a importância da agrobiodiversidade, assim como do legado cultural.

Nesse contexto, a preservação de sementes naturais ganha relevância como um ato político em prol da vida, da natureza e do equilíbrio do ecossistema. Além de manifestar aspectos culturais e suas raízes, a preservação de sementes também proporciona uma abordagem revolucionária em relação à maneira como encaramos a preservação ambiental e a nossa coexistência com a natureza.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda de. Porosidades e fronteiras na América Latina. *In*: ALMEIDA, Maria Geralda de (Org.). **Geografia cultural**: um modo de ver. Goiânia: Gráfica UFG, 2018. p. 35-55.

BRICEÑO-LEÓN, Roberto. Quatro modelos de integração de técnicas qualitativas e quantitativas de investigação nas ciências sociais. *In*: GOLDENBERG, Paulete; MARSIGLIA, Regina Maria Giffoni; GOMES, Mara Helena de Andréa (Orgs.). **O clássico e o novo**: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. p. 157-183.

CORRÊA, Roberto Lobato. Processos, formas e interações espaciais. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 61, n. 1, p. 127-134, jan./jun. 2016.

CORRÊA, Roberto Lobato. Redes geográficas: reflexões sobre um tema persistente. **Cidades**, v. 9, n. 16, p. 199-218. 2011.

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fechine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

LIMA, Lucas Gama; SANTOS, Flávio dos. No Semiárido de Alagoas, a resistência germina na terra: a luta territorial em defesa das sementes crioulas. **Revista NERA**, Presidente Prudente, ano 21, n. 41, p. 192-217, jan./mar. 2018.

NIELSEN, Kaare M.; VAN ELSAS, Jan D.; SMALLA, Kornelia. Transformation of *Acinetobacter* sp. Starin BD413 with transgenic plant DNA in soil microcosms and effects of kanamycin on selection of transformants. **Applied and Environmental Microbiology**, v. 66, n. 3, p. 1237-1242, 2000.

NODARI, Rubens Onofre; GUERRA, Miguel Pedro. Avaliação de Riscos Ambientais de Plantas Transgênicas. **Cadernos de ciência e tecnologia**, v. 18, n. 1, jan./abr. 2001.

PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. Apresentação. *In*: VARGAS, Maria Augusta Mundim; SANTOS, Daniele Luciano; VILAR, José Wellington Carvalho; OLIVEIRA, Edivaldo Alves de (Orgs.). **Tempos e espaços da pesquisa qualitativa**. Aracaju: IFS, 2019. p. 7-14.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

SANTOS, Flávio dos. **Resistência para um modo de existência: luta camponesa em defesa das sementes crioulas no semiárido alagoano**. 177 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, 2020.

SILVA, Felipe Santos. Formas, processos, interações espaciais: um olhar para as redes de solidariedade dos agricultores guardiões de sementes crioulas. *In*: Encontro Nacional de Pós-

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fechine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

Graduação e Pesquisa em Geografia, XV, Palmas. **Anais...**
Palmas: Universidade Federal do Tocantins, Palmas – TO,
2023.

SILVA, Felipe Santos. **Para além do plantar e do colher: saberes e (re)existências dos agricultores guardiões de sementes crioulas.** Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022.

SILVA, Marília Hortência Batista da; LOPES, Kilson Pinheiro. Importância da semente na agricultura familiar no nordeste brasileiro. *In*: Congresso Internacional da Diversidade do Semiárido, 2016, Campina Grande. **Anais...** Campina Grande: Realize Eventos e Editora, 2016. p. 1-10.

SOUZA, Angela Fagna Gomes de. Saberes dinâmicos: o uso da etnografia nas pesquisas geográficas qualitativas. *In*: MARAFON, Glauco José; RAMIRES, Julio Cesar de Lima; RIBEIRO, Miguel Angelo; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em Geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas.** v. 2. Rio de Janeiro: Eduerj, 2013. p. 55-68.

TAPPESER, Beatrix; JÄGER, Manuela; ECKELKAMP, Claudia. **Survival persistence, transfer:** An update on current knowledge on GMs and the fate of their recombinant DNA. Penang: TWN, 1999. 44p

VARGAS, Maria Augusta M.; LIMA, Rodrigo S.; SANTOS, Daniele L.; DOURADO, Auceia M.; SILVA, Felipe S. Descobrir festas e manifestações culturais – trilha metodológica para entender pertencimento e identidades com o bairro. *In*: BARBOSA, F. Celistiano (Org.). **Educação: processo contínuo de**

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegnberto Leite Fechine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

desenvolvimento. Piracanjuba/GO: Editora Conhecimento Livre:
2022. p. 60-72.

A MANDIOCADA COMO PRÁTICA SOCIAL NA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO TABULEIRO DOS NEGROS, MUNICÍPIO DE PENEDO, ALAGOAS

Adrian Estácio dos Santos¹⁸
Auceia Matos Dourado¹⁹

INTRODUÇÃO

O trabalho²⁰ busca analisar a atividade da mandiocada, enquanto uma prática social e cultural realizada na comunidade, que expressa sua identidade social e territorial. A metodologia do trabalho guia-se pela abordagem qualitativa e descritiva, revisão bibliográfica e trabalho de campo, com observação participante e entrevistas semiestruturadas. Os resultados da pesquisa evidenciaram que a comunidade possui um rico patrimônio cultural que se expressa na culinária típica, nas práticas sociais relacionadas ao trabalho, nas expressões de fé e nas referências ancestrais. Destarte, dentre as práticas que resistem na comunidade, a mandiocada se destaca como uma das principais práticas sociais e culturais do território, atividade que foi se modificando ao longo dos anos, mas, mantendo seus traços tradicionais e o trabalho coletivo e colaborativo como

¹⁸Graduando do curso de Turismo, Universidade Federal de Alagoas, Campus Arapiraca, Unidade Educacional, adrian.santos@arapiraca.ufal.br.

¹⁹Professora da Universidade Federal de Alagoas, Campus Arapiraca, Unidade Educacional Penedo, auceia.dourado@penedo.ufal.br.

²⁰O trabalho é parte dos resultados da pesquisa PIBIC/UFAL – Ciclo 2020 - 2021, com título: “Somos uma comunidade quilombola e agora?”: percepção e representatividade do reconhecimento da comunidade Tabuleiro dos Negros como remanescente de quilombo, orientado pela Profa. Dra. Auceia Matos Dourado.

uma de suas marcas. Enquanto prática social evidencia a presença da cultura e das expressões territoriais do povoado.

O trabalho, tem como *lôcus* de estudo a comunidade remanescente de quilombo Tabuleiro dos Negros, situada no município de Penedo, Alagoas, um espaço construído a partir de um processo de luta, que teve início no período colonial, para definição dos seus limites territoriais e afirmação de sua identidade cultural.

O trabalho tem como objetivo analisar a mandiocada como prática social na comunidade remanescente de quilombo Tabuleiro dos Negros, compreendendo a atividade como uma prática derivada do trabalho coletivo entre as famílias da comunidade, um traço de resistência da mesma na busca pela preservação da cultura, da identidade e da manutenção do território. De modo mais específico busca-se conhecer a formação socioespacial e histórica da comunidade para compreensão sobre as formas de resistência no território, com ênfase na percepção dos sujeitos sobre a mandiocada enquanto prática social e sua importância para o fortalecimento da identidade social, cultural e territorial. Embora com modificações, a atividade resiste dentro da comunidade e contribui para fortalecimento da identidade cultural e territorial dos moradores do Tabuleiro dos Negros.

Do ponto de vista metodológico a pesquisa guiou-se pela abordagem qualitativa e seus pressupostos a saber: o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave; o caráter descritivo; a preocupação com o processo e não simplesmente com os resultados e produtos; análise dos dados indutivamente e a busca significado como preocupação essencial. Outro ponto a destacar foi a compreensão interdisciplinar do objeto de estudo, sujeitos, conceitos e categorias. Nessa compreensão mescla-se o tempo diacrônico ou tempo histórico (antes, agora e depois),

com o tempo sincrônico, geográfico, o tempo presente “[...] no qual coexistem e se desenvolvem no espaço, múltiplos ritmos, durações e velocidades simultaneamente” (Cruz, 2006).

A comunidade remanescente quilombola Tabuleiro dos Negros foi certificada pela Fundação Cultural Palmares em 2007. O território se destaca por possuir uma riqueza cultural e histórica e através da oralidade, principal forma de transmissão das tradições, pode-se conhecer um pouco da cultura afro-brasileira, por meio das referências ancestrais, da culinária, da utilização de ervas medicinais, da agricultura familiar, das expressões de fé e dos conhecimentos tradicionais. Na comunidade há um grande potencial ainda não explorado para o desenvolvimento humano, cultural, econômico e turístico, a exemplo da mandiocada, prática que faz parte do ciclo da produção da farinha artesanal, sendo uma atividade que possui os seus traços tradicionais preservados ao longo do tempo.

Além da mandiocada, existem outras atividades que estão diretamente relacionadas à cultura afro, como a comemoração do dia da Consciência Negra em 20 de novembro, os grupos culturais de coco de roda e samba de roda e as festas dos santos padroeiros. Assim destaca-se o território quilombola do Tabuleiro dos Negros, é espaço apropriado e rico em práticas sociais e culturais mediadas pelo trabalho e pelas vivências no território. Nesse espaço seus integrantes estabelecem relações econômicas, políticas e culturais e traduzem pelas atividades realizadas, seu pertencimento ao território, expresso pelas territorialidades construídas.

JUSTIFICATIVA

O trabalho se justifica pela importância de entendermos a prática da mandiocada como atividade que desempenha um papel essencial na construção/fortalecimento da identidade

social, cultural e territorial, dos moradores do quilombo Tabuleiro dos Negros.

A atividade da mandiocada se configura como uma prática social por estar relacionada ao modo de ser e de fazer da comunidade e que deriva da sua cultura e das formas de organização do território. Realizada de forma coletiva nas roças (ou quintais) e no espaço da casa de farinha, as práticas sociais presentes na comunidade são entendidas nesse contexto como “[...] procedimentos, métodos ou técnicas hábeis executadas apropriadamente pelos agentes sociais” (O’Dwyer; Mattos, 2010, p. 616). De caráter dinâmico no tempo e no espaço, podem ser consideradas “[...] herança de tradições, normas, regras e rotinas geradas e repetidas nas atividades diárias, que alcançam, assim, o caráter de algo legítimo [...]” (Giddens, 1984, p. 67), ou seja, o que de fato se realiza.

Na comunidade quilombola do Tabuleiro dos Negros, essas práticas acompanharam os moradores desde o período de sua formação, uma tradição transmitida, realizada por homens e mulheres e que exige força, habilidade e destreza. As atividades da mandiocada, para além da tarefa que dá origem aos produtos, que são utilizados na alimentação ou como complemento da renda, por meio da venda, representa, pois, um momento de sociabilidade e solidariedade entre os quilombolas e suas famílias. Nas atividades da mandiocada o riso está presente, mas rodas de conversa, na “contação de causos”, nas cantigas e na lembrança de fatos e acontecimentos.

METODOLOGIA

O trabalho em tela guiou-se pela abordagem qualitativa com caráter descritivo. A pesquisa na comunidade remanescente quilombola Tabuleiro dos Negros, teve no ambiente natural a fonte direta dos dados, priorizando a

relação entre o pesquisador e o objeto de estudo. Segundo Souza (2013, p. 101) esse tipo de pesquisa interessa-se pela “[...] forma como as informações são coletadas, priorizando o contato direto do pesquisador com o objeto estudado, valorizando instrumentos como entrevista, análise documental, e as observações diretas”. Esse tipo de abordagem possibilitou um maior contato entre o pesquisador e a comunidade, facilitando as observações diretas e a obtenção de informações de forma mais detalhada.

Como caminho metodológico, realizou-se uma revisão bibliográfica em livros, artigos, dissertações, teses e leis, e tais análises resultaram na elaboração de esquemas de texto e fichamentos, de modo a compor o quadro conceitual do trabalho. Foram realizadas também pesquisas em fontes secundárias e trabalho de campo, com observação participante, conversas informais, entrevistas semiestruturadas e registros fotográficos. Nos levantamentos em campo, segundo Gil (2002, p. 53) “[...] o pesquisador realiza a maior parte do trabalho pessoalmente, [destacando] a importância de o pesquisador ter tido ele mesmo uma experiência direta com a situação de estudo”.

Com relação às entrevistas, foram entrevistados 8 moradores da comunidade, entre homens e mulheres de faixas etárias diversificadas (21 a 72 anos). A escolha dos entrevistados se deu de forma aleatória, contudo o ponto de convergência que os uniu assentou-se na chamada *homogeneidade fundamental*, quando “[...] pelo menos uma determinada característica ou variável é comum a todos os sujeitos da amostragem: a característica-chave que os une é o próprio tema do trabalho” (Turato, 2003, p. 365/366). No estudo em questão a *homogeneidade fundamental*, teve como referência a origem quilombola da família e a residência fixa na comunidade. Dentre os entrevistados estão estudantes

universitários, donas de casa, agricultores e agricultoras e aposentados. Na análise das falas estabeleceu-se uma linha de entendimento sobre os significados da mandioca e a percepção dos moradores da comunidade sobre a mesma.

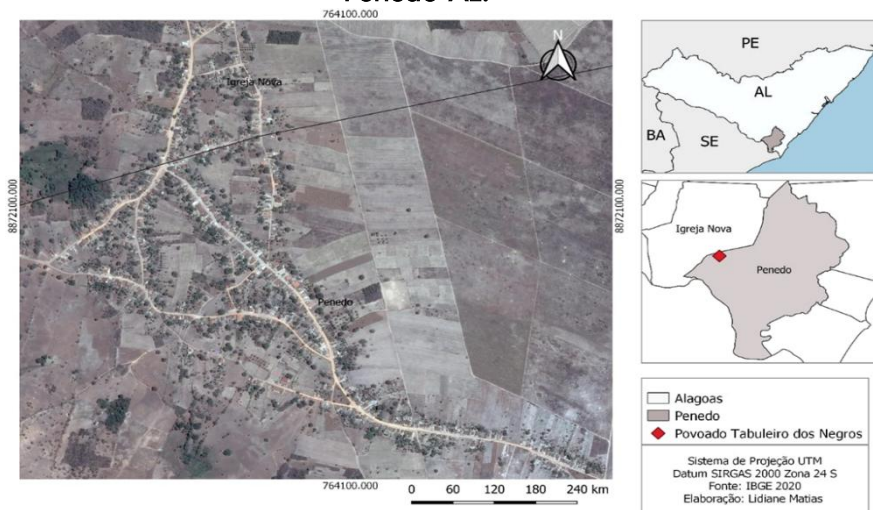
Infere-se que o caminho metodológico seguido se estruturou em diferentes etapas complementares entre si e que se provaram indispensáveis durante o processo de construção do presente estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Tabuleiro dos Negros é uma comunidade remanescente quilombola, que tem sua origem entrelaçada na história do Brasil colônia, pois sua formação reflete a estrutura social e econômica do período.

O principal acesso à comunidade é por meio da AL-110 e as vias de acesso direto passam por estradas vicinais cortadas por canaviais, que ocupam grande parte do território. O número atual de famílias é de 425 e a população total estimada é de 1.275, sendo que o número médio de moradores por domicílio é de 3 pessoas (Brasil, 2019). A comunidade está localizada na zona rural do município de Penedo, sul do estado de Alagoas, como segue a figura:

Figura 01: Localização da Comunidade Tabuleiro dos Negros, Penedo-AL.



Fonte: Vieira (2020).
Elaboração: Matias (2020).

A história do Tabuleiro dos Negros se divide em dois momentos: a formação inicial, quando os negros eram cativos e enxergaram nesse território uma terra fértil e segura para sobrevivência e o período do desenvolvimento com a migração de pessoas de outras localidades, incentivadas pelo trabalho na lavoura de cana-de-açúcar.

Ao longo do tempo de formação, o Tabuleiro dos Negros enfrentou diversos conflitos territoriais, que perduram até hoje, em função de estar situado numa área de monocultura e de grande interesse do capital. A referida área foi reconhecido como território quilombola pela Fundação Cultural Palmares, em 2007, tendo como principal representante a AQUITAN - Associação dos Remanescentes Quilombolas dos Agricultores Familiares, contudo a mesma ainda não é titulada pelo INCRA -

Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, mecanismo indispensável na luta pela manutenção do território, pois segundo Araújo (2019) a falta da titulação que delimita o território, o expõe a interesses privados de empresas ligadas ao setor sucroalcooleiro e grandes pecuaristas.

Alagoas possui 68 comunidades remanescentes de quilombos certificadas, localizadas majoritariamente em áreas rurais. Nenhuma possui titulação territorial, o que delimita seu território e o expõe a interesses privados de empresas ou usinas localizadas no entorno (Araújo, 2019, p. 49).

A economia local, que por muitos anos dependeu do setor açucareiro (uma cultura com grande influência na composição da renda familiar dos moradores do município de Penedo e Igreja Nova (ambos municípios de Alagoas), setor que atravessa crises estruturais, com rebatimentos na comunidade, enfraquecendo a economia da comunidade. A crise tem efeito direto sobretudo no que diz respeito ao êxodo rural, pois a falta de emprego obriga os moradores a saírem da comunidade em busca de melhores condições de vida em outras regiões do Brasil, sobretudo nas regiões sudeste e centro-oeste. Os que permanecem na comunidade trabalham no comércio, no setor público ou vivem exclusivamente da agricultura, seja para consumo ou comercialização do excedente.

Destaca-se que mesmo com os conflitos territoriais que perduram e a ausência de políticas públicas de infraestrutura, educação, saúde e empregabilidade, a comunidade permanece resiliente e a tradição é um elemento dessa resiliência. Essa tradição é constantemente reforçada pelos mais velhos, principalmente através de práticas como o plantio das ervas medicinais, o apego à religiosidade e as práticas sociais, dentre elas a forma de cultivar a mandioca. Segundo Lucas, Souza e Torres (2011, p. 212) “[...] entendem-se práticas como

atividades reais da organização, desde as cotidianas até as mais inovadoras, as quais, por sua vez, representam as manifestações culturais da organização”.

É comum encontrar nos fundos dos quintais ervas que são utilizadas para o preparo de chás ou mesmo para rezar de “olhado ou arca caída”, saberes que são transmitidos de geração em geração. A comida típica é também uma característica desde a galinha de capoeira passando pela produção de bolos da semana santa, tradição que se mantém vida dentro do Tabuleiro dos Negros. A religiosidade está entranhada na cultura local, uma fervorosa fé que se expressa por meio das manifestações aos santos do catolicismo, sendo que anualmente a comunidade se organiza para celebrar seus padroeiros São Pedro, Santo Antônio e Nossa Senhora do Rosário.

Dessas atividades merece destaque, como responsáveis de forma mais pontual pela manutenção do núcleo familiar, a agricultura, como o plantio da mandioca, feijão e milho, a pecuária, o extrativismo de frutas e a venda de produtos tradicionais como a farinha de mandioca, o beiju de coco, macazada, massa puba entre outros. Esses produtos são comercializados nos centros urbanos das cidades próximas, principalmente em Igreja Nova e Penedo.

Destaca-se que tanto a fabricação quanto comercialização desses produtos, tem o protagonismo feminino, que são responsáveis pela manutenção dessas atividades que surgiram no passado, a exemplo da mandiocada, considerada pelo povo da comunidade, uma importantíssima prática social e cultural e com grande valor simbólico, pois todo o processo de produção da mandioca, desde o plantio à produção da farinha, só acontece por intermédio da troca de dias trabalhados que ocorre entre pessoas de diferentes famílias, uma relação de cooperação, como segue o depoimento: “[...] acho que a

essência principal n/é, da mandiocada é o trabalho coletivo é esse trabalho coletivo não/é, da de união de um ajudar o outro, pensando na próxima mandiocada” (Entrevistado 5).

**Figura 02: Atividade de “raspagem” da mandioca.
Comunidade quilombola Tabuleiro dos Negros, município de
Penedo, AL. 2020.**



Fonte: Dados da pesquisa de campo (2020).
Foto: Santos (2020).

A mandiocada é uma prática ampla que conta com diversas etapas que vai do plantio da mandioca à produção da farinha azeda, doce ou dormida. O processo da produção da farinha artesanal é realizado pelas famílias que residem na comunidade e ainda é realizado de forma totalmente tradicional. Para Araújo (2019, p. 84) a “[...] mandiocada é o nome dado a esta atividade a partir da sua colheita, passando em seguida pelos processos de raspar, ralar, descansar no paiol, prensar, peneirar, cozinhar, peneirar novamente e armazenar o produto pronto para o consumo.” Um dos

entrevistados se mostra ser contra a industrialização da fabricação da farinha, como é ilustrado na fala a seguir: “[...] eu não sou a favor dessas casas de farinha elétrica, isso vai fazer com que essas tradições comessem n/é, indo embora tipo você deixar de lado, é como se as máquinas hoje surgissem pra assumir o papel dos homens da população” (Entrevistado 05). Essa atividade está presente na memória de todos aqueles que nasceram e cresceram na comunidade e participaram em algum momento dessa prática.

Atualmente na comunidade, a maioria das famílias participam da mandiocada e se dedicam uma vez ao ano a esta atividade. Alguns produzem a farinha para o consumo da família e outros comercializam dentro da própria comunidade ou em cidades vizinhas como Penedo, Igreja Nova e Piaçabuçu. Com relação a quantidade da produção de farinha, há uma variação a partir da capacidade de cada família, medida pelo tamanho de cada propriedade, uma vez que a maioria das famílias possuem pequenas extensões de terra.

O início do processo de produção de farinha se dá com a preparação da terra e logo após o plantio da maniva. O processo de plantio da maniva segundo os moradores tem toda “uma ciência”, pois é necessário conhecimento e prática com a terra, para que as manivas possam germinar. Destaca-se que o trabalho coletivo se inicia desde a primeira etapa do ciclo de produção da farinha, com troca de dias entre as famílias e divisão das tarefas segundo sexo.

Figura 03: Plantio de feijão, milho e mandioca na roça de seu Jonas. Comunidade quilombola Tabuleiro dos Negros, município de Penedo, AL. 2020.



Fonte: Dados da pesquisa de campo (2020).

Foto: Santos (2020).

O passo seguinte é o cuidado com a plantação. Os homens começam a fazer a limpeza da roça, para assim a mandioca não ser coberta por ervas daninhas. Com a plantação pronta, os homens iniciam um processo de “arrancada” das raízes, que são transportadas através de carroças, caminhões ou até mesmo caçamba. O tipo de transporte utilizado depende da produção. Assim, a mandioca é levada para a casa de farinha, como ilustrado na figura 03, espaço onde acontecem os demais processos tais como retirada mecânica das cascas e processamento da farinha.

Figura 04: Casa de farinha de seu Fernandes. Comunidade quilombola Tabuleiro dos Negros, município de Penedo, AL. 2021.



Fonte: Dados da pesquisa de campo (2021).

Foto: Santos (2021).

Por meio da vivência no local de pesquisa, foi possível analisar o cotidiano, e perceber que a relação cooperativa existente entre os moradores do território se dá através da solidariedade, reciprocidade e troca. Dessa forma, a mandiocada, é uma prática cultural importantíssima e com um grande valor simbólico para os moradores, pois todo o processo de produção da mandioca, desde o plantio à produção da farinha, só é possível graças a troca de dias trabalhados que ocorre entre pessoas de diferentes famílias. O processo pode ser visto como organização coletiva do trabalho, pois a sociabilidade se apresenta no ato de convidar os membros de outras famílias, no aceite pelas mesmas e solidariedade se mostra quando o proprietário retribuiu a ajuda a todos aqueles que se fizeram presente em todas as etapas do processo: plantio, colheita, retirada mecânica das cascas e processamento da farinha.

Figura 05: Trabalho coletivo no processo de “ralamento” da mandioca. Comunidade quilombola Tabuleiro dos Negros, município de Penedo, AL. 2020.



Fonte: Dados da pesquisa de campo (2021).

Foto: Santos (2021).

Contudo apesar da importância como elemento cultural e econômico, percebe-se que a prática da mandiocada vem diminuindo, uma vez que os mais velhos já não trabalham da mesma forma e os mais jovens não se interessam em dar continuidade às atividades rurais. Os que seguem a tradição, entretanto destacam que a mandiocada continua viva e ativa dentro do território: “[...] a mandiocada isso, eu participo também das mandiocadas porque eu gosto de raspar mandioca assim, a mandiocada é presente aqui, até que agora, muitas pessoas diminuíram porque já são idosos, assim mais velhos, aí não aguenta mais fazer roça essas coisas assim, mais permanece a tradição da mandiocada que vão todo mundo raspa, e aqui tem muito isso” (Entrevistado 01). E nesse sentido, ainda segundo o entrevistado, as pessoas gostam de participar da mandiocada e as pessoas ainda consideram a mandiocada

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fechine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

uma atividade que provoca um sentimento de partilha e a participação se dá de forma natural.

Eu gosto só não gosto quando é muito de passar o dia todo ai eu não gosto não, e tem gente que arranca muito (risos) e é bom, e aqui diferente de outros lugares, que tem outros lugares que para raspar mandioca você só vai, ou se o dono da mandiocada lê chamar ou se pagar pra você ir, e aqui não tem isso nessa questão de mandiocada o povo vai ganhar um dia seu e quando for na minha você vai pagar o meu dia, é espontâneo, isso aí é espontâneo (Entrevistado 01).

Figura 06: Atividade da mandiocada. Comunidade quilombola Tabuleiro dos Negros, município de Penedo, AL. 2021.



Fonte: Dados da pesquisa de campo (2021).

Foto: Santos (2021).

Ao longo do tempo a mandioca foi se transformando e se no início as atividades eram acompanhadas por grandes festas onde as pessoas bebiam, comiam e cantavam, hoje a mandiocada ocorre de forma trivial, contudo em alguns casos

ainda é servido o vinho quentinho, a cachaça, como segue a descrição: “[...] aqui na minha casa de farinha mesmo, a gente fazia uma cantoria e hoje em dia é tudo diferente o povo deixaram de fazer essas coisas, modificou aqui na minha casa, eu botava era uma, duas, três mesa ali pras mulher comer e agora não, agora é uma pedaço de bolo é um copo de refrigerante” (Entrevistado 04).

A mandiocada é importante porque vem [de] tradição antiga, porque a gente trabalhava naquela época [e] não tinha nem motor, era todo mundo aquela alegria se formava aquele grupão de home a tomar aquela caninha e lá com a roda o catitun, a mulherzinha lá sentada lá na frente no catitunsinho numa bolinha assim pra cevar a mandioca e aqueles home aquela festona aquele cantoriu de homens e mulheres cantando, nós não temos hoje mais essa alegria porque foi modificando tudo né, foi modificando mas antigamente era aquela coisa muito especial muito bonita uma festona muito bonita não se pagava agitoro de ninguém eu ia pra sua festa porque eu queria lhe ajudar. (Entrevistado 06).

Nesse sentido, considerando a importância da atividade pode-se inferir que a mandioca é uma prática social e cultural que contribui diretamente para o fortalecimento da identidade dos moradores da comunidade. Uma identidade que pode ser caracterizada como uma identidade de resistência, fazendo uma relação com os preceitos teóricos destacados por Castells (2008), com a comunidade pesquisada, a mesma traz consigo uma identidade de resistência, partindo do pressuposto que o surgimento da mesma vai se dá por meio dos sujeitos que se encontram em posições/situações menosprezadas ou estigmatizadas pela lógica da dominação. E a mandioca se apresenta como uma prática que mostra a resistência desse povo que sorri, brinca e celebra mesmo sendo um trabalho árduo.

**Figura 07: Mulheres na atividade de raspagem da mandioca.
Comunidade quilombola Tabuleiro dos Negros, município de
Penedo, AL. 2021.**



Fonte: Dados da pesquisa de campo (2021).

Foto: Santos (2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mandiocada é uma prática cultural com valor simbólico para os moradores da comunidade quilombola do Tabuleiro dos Negros, pois o processo de produção da farinha e seus derivados, só acontece em função dos laços de solidariedade e sociabilidade que existem entre os quilombolas, por meio da troca de dias trabalhados, que ocorre entre pessoas de diferentes famílias.

Realizada de forma coletiva, as práticas sociais na comunidade do Tabuleiro dos Negros, sobretudo ligadas a mandiocada possuem um caráter dinâmico no tempo e no espaço e são resultado de um saber/fazer herdado, refletindo as dinâmicas territoriais da comunidade. É uma herança da

tradição, uma rotina gerada e repetida e que se mostra como algo legítimo (Giddens, 1984).

Enquanto atividade coletiva, as atividades da mandiocada expressam uma forma de organização particular do território e que traduzem pela sua mobilização, um elemento essencial na manutenção desse território e construção da identidade territorial, que são as ações coletivas. Assim pode inferir que no Tabuleiro as vivências no território se expressam em três níveis dos citados Raffestin (2003): o território do cotidiano; de referência e do território sagrado.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Laís Góis. **A pratica educativa da mandiocada nas comunidades quilombolas Tabuleiro dos Negros e Sapé – AL.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

BRASIL. ETENE. **Estudo de componente quilombola – ECQ.** Brasília: Ambientare, 2019.

CASTELLS, Manoel. **O poder da identidade.** Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 6. ed.

São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CRUZ, Valter do Carmo. **Pela outra margem da fronteira:** território, identidade e lutas sociais na Amazônia. 2006. 199 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - PósGeo. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2006.

GIDDENS, A. **The constitution of society:** outline of the Theory of Structuration. Cambridge: Polity Press, 1984.

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fechine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

GIL, Antônio Carlos. 1946. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LUCAS, Cristina Castro; SOUZA, Eda Castro Lucas de; TORRES, Cláudio Vaz. Práticas sociais, cultura e inovação: três conceitos associados. **Revista de Administração FACES Journal**, v. 10, n. 2, p. 210-229, 2011. Disponível em: <http://revista.fumec.br/>. Acesso em: 12 ago. 2023.

O'DWYER, Gisele; MATTOS, Ruben Araújo de. Teoria da estruturação de Giddens e os estudos de práticas avaliativas. **Physis - Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 20 [2]: 609-623, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v20n2/a15v20n2.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2022.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993. 266p.

SOUZA, Angela Fagna Gomes de. **Ser, estar, pertencer: vínculos territoriais das gentes que povoam as margens e as ilhas do Rio São Francisco**. 2013. 292 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15973>. Acesso em: 26 mar. 2022.

TURATO, E. R. Decidindo quais indivíduos estudar. *In*: TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.

VIEIRA, Gilvanete Santos. **Potencialidades dos aspectos culturais para o desenvolvimento do turismo na comunidade**

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegnberto Leite Fachine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

remanescente quilombola Tabuleiro dos Negros. 2023.

Monografia (Bacharelado em Turismo) – Universidade Federal
de Alagoas, Penedo, 2023.

AS CONDIÇÕES MATERIAIS E AS RELAÇÕES DE TRABALHO DOS/AS ARTISTAS DA COMUNIDADE ILHA DO FERRO/AL

Dirceu Ribeiro Dias²¹
Reinaldo Sousa²²

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como principal objetivo analisar as condições materiais e as relações de trabalho dos artistas populares da Ilha do Ferro, localizada em Pão de Açúcar, no estado de Alagoas. A mencionada comunidade concentra um grande número de artistas que preservam saberes tradicionais, os quais nos últimos anos têm adentrado o circuito comercial de arte popular. Essa inserção trouxe diversos impactos na vida dos artistas e nas relações de trabalho, tornando necessária uma análise minuciosa desse processo para compreender os possíveis avanços e/ou agravamentos da realidade. Dessa forma, buscou-se, sob a ótica do materialismo histórico-dialético, desvendar as contradições nas relações de trabalho impostas pelo capitalismo na comunidade.

As comunidades, sobretudo aquelas envolvidas em alguma modalidade de produção artística, desempenham um papel fundamental na cultura e história de uma região. A comunidade Ilha do Ferro, localizada no município de Pão de

²¹Dirceu Ribeiro Dias é acadêmico do curso de Geografia da Universidade Estadual de Alagoas, Campus Universitário Zumbi dos Palmares. Membro do Grupo de Estudos Territoriais – GETERRI. dirceu@alunos.uneal.edu.br.

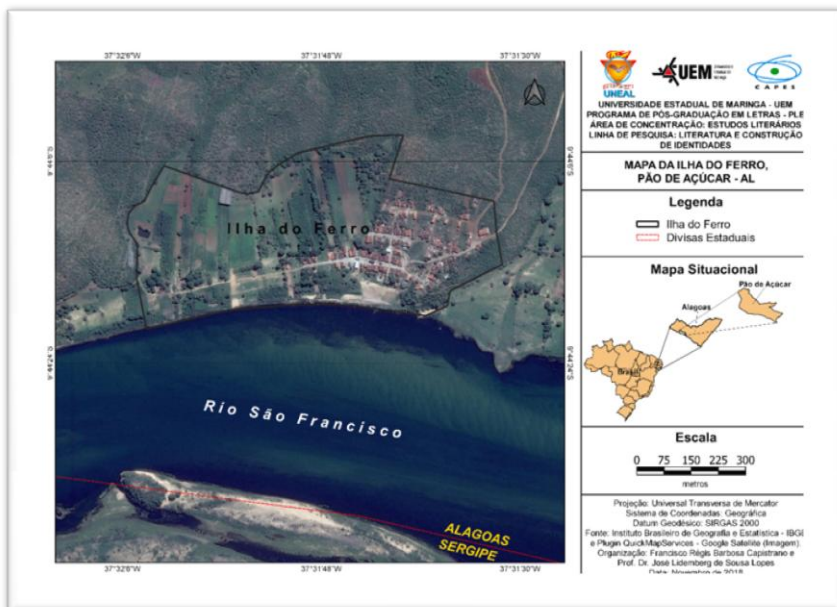
²²Reinaldo Sousa é Professor Titular do curso de Geografia da Universidade Estadual de Alagoas, Campus Universitário Zumbi dos Palmares. Coordenador do Grupo de Estudos Territoriais – GETERRI. reinaldo@uneal.edu.br.

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fechine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

Açúcar, é um exemplo disto. O povoado está na região intermediária de Arapiraca, cidade que exerce sua *hinterlândia* no sertão e agreste alagoano. Com aproximadamente 450 habitantes, a comunidade está a 16 km da sede do município e à margem esquerda do Rio São Francisco. O acesso acontece por meio de barco pelas águas do “velho chico” ou transporte terrestre, em meio à caatinga, por estradas de barro (mapa 1).

Mapa 1 – Localização da Ilha do Ferro no município de Pão de Açúcar, AL



Fonte: Costa, 2018.

A comunidade Ilha do Ferro, como apontado por Costa (2018), possui um registro cartográfico que remonta ao ano de 1665. Segundo o autor, a primeira documentação cartográfica foi realizada pelo cartógrafo holandês Joan Blaeu “Cartografia

de Sergippe Del Rey". Atualmente, a comunidade tem ganhado notoriedade devido ao seu esforço por resgatar e expressar a arte e cultura dos seus antepassados. Esse resgate se dá através de iniciativas como a preservação de fachadas históricas, a produção de arte popular em madeira e a prática única do "bordado boa-noite", que é realizado exclusivamente nessa região.

A técnica do "bordado boa-noite" por pouco não foi extinta e, graças aos esforços da comunidade, tem sido preservada e transmitida às gerações atuais. Esta técnica consiste em desfiar todo o tecido e, em seguida, recuperá-lo, incorporando elementos temáticos de flores e organizando-o em faixas. O resultado é uma expressão de habilidade artística que reflete a identidade cultural única da comunidade. Através dessas práticas culturais, a Ilha do Ferro desempenha um papel fundamental na preservação e promoção do patrimônio histórico e artístico da comunidade. O engajamento com a arte popular em madeira e a perpetuação do "bordado boa-noite" contribuem para a construção de uma identidade cultural forte e distintiva, enquanto o registro cartográfico histórico atesta a relevância duradoura dessa comunidade no contexto regional e nacional.

Contudo, a comunidade Ilha do Ferro tem enfrentado mudanças significativas, impulsionadas pela crescente mercantilização nas relações de trabalho, em resposta ao crescente interesse turístico no mercado da arte popular local. Essas transformações merecem uma análise aprofundada, especialmente no que diz respeito à natureza das relações de trabalho, que têm sido influenciadas por diversos fatores. Uma das principais questões a serem consideradas é a carga horária excessiva imposta aos artesãos, resultando em níveis de exaustão que afetam, negativamente, a qualidade de vida desses profissionais. A intensificação do trabalho pode ser

atribuída, em parte, à demanda crescente por produtos artesanais, impulsionada pela popularidade do turismo na região. Nesse contexto, a busca por atender às exigências do mercado pode levar a uma exploração das habilidades dos artesãos, comprometendo a preservação do saber tradicional.

Outra questão relevante é a presença do atravessador no processo de comercialização, o que tem contribuído para uma supervalorização do preço final dos produtos em detrimento do valor do trabalho efetuado pelo artesão. Esse intermediário, muitas vezes, pode se apropriar da margem de lucro, deixando os artesãos com remunerações inadequadas em relação ao esforço e dedicação investidos em suas criações. Além disso, a inexistência ou a precária organização da comunidade podem levar a uma posição de quase total submissão aos interesses do mercado. A falta de uma estrutura sólida para representação e negociação dos artesãos pode resultar em vulnerabilidade e desvantagem nas relações comerciais.

A atuação de diversos agentes com diferentes interesses resulta em complexos desdobramentos na sociedade e na organização territorial, determinando as formas e o conteúdo nos/dos lugares. A isto definimos como território usado. Para Santos (2005, p. 255), “[...] é o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social”. Para o autor, o território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado.

O território, hoje, pode ser formado de lugares contíguos e de lugares em rede: São, todavia, os mesmos lugares que formam redes e que formam o espaço banal. São os mesmos lugares, os mesmos pontos, mas contendo simultaneamente funcionalidades diferentes, quiçá divergentes ou opostas. (Santos, 2005, p. 256).

A análise do território requer uma observação contínua do dinamismo e das mudanças no sistema técnico, assim como uma abordagem da totalidade que permita avançar na compreensão das transformações socioterritoriais. Assim, é importante vivenciar as relações no território para, desta forma, obter uma compreensão mais profunda e significativa, o que possibilita uma apropriação dos discursos de pertencimento produzidos pelos diversos agentes envolvidos.

A análise do território usado nos possibilita entender as relações de trabalho em sua totalidade. Dessa forma, é imprescindível uma abordagem crítica e reflexiva sobre as mudanças que vêm ocorrendo na comunidade Ilha do Ferro, buscando compreender os impactos das dinâmicas do mercado de arte popular nas relações de trabalho, destacando sua relação com o território e na preservação da cultura local. A análise dessas questões poderá contribuir para a implementação de políticas e estratégias que visem proteger e valorizar o trabalho artesanal, assegurando sua relevância cultural e econômica na comunidade e além dela.

JUSTIFICATIVA

O presente trabalho se justifica a partir da necessidade de compreender os efeitos profundos da inserção no mercado comercial de arte popular sobre os artistas tradicionais da Ilha do Ferro. A preservação de saberes culturais e tradições autênticas muitas vezes está em conflito com as demandas do mercado e as dinâmicas capitalistas. Portanto, a análise minuciosa dos impactos dessa transformação é fundamental por várias razões: 1. Preservação da cultura e identidade, uma vez que estes artistas desempenham um papel crucial na transmissão de heranças culturais, fornecendo uma ligação vital entre o passado e o presente; 2. Condições de trabalho e bem-

estar, pois a inserção no mercado comercial pode reconfigurar as condições de trabalho dos artistas, influenciando sua qualidade de vida, carga de trabalho e remuneração; 3. Transformações sociais e comunitárias, afinal a entrada no mercado comercial não afeta apenas os indivíduos, mas também as comunidades como um todo; 4. Abordagem teórica materialista histórico-dialética, uma vez que a abordagem materialista histórico-dialética fornece uma lente analítica poderosa para explorar esses fenômenos complexos.

METODOLOGIA

A fim de compreender melhor a complexidade dessa realidade, recorreremos ao materialista-histórico-dialético, concebido como um conjunto coerente de proposições utilizado por um autor ou grupo de autores para o estudo de determinada realidade, conforme Sousa (2022). Essa abordagem metodológica nos permite enxergar a realidade de maneira particular e abrangente, desvendando as intrincadas relações que permeiam o contexto das relações de trabalho dos artesãos na comunidade Ilha do Ferro.

Ao adotarmos esse método, acreditamos que poderemos iluminar as dinâmicas complexas que envolvem a exploração do trabalho artesanal, a valorização cultural, as influências do mercado e os desafios enfrentados pelos artesãos no atual contexto. Com uma análise fundamentada na dialética, poderemos captar as contradições inerentes a esse cenário, bem como suas possíveis resoluções, contribuindo para a formulação de políticas e ações que promovam a dignidade e o reconhecimento dos artesãos da Ilha do Ferro.

Quanto à metodologia, vista aqui como um conjunto de técnicas usadas, como os problemas operacionais da pesquisa e não necessariamente aos seus fundamentos filosóficos,

optamos por construir uma pesquisa do tipo exploratória com trabalho de campo. A escolha está fundamentada na necessidade de obter uma compreensão inicial mais aprofundada e holística sobre a realidade da comunidade Ilha do Ferro. Por meio dessa abordagem, buscamos explorar o ambiente social e cultural da comunidade, suas características peculiares e os principais desafios enfrentados pelos artesãos locais em seu contexto de trabalho. O trabalho de campo foi considerado como uma estratégia essencial para promover uma maior aproximação com a realidade local. A imersão *in loco* nos permitirá vivenciar de forma direta o cotidiano dos artesãos, suas práticas culturais, suas interações com o mercado de arte popular e as nuances de suas relações de trabalho. A observação participante, as entrevistas e outras técnicas qualitativas de coleta de dados serão fundamentais para captar os detalhes e as nuances que permeiam a dinâmica da comunidade.

Ao adotarmos essa abordagem metodológica, buscou-se proporcionar uma análise mais fidedigna da realidade da comunidade, reconhecendo e revelando as contradições e os desafios enfrentados pelos artesãos num contexto de constante transformação. Acredita-se que a conjugação da pesquisa exploratória com o trabalho de campo enriquecerá a compreensão sobre os aspectos culturais, econômicos e sociais dessa comunidade, contribuindo para a produção de conhecimento relevante e informado, capaz de subsidiar ações e políticas públicas voltadas à valorização e proteção do patrimônio cultural imaterial presente na Ilha do Ferro.

DISCUSSÕES/RESULTADOS

Os/as artistas populares da Ilha do Ferro são responsáveis pela criação de esculturas em madeira e bordados

através de tecidos que ao longo de muitos anos permaneceram restritos ao enclave local, mas que, na última década, tem ocupado os principais espaços de arte e o circuito da arte popular brasileira, como define Lins (2022). Para o autor, a arte popular produzida na Ilha do Ferro passa por um processo de requalificação, reclassificação e reposicionamento, sob a influência de diversos agentes. Diante disso, o presente trabalho de pesquisa buscou investigar as condições de trabalho e os desdobramentos socioeconômicos relacionados a esses processos que envolvem os artistas.

Assim, como tantas outras atividades humanas, a produção de arte popular tem se tornado uma profissão significativa e a principal fonte de renda para os/as artistas da Ilha do Ferro. Esse ofício, mantido há muitas décadas, envolve as habilidades dos ribeirinhos em transformar a madeira morta em objetos utilitários, que inicialmente possuem um valor de uso para seus criadores, tem ganhado destaque. No entanto, como ocorre nas demais relações de produção e consumo dentro do sistema capitalista, conforme abordado na categoria de análise de Marx (2013), a transformação do valor de uso em valor de troca é inevitável na sociedade vigente.

À medida que essas obras de arte popular entram no circuito comercial e são comercializadas, a dimensão do valor de troca passa a ser predominante, representando o valor monetário atribuído aos objetos ao invés do valor funcional que tinham para seus criadores. Esse processo de transformação do valor de uso em valor de troca pode ter implicações significativas para os artistas da Ilha do Ferro. A busca por maior valor de troca pode levar a mudanças na forma de produção, priorizando aspectos comerciais em detrimento das características culturais e criativas intrínsecas à arte popular. Além disso, a entrada no mercado pode levar a uma maior padronização das obras, em busca de maior aceitação pelo

público consumidor, o que pode resultar em perda de autenticidade e originalidade. Entender essas dinâmicas é fundamental para compreender o papel da arte popular na sociedade atual e o impacto que o sistema capitalista pode exercer sobre essa importante expressão cultural da comunidade da Ilha do Ferro. A análise cuidadosa desses aspectos pode ajudar a preservar a essência da arte popular, ao mesmo tempo em que possibilita o sustento e o reconhecimento adequado dos/as artistas envolvidos.

De acordo com a pesquisa destacada por Linz (2022), os artistas da Ilha do Ferro entraram no circuito das artes populares no Brasil apenas recentemente, o que significa que eles agora estão inseridos com mais intensidade na lógica do mercado e se tornam ainda mais subordinados às forças do capital. Para uma análise mais aprofundada das relações estabelecidas na comunidade, a pesquisa se concentrou na produção de esculturas e bordados, realizados principalmente pelos homens e pelas mulheres, respectivamente. A fim de coletar os dados necessários, foram aplicados 17 questionários, sendo 11 para os escultores/as e 6 para as bordadeiras da Ilha do Ferro. Esses dados são essenciais para compreender melhor o contexto e as dinâmicas sociais e econômicas envolvidas na produção artística e no trabalho dos artistas populares na comunidade.

As condições materiais de produção, ainda que se considere que uma parcela significativa dos artesãos tem entre 51 e 80 anos, evidencia que mais de 45% têm entre 21 e 30 anos de trabalho, conforme evidenciado nos gráficos 1 e 2, fato que reflete as complexas relações de apropriação estabelecidas na produção da arte popular. A valorização da arte popular e da comunidade, ganhando destaque nas mídias, pode não refletir necessariamente as condições materiais dos moradores da Ilha do Ferro.

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fechine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)



Gráfico 1 - Idade dos/as artistas escultores/as em madeira da Ilha do Ferro
Elaboração dos autores, 2023.



Gráfico 2 – Tempo de trabalho dos/as artistas da Ilha do Ferro com esculturas em madeira.
Elaboração dos autores, 2023.

Embora a divulgação e o reconhecimento da arte sejam importantes e positivos, é fundamental analisar se essa valorização está traduzindo-se em melhorias significativas na/para qualidade de vida e nas condições de trabalho dos/as artistas e da comunidade em geral. A inserção no mercado pode implicar uma maior exposição das obras e dos artistas, mas também pode trazer desafios, como a adaptação às demandas comerciais e à padronização da produção. Além disso, é importante considerar as relações de poder que podem emergir nesse contexto, com agentes externos exercendo influência sobre o processo criativo e o direcionamento da produção artística.

É interessante notar que muitos artistas da Ilha do Ferro não consideram a produção de arte como um trabalho pesado, ao contrário de muitas outras atividades que antecederam na comunidade. Essa percepção pode estar relacionada à paixão e dedicação que eles têm pela sua arte, o que pode amenizar a carga laboral que enfrentam. No entanto, essa falta de reconhecimento da exploração ou apropriação na sua produção pode naturalizar a prática de uma extensa jornada de trabalho, ultrapassando a marca de 09 horas diárias (gráfico 3). Por outro lado, embora a valorização artística da Ilha do Ferro esteja crescendo, ela não acontece de forma linear.

Existem grandes diferenças na renda mensal entre os escultores e as escultoras. Essa discrepância na remuneração pode refletir desigualdades de gênero ou outros fatores socioeconômicos que afetam a valorização do trabalho artístico (gráfico 4).

Essas informações destacam a importância de uma análise mais abrangente das condições de trabalho dos/as artistas populares na Ilha do Ferro. Embora eles possam encontrar satisfação e paixão em sua arte, é fundamental garantir que seu trabalho seja valorizado de maneira justa e que suas condições de trabalho sejam respeitadas e protegidas. A compreensão dessas questões é essencial para apoiar e promover o desenvolvimento sustentável da produção de arte popular da/na comunidade.



Gráfico 3 – Média diária de horas de trabalho dos/as artistas da Ilha do Ferro na produção de arte. Elaboração dos autores, 2023

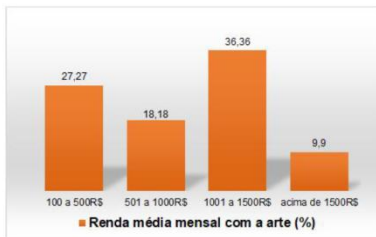


Gráfico 4 – Renda mensal dos/as artistas da Ilha do Ferro com a produção de arte. Elaboração dos autores, 2023.

As profissões que antecederam na comunidade, há algumas décadas, não ofereciam a mesma qualidade de vida que se tem após a entrada no circuito artístico. Naquela época, as condições materiais de sobrevivência no Baixo São Francisco e no Sertão Nordestino eram caracterizadas pelas relações de servidão aos criadores de gado e pela atividade de pesca. Além disso, muitos moradores optavam pela migração para as regiões Sul e Sudeste, em busca de melhores condições de vida.

Nesse sentido, como afirmou Silveira (2011, p. 05), “[...] o território usado é assim uma arena onde fatores de todas as ordens, independentemente da sua força, apesar de sua força desigual, contribuem à geração de situações”, o que implica que forças desiguais, ao se apropriarem desses lugares, formam territórios antagônicos que se sobrepõem, gerando problemas sociais que refletem uma realidade, muitas vezes perversas, na comunidade Ilha do Ferro. Em outras palavras, a partir da apropriação desigual da arte, surgem novos territórios formados por forças superiores externas que se apropriam através do poder que o capital detém nessas relações desiguais de mercado.

No entanto, nas últimas décadas, observou-se um aumento significativo de escultores/as. Esse crescimento está intrinsecamente relacionado à valorização da arte popular produzida na comunidade. A arte consolidou-se como a principal fonte de renda para esses artistas. Contudo, mesmo com esse avanço, é importante salientar que ainda não foram alcançadas as condições mínimas e dignas de sobrevivência para todos. A inclusão no circuito artístico trouxe transformações positivas para a comunidade da Ilha do Ferro, proporcionando melhores oportunidades de sustento e renda para os/as artistas. No entanto, é preciso enfrentar os novos desafios para garantir que o trabalho artístico seja devidamente valorizado e reconhecido, e que as condições de vida dos/as artistas alcancem patamares mais satisfatórios.

Essa análise ressalta a importância da pesquisa realizada para compreender a evolução socioeconômica e cultural da comunidade da Ilha do Ferro, especialmente em relação ao papel fundamental desempenhado pela valorização da arte popular. Com esse conhecimento, é possível direcionar esforços para promover o desenvolvimento sustentável da produção artística local e garantir que os/as artistas sejam

devidamente apoiados e valorizados em suas atividades criativas, contribuindo assim para o fortalecimento da identidade cultural e da cadeia criativa da comunidade.

No tangente às bordadeiras, o que se verifica é que a produção de bordados na Ilha do Ferro segue dinâmicas diferentes daquelas encontradas na produção de esculturas em madeira. Segundo Barros (2017), a produção do bordado na cooperativa Art-Ilha ocorre todas as tardes, de segunda-feira a sexta-feira, momentos em que as mulheres se reúnem para praticar esse ofício. Nesta pesquisa, participam tanto as bordadeiras que integram a cooperativa quanto aquelas que já fizeram parte, mas se desassociaram por diversos motivos. Diferentemente dos artistas escultores/as, a idade das bordadeiras situa-se entre 31 e 80 anos (gráfico 5) e a maioria, cerca de 66% exercem o ofício a mais de 30 anos (gráfico 6), o que supera, com folga, a média de anos trabalhados pelos artistas escultores/as.

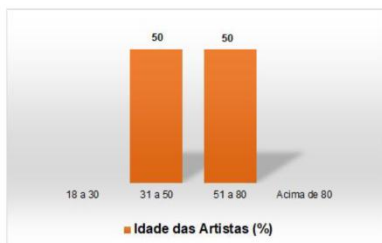


Gráfico 5 - Idade das artistas bordadeiras da Ilha do Ferro. Elaboração dos autores, 2023.

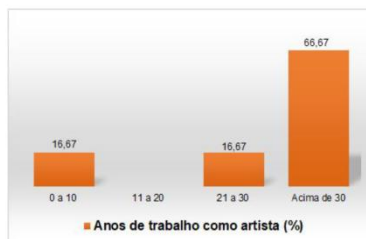


Gráfico 6 – Tempo de trabalho das artistas da Ilha do Ferro com a produção de arte. Elaboração dos autores, 2023.

Importante destacar também que, apesar de mais de 66% trabalharem uma jornada diária entre 6 e 8 horas (gráfico 7), a média mensal de rendimentos ainda é muito baixa se comparada à média dos homens (gráfico 8). Fato que reflete, mais uma vez, uma cultura machista na sociedade. A diferença na renda média mensal entre bordadeiras e escultores

demonstra a desvalorização do trabalho desenvolvido pelas mulheres na tradição do bordado. Essa técnica foi desenvolvida muito tempo antes da produção de esculturas, mas não atende aos requisitos preestabelecidos pelo capitalismo e sua lógica de produção e consumo e, portanto, é menos valorizada. Isso, por sua vez, impacta no estímulo às novas gerações para manterem a tradição, sem a perspectiva de uma vida digna, ao contrário de tantos outros profissionais de diversas áreas de trabalho.



Gráfico 7 – Média diária de horas de trabalho das artistas da Ilha do Ferro na produção de arte.

Elaboração dos autores, 2023.

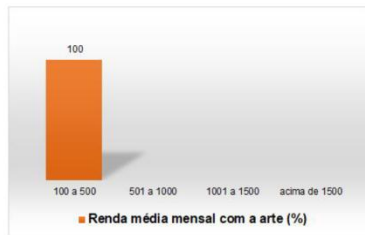


Gráfico 8 – Renda mensal (em R\$) das artistas da Ilha do Ferro com a produção de arte.

Elaboração dos autores, 2023.

Esse estranhamento daquilo que produz, transforma o trabalhador, ou sua força de trabalho, em simples mercadoria, que é apropriada pelo capital para produzir excedente. Conforme Marx (2010, p. 80), com estranhamento do produto, “[...] o trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadoria cria”. No caso da arte, se apropriam de objetos singulares para agregar valor na comercialização.

O bordado, que utiliza o tecido como matéria-prima, passa por transformações esteticamente menos significativas do que as esculturas, apesar do surgimento de novos pontos, como o 'boa noite', um ponto exclusivamente produzido na Ilha do Ferro e em comunidades vizinhas. No entanto, mesmo com a participação em feiras e exposições renomadas, o bordado, conforme evidenciado no gráfico 8, não alcança um valor econômico que possibilite uma vida digna e melhores condições

de trabalho para as artistas. A lógica do capital submete os artistas populares a meros apreciadores encarregados de preservar as tradições. Além disso, por intermédio de suas diversas manifestações, ela se revela como um agente conflituoso e implacável, ao cooptar a singularidade para sua própria perpetuação. Isso ocorre especialmente quando certos intermediários no processo de comercialização entram em cena, ao mesmo tempo em que mina os conhecimentos e as práticas enraizadas, substituindo-as por abordagens aceleradas e uniformizadoras, que visam à modernização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de sua história, a Ilha do Ferro se destacou como um enclave intrigante dentro das dinâmicas mercadológicas e transformadoras do capitalismo. Esse destaque é especialmente evidente no estilo de vida da comunidade, que durante várias décadas conseguiu suprir suas necessidades básicas de sobrevivência por meio de produção interna. Nesse sentido, surgem paradigmas relacionados aos desdobramentos do processo artístico como parte de uma cadeia criativa, bem como às práticas tradicionais presentes na comunidade. De um lado, emerge a preservação do patrimônio cultural material e imaterial. Do outro lado, defende-se a valorização socioeconômica dos artistas, visando uma vida digna, afastada das privações comuns no sertão nordestino.

Dentro do contexto do capitalismo, em que as conexões entre os diferentes lugares são profundamente entrelaçadas, especialmente através das tecnologias de informação que moldam tanto o estilo de vida quanto o consumo, em detrimento da mera reprodução do capital, torna-se imperativo reconhecer as mudanças e alterações nas características únicas presentes nas comunidades tradicionais. Nesse cenário, refletir

sobre a relação entre desenvolvimento e transformação demanda uma análise minuciosa dos agentes envolvidos no processo de avanço da arte. Isso inclui não apenas os agentes criativos, mas também os atores institucionais e intermediários que desempenham papéis essenciais na distribuição da arte.

Os dados apresentados neste trabalho permitem, em certa medida, compreender algumas contradições nas relações capitalistas presentes na Ilha do Ferro. É perceptível sua lógica predatória. A especulação imobiliária, que avança na ilha deixando os preços dos solos e das casas em patamares muito além do poder de pagamento dos nativos, é um exemplo. Em muitos casos, a produção de arte popular aumenta em progressão geométrica, enquanto o ganho financeiro aumenta em progressão aritmética, sobretudo com o bordado, como destacado nos gráficos.

Nesse sentido, é crucial revalorizar a arte e seus artistas na comunidade da Ilha do Ferro, levando em conta tanto os artistas do sexo masculino quanto do feminino. É preciso reconhecer, inicialmente, que a produção artística constitui, atualmente, a principal fonte de sustento para essa comunidade. Enfim, faz-se necessário reexaminar as condições de trabalho e buscar garantias de uma existência digna, com a salvaguarda dos direitos fundamentais de qualquer ser humano para além do artista.

REFERÊNCIAS

BARROS, Rachel Rocha de Almeida. **Bordado Boa-Noite da Ilha do Ferro**: patrimônio cultural, geração de renda e desenvolvimento regional. Latitude, v. 11, n. 2, 2017.

COSTA, J. J. C. **Morena Teixeira**: o fio da palavra e a tecitura da vida (Tese de doutorado). Maringá: Programa de Pós-

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fechine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

Graduação em Letras Universidade Estadual de Maringá-UEM,
2018.

LINS, Artur André. **O circuito das artes populares no Brasil: o caso do povoado Ilha do Ferro (AL).** 2022.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política.** Livro 1: o processo de produção do capital. [Tradução de Rubens Enderle]. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos.** Tradução, apresentação e notas Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010.

SOUSA, R. SILVA, F. A. **(Re)pensando geografia: história, objeto, método e práxis** (2. Ed). Maceió, Edições do Autor, 2022.

SANTOS, Milton. **O retorno do território.** In: OSAL: Observatorio Social de América Latina. Año 6 no. 16 (jun.2005). Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SILVEIRA, Maria Laura. **Território usado: dinâmicas de especialização, dinâmicas de diversidade.** 2011.

ATORES E ATUAÇÕES SOCIAIS: DO ESTUDO DE LUGAR À CONCEPÇÃO DE “LUGAR-FEIRA” EM DELMIRO GOUVEIA, ALAGOAS

Juliana dos Santos Lima²³

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo geral identificar e analisar as atuações sociais dos feirantes no lugar-feira em Delmiro Gouveia/AL. Para a realização deste trabalho realizamos algumas discussões acerca das concepções de Lugar, Feiras populares e atores sociais. Para tanto, propomos ainda um breve debate referente à noção de “Lugar-Feira”. Na primeira parte apresentamos algumas concepções elementares ao conceito de Lugar em uma perspectiva simbólica-subjetiva. Na segunda parte tecemos algumas considerações sobre a Feira e o sobre o “Lugar-Feira”, considerando a feira livre como sendo um lugar de vivência. Em seguida, trazemos os desdobramentos das atuações sociais dos feirantes no “Lugar-Feira” em Delmiro Gouveia e de que forma essas atuações constituem e atribuem laços de afetividade ao ambiente da feira transformando-a em um lugar.

Para Almeida (2013, p. 49) “...penetrar o invisível, fazer visível o invisível, parecia ser uma habilidade reservada à poesia, à pintura, à escultura etc. A geografia, porém, está demonstrando também ter este dom”. O âmago das relações

²³Graduada em Geografia Licenciatura pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), *Campus* Sertão. Membro do Grupo de Estudos Sociedade & Natureza (GESN), UFAL. Especialista em Psicopedagogia Escolar – Faculdade Focus. Mestranda em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Membro do Grupo de Estudos Sociedade & Cultura, UFS, E-mail: julianabk2017@gmail.com

entre os sujeitos e a natureza não são palpáveis, mas estão ali presentes e pulsantes. Mesmo invisíveis podem se tornar compreensíveis, e pelas lentes da Geografia se tornarem obras de arte dignas de apreciação. Isso significa dizer que: não é porque os elementos não podem ser apreendidos pelos nossos sentidos (visão, tato, audição) que eles deixarão de existir. Com isso, entendemos que a presença também se faz na ausência, e o real só pode ser entendido como tal se de outra parte houver o simbólico.

Pensando nisso, temos como objetivo geral identificar e analisar as atuações sociais dos feirantes no lugar-feira em Delmiro Gouveia/AL. Para isso, iremos considerar as subjetividades, as afetividades, as trocas, as narrativas e as vivências como ingredientes essenciais à leitura dos fenômenos que se 'manifestam' pelo e no espaço.

Iniciamos com a investigação de aportes teórico-metodológicos sobre o entendimento das noções de Feira, Lugar, atores e atuações sociais, além de identificar e mapear atores sociais envolvidos, sobretudo, com foco para a feira de Delmiro Gouveia. Para isso tivemos como base teórico-metodológica autores como Yu-Fu Tuan (2018), Holzer (2013), Lima (2022), Lima (2021), Leite (2018), Callai (2015) e Moreira et Hespanhol (2017). Tais autores discutem Lugar de modo bastante singular, apresentando-o de modo a considerar os aspectos simbólico-subjetivos de cada conceito. Posteriormente, tratamos sobre as noções de Feira e de Lugar-Feira. Para isso, tivemos como base autores como Tavares (2017), Santos et al (2014) e Machado (2014). Assim como os autores citados anteriormente, esses teóricos também levam em consideração os aspectos simbólicos referentes à Feira.

Por fim, sugerimos algumas considerações no que diz respeito ao que são atores e o que são atuações sociais e, como exemplo, propomos a apresentação de alguns dos atores que

fazem o Universo do Lugar-feira, bem como as atuações que são desenvolvidas por esses sujeitos.

O CONCEITO DE LUGAR

Lugar é um dos conceitos chaves da Geografia e que durante algum ocupou uma posição secundário frente a conceitos como: Território, Espaço, Região, Rede e Paisagem. Sobre isso, Holzer (2003) menciona que:

Lugar, conceito espacial que durante longo tempo foi utilizado pelos geógrafos para expressar o sentido locacional de um determinado sítio. Devido a esta definição foi relegado a um plano secundário em relação a outros conceitos espaciais como paisagem, espaço e território. Hoje, no entanto, "lugar" é considerado conceito fundamental no estudo da geografia (Holzer, 2003, p.113).

Como podemos observar nos escritos de Holzer (2003), o conceito de Lugar ocupou uma posição secundária quando comparado a outros conceitos espaciais, embora, hoje, seja um conceito extremamente valioso para a Geografia e para os seus estudos. Inicialmente, a noção de Lugar estava diretamente associada a concepção de locacional de um determinado sítio, por exemplo.

Tuan, nesse sentido, entende Lugar com base em uma perspectiva que não leva em consideração o aspecto locacional, mas os aspectos simbólicos, aos significados que são configurados através de vivências de cada sujeito. Com base nas acepções de Tuan, o lugar é um centro de significado que é construído pela experiência. Para ele, o lugar pode e deve ser conhecido não apenas através dos olhos e da mente, mas também através dos modos de experiência mais passivos e diretos, os quais resistem à objetificação. Dessa maneira, "conhecer o lugar plenamente significa tanto estendê-lo de um

modo abstrato, quanto conhecê-lo como uma pessoa conhece outra” (Yu-Fu Tuan, 2018, p. 6). Assim, tomando como base o parágrafo anterior, podemos sugerir que Lugar só é Lugar se houver significado, experiência²⁴ e vivência.

Nesse sentido, é importante ressaltar que partilhamos da mesma perspectiva de Leite (2018), ao afirmar que o conceito de Lugar transcende a delimitação espacial. Também consentimos com a concepção de que o Lugar não apenas assume um papel valioso no que diz respeito à personalidade de cada sujeito, como atua concomitantemente no processo de identificação desse mesmo sujeito para com o ambiente em que habita.

Outrossim, concordamos com Lima (2021, p. 100) ao explicar de modo bastante objetivo que “...lugar não se resume a um recorte espacial, mas a um local de afirmação e afirmação de identidades, de memórias, de tradições, de aprendizados, experimentações, cujas realizações são vivenciadas individual e coletivamente”. Dessa forma, o lugar mais tem a ver com narrativas, memórias, significados e laços que não poderiam e nem podem ser limitados. Não se pode estabelecer limites àquilo que é transcendente. E sendo transcendente, partilhamos da mesma concepção de Callai (2005, p. 243) ao explicar que “cada lugar tem uma força, uma energia que lhe é própria e que decorre do que ali acontece. Ela não vem de fora, nem é dada pela natureza”. Ela complementa que isso é resultado de uma construção social que é efetivada graças a vivência diária dos sujeitos que habitam o lugar. “É resultado do somatório de tempos curtos e de tempos longos que deixam marcas no espaço” (Callai, 2005, p. 243).

Seguindo esse percurso, é importante que pensemos o Lugar com vista para uma construção cotidiana, ou seja, lugar

²⁴A experiência é um termo geral para os vários modos através dos quais uma pessoa conhece seu mundo (YU-FU TUAN, 2018, p. 5)

como algo que é construído todos os dias a partir de cada experiência vivida, de cada narrativa, de cada memória criada. Nesse contexto, Lugar sugere elementos essenciais tais como foram demonstrados anteriormente. Entretanto, além desses ingredientes já destacados, é importante ressaltar um outro item também relevante e caro à concepção de Lugar, como por exemplo, a apropriação. Essa apropriação diz respeito ao modo como os sujeitos interagem com o ambiente em que habitam, ou seja, a maneira como cada um se sente ligado, identificado e pertencente ao lugar de vivência. Essa apropriação pode ser simbólica (mental) quando tem a ver com os laços afetivos e também pode ser física (material) quando tem a ver com uma construção material propriamente dita, como por exemplo, uma casa. Em síntese, o Lugar "...acima de tudo, traduz a união entre corpo, mente e ambiente" (Lima, 2022, p. 27).

Similar ao que foi exposto no parágrafo anterior, Moreira et Hespanhol (2007, p. 49) mencionam que "compreender o lugar é considera-lo não como uma soma de objetos, mas como um sistema de relações (subjetivo-objetivo, aparência-essência, mediato-imediato, real e simbólico)". Nesse contexto, podemos observar que compreender o lugar carece, necessariamente, de elementos que considerem tanto os aspectos concretos quanto os transcendentais. Assim, levando em consideração tais características, um local pode se transformar em um lugar se nele houver experiência e, portanto, subjetividades²⁵, da mesma forma que um lugar poderá vir a ser um local se nele deixar de existir experiências e subjetividades. O local é o real, o lugar é o simbólico.

²⁵"A subjetividade seria uma contraposição ao racionalismo objetivo, ou seja, a análise deveria levar em consideração o caráter subjetivo e não apenas o objeto em si" (Moreira et Hespanhol, 2007, p. 50).

AS FEIRAS POPULARES: PENSANDO O LUGAR-FEIRA

A feira, como uma conformação de comércio, tem origem na idade média, especificamente, no período do renascimento do comércio, com o aumento do crescimento de mercadorias entre as cidades e o campo (Gonçalves, 2016, p. 37). Com a crescente das mercadorias entre campo e cidade, há uma necessidade quase que natural de trocar ou vender esses produtos excedentes.

De acordo com Machado (2014, 2014, p. 125) “com a expansão marítima e comercial da Europa, a abertura para o Oriente permitiu que os produtos fossem distribuídos via mar mediterrâneo com altos lucros, com destaque para a cidade de Veneza, Gênova e Pisa”. A autora vai mencionar ainda, que nas rotas medievais e nos principais cruzamentos de acesso as cidades mais pujantes da Europa, organizavam-se as grandes feiras. Dentre as mais importantes da época, por volta dos séculos XV e XVIII, dá-se o devido destaque a região de Champagne, na França; a feira de Flandres na Bélgica; a de Holanda e Frankfurt, na Alemanha (Machado, 2014).

Nesse contexto, as trocas e vendas de mercadorias eram realizados em locais estratégicos. Dentre esses espaços, destacavam-se portos ou locais em que o fluxo de pessoas era mais acentuado, como por exemplo, em cruzamentos de acesso à diferentes pontos das rotas medievais. E diante disso, é importante situar o leitor que, diante do que foi exposto até então, podemos observar que o surgimento da feira esteve diretamente ligado à dois fatores essenciais, a saber: o excedente de mercadorias e um lugar propício para que esses produtos pudessem ser vendidos ou trocados.

No Brasil, não há documentos que indiquem o surgimento da primeira feira. Mas, sabe-se que elas se tornaram expressivas com o crescimento demográfico e diversidade

econômica do Brasil Colônia (SANTOS et al, 2014, p. 125). Mesmo sem uma historiografia que sugira a formação das feiras no País, Gonçalves (2016, p. 79) traz informações valiosas que nos ajudam a traçar considerações sobre esse contexto. Para o autor, as feiras tiveram um papel importante tanto no que se refere à economia, quanto no que diz respeito à cultura e sociedade do Nordeste brasileiro nesse mesmo período mencionado por Santos.

Entretanto, é importante que ressaltemos que nem tão somente de permutas de mercadorias vive a feira. Sobre isso, Tavares (2017) coloca de modo singular que a feira livre é:

...um lugar de manifestações culturais, ocasiões em que se percebe um rico fluxo de identidades e valores. Nela podemos evidenciar uma sociabilidade entre seus frequentadores. Com isso buscamos ressaltar que a feira não é apenas um espaço econômico, mas também um local de produção cultural. Não é apenas um espaço de dinamização de consumo, é também um espaço de socialização dos indivíduos (Tavares, 2017, p. 31).

Dessa maneira, podemos verificar que a feira é também lugar de trocas que não necessariamente estão ligadas ao aspecto econômico, mas a trocas sociais e culturais. Como bem menciona o autor, a feira também exerce um importante papel no que se refere ao processo de socialização entre indivíduos. Mais que um espaço de dinamização econômica, a feira se apresenta enquanto lugar de dinamização de costumes, tradições, narrativas, saberes e experiências entre diferentes atores sociais.

Com base no que foi apresentado, compreendemos que a feira não pode ser considerada como um espaço cristalizado, onde diferentes sujeitos se reúnem para vender ou trocar mercadorias. A sua importância não se limita a um recorte espacial com propriedades destinadas ao setor econômico,

embora, esse aspecto seja considerado como valioso à reflexão deste trabalho. O que queremos dizer é que o universo da feira está inserido em um patamar que transcende essa realidade concreta e que embora esteja oculto, está presente. De fato, entendemos que a feira pode sim ser um importante espaço econômico, mas ela é também um lugar de vivências, cuja totalidade só poderia ser expressa quando em face de dois horizontes, simultaneamente: o concreto e o abstrato.

Sendo a realidade mais do que aquilo que podemos tocar, ver e sentir através dos sentidos, concluímos que o Universo da feira, ou melhor, do “Lugar-Feira” não se resume concretamente aos sujeitos feirantes que vendem mercadorias em troca de dinheiro, mas a sujeitos feirantes que pisam em um chão dotado de significados. Um chão que reúne, sobretudo, vivências e trocas. Simbolismos e memórias de existência.

Assim, o Lugar-Feira se trata de um ambiente que é ressignificado e configurado constantemente, assumindo o papel de espaço vivido, onde as experiências, vivências, trocas, símbolos, valores, narrativas e tradições, por exemplo, se encontram em estado latente em único Lócus, neste caso, a feira. Para Lima (2022, p. 72), na feira as trocas e as vivências se apresentam de modo bastante singular e caro ao processo de construção de vínculos na medida em que há uma interação direta entre diferentes sujeitos sociais. Essa interação social pode ser vista tanto entre os feirantes, quanto entre feirantes e fregueses. Para a autora, cada sujeito traz consigo as suas narrativas individuais e suas concepções de vida que acabam entrando em interação com outras vivências. Nesse cenário de encontros, é bem provável que haja trocas; que haja perdas e acréscimos; encontros e desencontros; presenças e ausência; elementos concretos e abstratos.

Em síntese, o “Lugar-feira” não se limita à tangibilidade, mas anda de mãos dadas com o intangível. Que se ressalte,

muito devemos a essa singularidade, pois é por meio dela que conseguimos absorver o mais aguçado sabor da subjetividade presente nas atuações sociais manifestadas na feira.

ATUAÇÕES DOS FEIRANTES NO LUGAR-FEIRA EM DELMIRO GOUVEIA, ALAGOAS

Gamalho (2016, p.08) vai explicar de modo bastante interessante que um ator "...é a menor unidade indivisível, que se socializa, comunica e estabelece interações com outros atores. Ator é aquele que age, construído no tempo, no espaço e no campo teórico". Noutras palavras, podemos dizer que ator é quem se manifesta e interage em sociedade desempenhando um papel social.

Ator é quem molda o espaço em que vive à medida que também é moldado e influenciado por diversas outras forças. Gamalho (2016, p. 06) ainda vai mencionar que o "ator, o agente e o actante²⁶ são centrais na compreensão geográfica a partir do lugar, do espaço vivido, das práticas territoriais". Dessa maneira, ao agirem reflexivamente, potencializam o caráter de influenciar, transformar e significar o espaço e os demais atores, agentes e actantes (Gamalho, 2016, p.06).

Similar às concepções anteriores, Lima (2022, p. 65) vai explicar que "...um ator social é aquele que ocupa, se apropria, interage, reinventa e produz o espaço no qual está inserido e no qual pretende alcançar algum propósito seja ele econômico, político, religioso, cultural, territorial, social etc." Poderemos visualizar tais atores no (quadro 1) abaixo.

²⁶"O actante não é uma realidade permanente, mas algo que ocorre na existência social de contextos e situações específicas e/ou circunstanciais. Nessa perspectiva, o próprio lugar pode configurar um actante, como nos momentos em que adquire sentidos que o personificam e através dos quais o espaço (actante não-humano) tem potencialidade de influenciar as ações de outros/a atores e agentes" (GAMALHO, 2016, p. 08).

Quadro 1. Atores e ações sociais desenvolvidas no Lugar-Feira de Delmiro Gouveia.

Vendedores	Artefatos de Couro	cintos, bolsas, chapéu, sapato.
	Calçados	Sandálias, sapatos, botas
	Confecções	blusas, vestidos, casacos, calças, shorts, camisas, etc.
	Frutas	Banana, manga, abacaxi, laranja, jaca, melancia, pinha, uva, acerola, seriguela, limão, graviola, melão, Ouricuri, abacate, maçã, goiaba, pera, umbu, cajú, mamão, carambola etc.
	Verduras e legumes	Tomate, cenoura, couve-flor, batata, pimentão, repolho, alface, coentro, salsa etc.
	Temperos	Cebola, alho, pimenta do reino, açafraão, colorau, orégano, cominho, sal grosso, etc.
	Comidas	Pastel, bolo, coxinha, caldo de cana, rapadura, mel, tapioca, sucos, fubá, cocada, quebra-queixo, queijo, requeijão, malcasado, pé-de-moleque, caldo, mugunzás, milho, pipoca etc.
	Variedades	Pentes, espelhos, lençóis, panelas de pressão, coleira de cachorro, bacias, baldes, cordas, fogão, facas, mosquitoireiro, fumo de corda, jarros de barro, artefatos de alumínio, pulseiras, brincos, colares, relógios, plantas, filtro de barro, panelas de barro etc.
	Eletrônicos	Celulares, carregadores de celular, controles remotos,

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fechine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

		aparelhos de som, pilhas, baterias, fones de ouvido, DVD, etc.
Transportadores	Motoriclistas	-
	Motoristas de carros baixos	-
	Motoristas de D20s	-
	Caminhoneiros	-
	Carroceiros	-
	Motoristas de Vans	-
Consumidores e Visitantes	Homens	-
	Mulheres	-

Fonte: Autora, 2022.

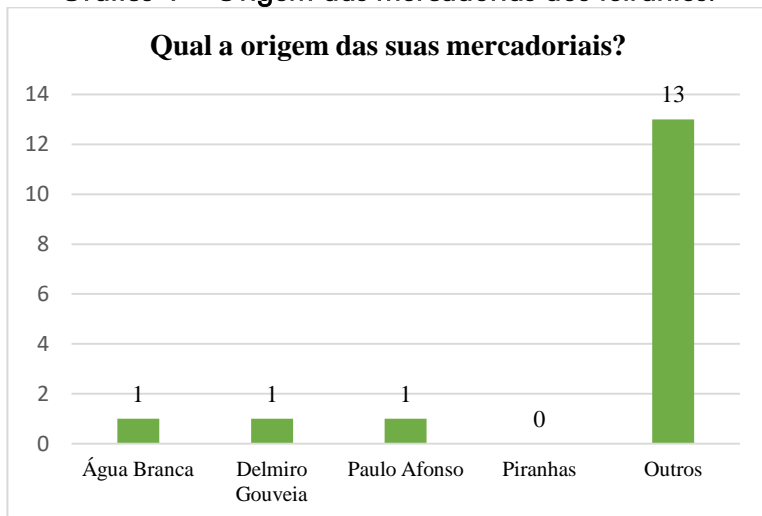
Como podemos observar, vários são os atores e várias são as atuações sociais desempenhadas no Lugar-Feira, em Delmiro. Cada vendedor, cada transportador, cada consumidor e cada visitante desempenha um papel único, ou seja, atua na produção e configuração do Lugar de uma forma diferente, mas que quando juntos dão vida a dinâmica da feira livre em sua totalidade.

Sendo dessa forma, podemos dizer que os feirantes são atores sociais e manifestam as suas atuações à medida que se adaptam à realidade de cada contexto histórico vivenciado. São atores e desempenham atuações sociais à medida que se reinventam no Universo da feira e buscam melhorias tanto na oferta de produtos e mercadorias, quanto nas trocas simbólicas com cada freguês, rotineiramente. Por fim, também desempenham atuações sociais à medida que resistem e se atualizam em face de cada mudança no mercado moderno, atualmente é comum encontrar feirantes fazendo uso de

dispositivos tecnológicos como maquinetas para uso de cartão de crédito e pix, por exemplo.

Como pudemos notar no quadro anterior referente aos atores e as suas atuações sociais no Lugar-Feira em Delmiro Gouveia, temos dentro do panorama geral atores que desempenham seu papel na venda de produtos (cama, mesa, banho, confecções, frutas, legumes, eletrônicos, etc.). Diante das pesquisas de campo, das entrevistas e dos questionários aplicados, verificamos que esses produtos variam desde mercadorias regionais como o couro, por exemplo, a elementos de outras localidades, principalmente no que diz respeito ao setor de confecções e frutas. Em campo, constatamos que muitos produtos são de outros municípios, como poderemos observar no (gráfico 1) abaixo.

Gráfico 1 – Origem das mercadorias dos feirantes.



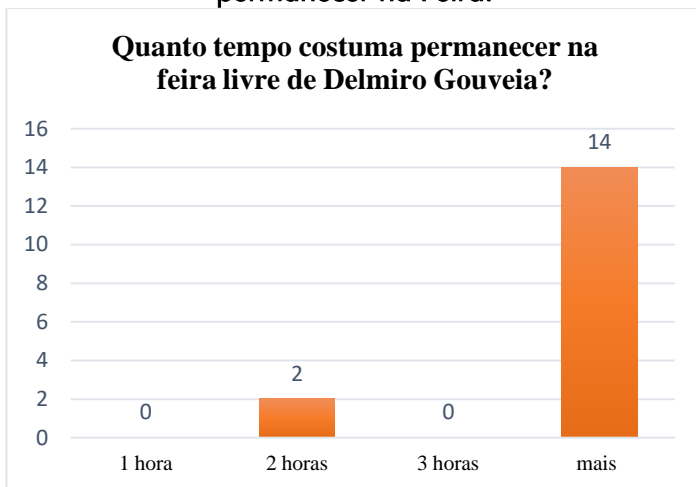
Fonte: autora, 2023

Tendo o gráfico acima como base, verificamos que de um total de 16 feirantes contatados, 13 responderam que as suas mercadorias são adquiridas em outras localidades e, posteriormente, é que são comercializadas na feira de Delmiro. Dentre esses outros locais, destacamos: Caruaru (PE), Itabaiana (SE), São Paulo (SP), Maceió (AL), Recife (PE), Arapiraca (AL) e Petrolândia (PE).

Tal constatação nos permite resgatar o que menciona Crozier et Friedber (1977 apud Dubar, 2004, p. 59), quando partem da ideia de que um ator social é um sujeito que se adapta e se reinventa em face das necessidades do tempo-espaço. Assim, podemos dizer que esses feirantes tiveram a capacidade de se reinventar e se adaptarem conforme a necessidade do contexto, pois mesmo não tendo condições favoráveis no município de origem, tais atores desenvolveram outras formas para que pudessem comercializar as suas mercadorias. Considerando a impossibilidade de produzirem em seu próprio município, tiveram que recorrer a outros fornecedores para dar continuidade à venda de mercadorias.

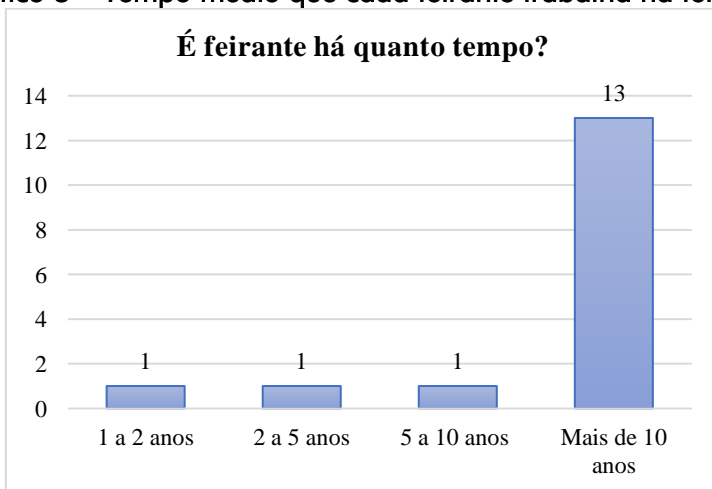
Além de se adaptarem às circunstâncias, esses atores também demonstram se apropriarem do Lugar-Feira de uma forma interessante. Mais uma vez, através das visitas de campo foram colhidas algumas informações acerca da quantidade de horas que cada feirante permanece na feira e há quantos anos trabalham na feira. Poderemos observar tais informações no (gráfico 2) e (gráfico 3) respectivamente.

Gráfico 2 – Tempo médio que cada feirante costuma permanecer na Feira.



Fonte: Autora, 2023.

Gráfico 3 – Tempo médio que cada feirante trabalha na feira.



Fonte: Autora, 2023.

Como podemos notar, o elemento tempo se mostrou como um fator relevante tanto no primeiro gráfico, quanto no segundo. No primeiro, constatamos que os feirantes se apropriam do espaço da feira por bastante tempo. Diante do gráfico, vemos que a maioria dos feirantes permanecem na feira quase que o dia inteiro. Por mais que o cansaço insista em aparecer, há um objetivo latente que parece ser mais forte que qualquer cansaço físico, a subsistência.

No segundo, verificamos outro elemento importante a ser destacado que é justamente a quantidade de anos que cada feirante afirmou ter vivido na feira. Como podemos perceber, a maioria respondeu que já trabalham na feira há mais de 10 anos. Ao serem entrevistados, cada feirante se expressa de forma singular e, para tanto, desenvolvem relatos sensíveis no que diz respeito a vivência na feira. Eles não estão tão somente vendendo mercadorias na feira há dez anos, mas estão também se reinventando, se atualizando, resistindo, reorganizando o ambiente à medida que o experenciam.

Em síntese, compreendemos que se ser um ator social diz respeito a “dar um jeito” frente as necessidades do momento e as exigências do cotidiano, os feirantes de Delmiro Gouveia têm se mostrado como fortes. Se a atuação social é fruto de cálculo, de adaptação e de objetivos a serem alcançados, os feirantes de Delmiro Gouveia têm demonstrado as suas capacidades e as suas maneiras de lidar com a falta de oportunidade, com a baixa escolaridade e com as dificuldades na logística dos produtos a serem comercializados, por exemplo.

CONCLUSÃO

Diante do que foi apresentado, propusemos neste trabalho construir interpretações com foco para os atores e as

suas atuações sociais no lugar-feira em Delmiro Gouveia/AL. Em síntese, verificamos que a feira popular já esteve presente na história humana há muito tempo e que a sua consolidação foi sendo configurada ao longo dos anos diante da eminente necessidade de permuta de mercadorias.

A importância da Feira, entretanto, não pode unicamente vinculada à permuta de mercadorias, pois entendemos estar cometendo um erro. A feira, em sua totalidade, requer, necessariamente, dois horizontes chaves: o real e o simbólico. Por isso, sugerimos neste trabalho uma discussão acerca da noção de Lugar-Feira, e não tão somente da concepção de Feira. Lugar-Feira, assim, diz respeito a união dos dois horizontes, contemplando a matéria, mas também a essência, ou seja, a totalidade do objeto.

Por se tratar de um Lugar, a feira não poderia ser compreendida sem a presença de seus “construtores”, ou seja, de seus atores. Só há feira porque há feirantes, e só existe Lugar porque há sujeitos que transformam esse espaço em um Lugar. Vimos que cada ator desempenha o seu papel na produção do espaço, e também verificamos que cada ação tem a sua importância na construção geral da dinâmica do Lugar-Feira.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda de. A propósito do trato invisível, do intangível e do discurso na Geografia Cultural. **Revista ANPEGE**, vol. 9. n.11, p.41-50, jan./jun, 2013.

DUBAR, Claude. Agente, ator, sujeito, autor: do semelhante ao mesmo. In: **Congresso da associação Francesa de Sociologia**, Versailles, 2004.

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fechine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: A geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, mai./ago. 2005.

GAMALHO, Nola Patrícia. Reflexões a partir do ator/agente no pensamento geográfico. In: **XVIII Encontro Nacional de Geógrafos**, São Luís, Maranhão, 2016.

GONÇALVES, Luiz Antonio Araújo. **A metamorfose das feiras nordestinas com a inserção da confecção popular**: estudo geográfico das feiras de Caruaru-PE; Aprazível, Sobral-CE e Serrinha-BA. 2016. 329 f. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

HOLZER, Werther. O conceito de Lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, vol.10, p. 113-126, 2003.

LIMA, Juliana dos Santos. **Feirantes e narrativas de identificação com o Lugar-Feira em Delmiro Gouveia – AL**: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência. 2022. 141 f. Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2022.

LIMA, Juliana dos Santos; O conceito de Lugar, o método fenomenológico e a prática de ensino de geografia num povoado sertanejo em Alagoas. In: 7º ENCONTRO REGIONAL DE ENSINO DE GEOGRAFIA. **Anais...2021**, Campinas, São Paulo, 2021.

MACHADO, Vânia Lúcia. **Modernização agrícola no médio norte goiano**: a feira como estratégias de sobrevivência do

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fachine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

pequeno produtor rural. 2014. 206 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2014.
MOREIRA, E, V; HESPANHOL, R. A. M. O lugar como uma construção social. **Revista Formação**, Rio de Janeiro, vol.2, n.14, p. 48-60, 2007.

SANTOS, José Erimar dos.; SILVA, Anelino Francisco da.; SOARES, Marília Medeiros.; BANDEIRA, Sâmia Érika Alves de Caldas. Feira Livre como Lugar Privilegiado para a (Re)produção e (Re)invenção de Práticas Espaciais e Socioculturais Populares: a Feira Livre de Ceará-Mirim (RN). **Sociedade e Território**, Natal, v. 26, n° 1, p. 58 - 75, jan./jun. 2014.

TAVARES, Noaldo José Aires. **Feira livre de Boqueirão: dinâmica regional, mercado e consumo no Cariri Paraibano**. 2017. 127 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

TUAN, Y. F. Place: as experimental perspective. **Geograficidade**. V.8, n.1, p. 4-15, 2018.

ESTUDO SOBRE O FRUTO DO OURICURIZEIRO

Luana Tassia Souza dos Santos²⁷
Nathália Joeynny Gomes Queiroz²⁸

O trabalho tem como vigência expor a experiência exploratória da extração de óleos seguidos pelo fruto do ouricuzeiro, sendo este, conhecido no popular como "coquinho", "dicuri", "licuri" ou "Ouricuri". O ouricuri é um fruto no qual detém de diversas propriedades nas quais foram pesquisadas, estudadas e exploradas no ramo de extrações durante a busca por resultados ao decorrer da experiência. As extrações de óleos foram feitas através do método Soxhelt, o mesmo ocorre através de métodos físicos, nos quais sem a obtenção de reações químicas. O óleo extraído do fruto detém de propriedades para uso em combustível, sendo ele o biodiesel, ou seja, combustível sustentável.

O fruto do ouricuzeiro, não serve apenas para a extração de óleos, mas está vinculado principalmente na cultura brasileira por ser nativo do país e esta presente na região nordestina. O objetivo do trabalho é expor o conhecimento das diversas propriedades nas quais estão vinculadas não só do fruto, mas da própria árvore em questão. A cultura do ouricuzeiro se vislumbra também na produção artesanal, na qual se faz presente na cultura indígena e dentre outras, o artesanato é utilizado de forma econômica por algumas culturas para que possa gerar renda em sua respectiva comunidade.

²⁷Engenheira de Produção, Coordenadora do laboratório de Gestão e Qualidade da UFAL Sertão, Coordenadora do Núcleo de Expressão Artística da UFAL Sertão, Coordenadora Geral da UFAL Sertão; Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão; E-mail: luana.santos@delmiro.ufal.br.

²⁸Graduanda em Licenciatura Plena no curso de Geografia pela UFAL; E-mail: nathalia.queiroz@delmiro.ufal.br.

O licurizeiro conhecido cientificamente como *Syagrus coronata*, é identificado como uma palmeira na qual pode chegar em até à onze metros de altura, suas folhas lembram a forma de uma coroa e é conhecido por vários nomes na cultura popular: alicuri, cabeçudo, coqueiro-aracuri, coqueiro-dicuri, iricuri, oricuri, ouricurizeiro, uricuri e uricuriba.

A palmeira nativa do Ouricuri, possui em suas características, frutos comestíveis nas quais são identificadas por serem amêndoas com uma vasta quantidade de óleo vegetal. A palmeira encontra-se em maior concentração na região Nordeste do país, principalmente em regiões semiáridas, ela pode ser encontrada no norte de Minas Gerais, na porção oriental e central da Bahia até o sul de Pernambuco e também nos estados de Sergipe e Alagoas.

O licurizeiro produz em seus cachos média de 1.350 frutos, medindo aproximadamente dois centímetros, a amêndoa possui uma endoderme de formato ovóide e carnoso. Geralmente seus frutos são consumidos enquanto verdes, o seu interior possui uma textura aquosa, na qual vai endurecendo no processo de amadurecimento, dando origem à amêndoa e a sua coloração irá variar do amarelo-claro ao laranja. A casca do ouricuri, assim como a do coco verde e maduro, é constituída por uma fração de fibras (Cabral, 2015).

As fibras são materiais lignocelulósicos obtidos do mesocarpo dos frutos que se caracterizam pela dureza, qualidade de permanecer da mesma forma se submetida às forças de tração e compressão, e durabilidade atribuída ao alto teor de lignina, quando comparadas com outras fibras naturais (Silva et al., 2006). Dentre os métodos utilizados para a extração de óleos pode-se destacar a extração mecânica e a extração por solvente através do método Soxhlet. O primeiro consiste em extrair o óleo através de prensas hidráulicas que comprimem o material oleaginoso e proporciona o rompimento dos glóbulos

de gorduras. O segundo é o processo de lavagem por solventes, devido a afinidade lipídica através da lixiviação. Vários tipos de indústrias utilizam os óleos como matéria-prima principal de seus processos na obtenção de produtos, com valor agregado, como na produção de margarinas e laticínios em indústrias alimentícias, cremes e emulsões nas indústrias de cosméticos (Graziola et al., 2002).

O objetivo geral desse trabalho foi analisar a eficiência de processos da extração de óleo por prensagem e por solvente. Dessa forma, para obtenção de óleo de ouricuri em escala laboratorial. É importante especificar que para alcançar o objetivo geral proposto, os seguintes objetivos foram definidos, sempre procurando relacionar a influência dos parâmetros estudados com os processos de extração, sendo eles: Caracterizar o fruto do ouricuri; Determinar a cinética de secagem da amêndoa do ouricuri; Estudo do processo de extração por prensagem mecânica; Estudo do processo de extração por solvente e avaliação dos solventes hexano e etanol; e a Identificação dos parâmetros que possam influenciar no rendimento.

A utilização de lipídios é culturalmente adotada dentro do contexto histórico tanto a.C. quanto d.C. Há desenhos egípcios nos quais contêm a representação do uso de óleos através das fragrâncias em perfumes. De maneira genérica, os perfumes são soluções que contêm substâncias aromáticas, geralmente de aromas agradáveis. O principal constituinte de um perfume é a essência, que é um óleo essencial. As essências podem ser de origem natural ou sintética. As de origem natural são geralmente extraídas de plantas, flores, raízes ou animais, e as sintéticas são produzidas em laboratório.

A extração de uma essência natural é realizada por prensagem, maceração, extração com solventes voláteis ou através de destilação por arraste a vapor que consiste em

submeter a matéria-prima a um calor intenso, que provoque a evaporação dos componentes que constituem o perfume, os quais são coletados por um tubo de vidro até que resfriem, sendo adicionadas certas quantidades de álcool e água (Guimarães et al., 2000).

Os gregos faziam o uso de óleos para banhar o corpo e depois retirá-lo com espátula para que o óleo "arrastasse" as sujidades do corpo, além de servirem como repelente contra mosquitos. Os óleos também foram utilizados na indústria bélica, pois, serviam como lubrificantes para os armamentos equipamentos de guerra feitos de madeira (Santos et al., 2012).

É comum encontrar na história resquícios do desempenho humano e evolução para a utilização do óleo tanto para uso pessoal, quanto para uso comercial. No bioma caatinga genuinamente brasileiro, o mesmo está presente no nordeste do Brasil com áreas no Estado de Minas Gerais. Ao contrário do que é disseminada, a caatinga contempla uma riqueza inestimável de vida, de fauna e flora. Seu aspecto é seco e a vegetação da caatinga não apresenta a exuberância verde das florestas tropicais úmidas. Tal aspecto é determinado pela presença de cactos e arbustos o que, erroneamente, sugere uma baixa diversificação da fauna e flora. Na verdade, a Caatinga revela sua grande biodiversidade biológica e uma beleza peculiar (Leal et al., 2003).

Por não ser uma floresta com climas tropicais, a caatinga com seu clima extremante quente e seco sobrevive através de uma fauna na qual preserva a beleza e resiste lindamente a seca, um exemplo disso são as palmeiras da família Arecaceae são plantas utilizadas na medicina popular, especialmente da espécie *Syagrus*.

A *Syagrus coronata* é utilizada na medicina popular de várias maneiras, dentre elas como colírio, o chá das raízes para dor nas costas (Hughes et al., 2013). A palmeira *Syagrus*

coronata é uma árvore rústica e que não necessita de tratamentos culturais rebuscados, já que suporta regiões com proeminência de sol forte o dia inteiro e escassez de água. A *Syagrus coronata* é uma espécie da família Arecaceae abundante no semiárido nordestino brasileiro e sua subfamília é a Arecoideae, essa subfamília reúne atualmente 115 gêneros e 1.500 espécies, sendo a maior entre as Arecaceae (Drumond, 2007).

O semiárido nordestino apresenta ampla variedade de frutos oleosos, dentre eles o ouricuri se destaca, devido a sua ampla aplicabilidade (Seixas; Leal, 2011), sendo de grande importância socioeconômica para populações rurais já que pode ser obtido o seu óleo para produção de sabões de boa qualidade. A amêndoa seca fornece 38% de um óleo incolor, transparente, de densidade de 0,921 a 15°C (Crepaldi, 2001; Drumond, 2007). O fruto possui uma amêndoa com endoderme abundante, ovoide e carnosos. Enquanto não amadurece apresenta o endosperma líquido, que, após a maturação se torna sólido.

O fruto na maturação apresenta-se com coloração variada, do amarelo-claro ao alaranjado. Os frutos maduros têm polpa amarela, pegajosa e adocicada (Crepaldi, 2001). Em termos constitucionais, o fruto do ouricuri pode ser composto de várias partes, sendo elas, a epiderme, o endocarpo, o mesocarpo e o albúmen.

A epiderme é a superfície externa lisa e cerosa, sua cor varia dependendo da variedade e maturidade do fruto; o mesocarpo fibroso: também chamado de cairo ou polpa fibrosa, é a parte intermediária, tem aparência "palha" e geralmente cor castanha; endocarpo, também chamado de cáscara ou casca, tem cor negra, é muito duro e apresenta três costuras longitudinais mais ou menos salientes, separando os três poros germinativos; o albúmen: também chamado de amêndoa, geralmente tem cor branca brilhante (Santos, 2011).

O tegumento externo do fruto é uma fina película que recobre a amêndoa. A amêndoa é carnosa e comestível, apresentando 49,2% de óleo, 11,5% de proteína e 13,2% de carboidratos além de cálcio, magnésio, ferro, cobre e zinco (Crepaldi et al., 2001). Os frutos do ouricurizeiro possuem em seu núcleo amêndoas ricas em nutrientes. Estas se constituem como as principais fontes complementares da alimentação de pequenos agricultores de base familiar (Gomes Neto, 2009).

Atualmente ainda abundante no semiárido nordestino brasileiro, porém, o extrativismo predatório está diminuindo muito o número dessas espécies. Como a *Syagrus coronata* não necessita de pré-tratamentos nem de condições especiais para acelerar a germinação, estimular o seu plantio de forma comercial pode contribuir com o desenvolvimento dessa região (Lopes et al., 2011; Barboza et al., 2012).

Otimizar o uso dessa palmeira pode ser viável ao contribuir para melhoria a qualidade de vida da população, tanto com a utilização dos seus frutos na alimentação humana, pois estes apresentam um bom valor nutricional, como também para aumentar o desenvolvimento socioeconômico do semiárido gerando renda para a população pela utilização do óleo de suas amêndoas como fonte para produção de biocombustíveis (Santos, 2011).

Sua amêndoa pode ser comercializada na forma descascada *In natura* e a casca se constitui como matéria-prima para a produção de etanol de segunda geração. O ouricuri também, é muito utilizado para fabricação artesanal de abano, bolsa, cesta, chapéu, corda, esteira, peneira, tapete e vassoura (Santos et al., 2012). Foram realizados experimentos no Laboratório de Sistemas de Separação e Otimização dos Processos (LASSOP), Laboratório de Tecnologia de Bebidas e Alimentos (LTBA) e Laboratório de Estruturas e Materiais (LEMA) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). As amostras de

ouricuri foram recolhidas no município de Maceió no estado de Alagoas. As mesmas foram armazenadas em geladeira convencional, impedindo a ação de microrganismos que pudessem causar a deterioração da polpa e permaneceram sob baixas temperaturas por 24 horas até que fosse iniciado o processo de pré-tratamento.

Os frutos *in natura* foram submetidos ao processo de retirada da polpa, através da remoção da camada que envolve o endocarpo, utilizando a máquina despulpadora vertical (ENGMA, 220 V, 1,5 HP). Seu processo de produção é em batelada, alimentada com uma média de 1 kg de ouricuri na parte superior. A polpa é liberada pela parte inferior, enquanto que o ouricuri despulpado e recolhido a partir da saída. Foram empregados dois métodos de extração de óleo, extração por prensagem mecânica e extração por solvente Prensa hidráulica ara as extrações mecânicas realizadas na prensa hidráulica da marca Tecnal foram pesados cerca de 100g de ouricuri que foram transferidos para o vaso cilíndrico. As amostras foram submetidas a uma determinada pressão, exercidas manualmente, a qual foi 46 mantida constante durante 60 minutos.

O total de óleo extraído foi recolhido em uma proveta e pesado ao longo da extração. O cálculo do rendimento foi feito em relação à massa de semente seca utilizada na extração. O processo foi realizado para as pressões: 165, 247,5, 330, 412,5 e 495 kgf/cm² respectivamente, as análises foram realizadas em duplicata (Andrade. 2014). 31°C Pred Prensa elétrica As extrações mecânicas foram realizadas em um equipamento de ensaios (Shimadzu, modelo de piso AG-X (G-100kNX) que oferece alto nível de controle e medições através do software Trapezium X. Cerca de 100 gramas da amêndoa foram transferidas para o vaso cilíndrico. As amostras foram submetidas a uma velocidade de deslocamento constante até o

alcance da força determinada (Andrade, 2014). O total de óleo extraído foi recolhido em uma proveta e pesado ao longo da extração. O cálculo do rendimento foi feito em relação à massa de semente seca utilizada na extração. O processo foi realizado submetendo as amostras às pressões de 165, 247,5, 330 kgf/cm² respectivamente.

A torta resultante da extração mecânica foi encaminhada para extração por solvente e para determinação do teor de óleo remanescente das prensagens. Com base nos resultados obtidos, foi possível concluir que o ouricuri (*Syagrus coronata*) apresenta potencial para o desenvolvimento da região semiárida nordestina. Mediante a caracterização do fruto, os resultados obtidos da caracterização do óleo foram satisfatórios com relação à umidade, acidez e pH de acordo com norma da ANP 45/2015, no entanto o valor da densidade foi constatado acima do que esta resolução indica para a comercialização do óleo para fins de produção de biodiesel.

A caracterização da biomassa (casca, fibra e casca + fibra) foi bastante significativa quanto ao ART, tanto na utilização do pré-tratamento ácido quanto para o hidrotérmico para a fibra, indicando que a fibra pode passar por processos posteriores de hidrólise enzimática e fermentação para produção de etanol de segunda geração. A caracterização do grão determinou que a altura média das amêndoas foi 13 mm, diâmetro médio de 9 mm e o peso médio é de 0,52 g.

A determinação da cinética de secagem da amêndoa do ouricuri foi satisfatória para os modelos de secagem utilizados, sendo que o melhor comportamento foi verificado com o modelo de Two Terms. Foi determinado um ajuste para o modelo de Overhults, denominado Soletti, que propôs um aumento do coeficiente de correlação para as temperaturas de 100 e 80°C. O estudo do processo de extração por Prensagem mecânica realizado na prensa hidráulica conseguiu uma

eficiência superior a 80% para as pressões avaliadas, onde a literatura reporta que esse processo consegue uma eficiência média de 85% (Andrade, 2014).

REFERÊNCIAS

CABRAL, M. M. S. **Aproveitamento da casca do coco verde para produção de etanol de segunda geração.** Dissertação de Mestrado. (Programa de Pós-Graduação em Engenharia Química) Universidade Federal de Alagoas. Maceió. Alagoas. 2015.

CREPALDI, I. C.; ALMEIDA-MURADIAN, L. B. de.; RIOS, M. D. G.; PENTEADO, M. de V. C.; SALATINO, A. **Composição nutricional do fruto de licuri (*Syagrus coronata* (Martius) Beccari)** Revista Brasileira Botânica, São Paulo, v. 24, n. 2, 2001.

CREPALDI, I. ***Syagrus coronata* e *Syagrus vagans*: Palmeiras economicamente importantes na caatinga baiana.** 119 f. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2001.

GRAZIOLA, F.; SOLIS, V. S.; CURI, R. **Estrutura química e classificação dos ácidos Graxos.** In: Curi, Rui; Pompéia, Celine; Miyasaka, Célio K.; Procópio, Joaquim. (Org.). Entendendo a gordura – os ácidos graxos. Barueri: Manole, 2002, v. 1, p. 5-23.

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fechine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

SILVA, R. V.; SPINELLI, D.; BOSE FILHO, W. W.; CLARO NETO, S.; CHIERICE, G. O.; TARPANI, J. R. Fracture toughness of natural fibers/castor oil polyurethane composites.

Composites Science Tecnology, Barking, v.66, n.10, p.1328-1335, 2006.

GUIMARÃES, P. I. C.; OLIVEIRA, R. E. C.; ABREU, R. G. **Extraindo óleos essenciais de Plantas**. Química Nova na Escola. N.11, Mai. 2000.

SANTOS, F. A.; QUEIRÓZ, J. H.; COLODETTE, J. L.; FERNANDES, S. A.; GUIMARÃES, V. M.; REZENDE, S.T. **Potencial da palha de cana-de-açúcar para produção de etanol**. Química Nova, v. 35, n. 5, p. 1004-1010, 2012.

LEAL, I. R.; TABARELLI, M.; SILVA, J. M. C. **Ecologia e conservação da caatinga**. In: Inara R. Leal, Marcelo Tabarelli, José Maria Cardoso da Silva. (Org.). Ed. Universitária da UFPE, p. IX, X, 10-17. Recife – PE, 2003.

HUGHES, A.F.S.; LIMA, F.G.; LUCCHESI, A.M.; NETO, A.G.; UETANABARO, A.P.T. **Antimicrobial Activity of Syagrus coronata (Martius) Beccari**. In: Brazilian Archives of Biology and Technology, 2013, Curitiba, PR. Vol.56 no.2, Mar./Apr.

DRUMOND, M. A. **Licuri Syagrus coronata (Mart.) Becc.** Petrolina: Embrapa Semi-Árido, 2007. (Embrapa Semi-Árido. Documentos, 199).

SEIXAS, K; LEAL, L.B; **Caracterização físico-química dos óleos de Syagrus coronata (Licuri) e Syagrus cearenses (Catolé)**. Disponível em:

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fechine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

<http://www.contabeis.ufpe.br/propesq/images/conic/2011/conic/n_pibic/40/114031081SCNP.pdf> Acesso em: 8 jan. 2015.

GOMES NETO, R.J.; CARVALHO, A. S.; JESUS, D. S.; DUARTE, F. J. B.; VELOSO, M. C. C. **Extração e caracterização do óleo da amêndoa do licuri (*Syagrus coronata*)**. In: 32^a Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química, 2009, Fortaleza, CE. Disponível em: <http://sec.sbq.org.br/cdrom/32ra/resumos/T2055-1.pdf> Acesso em: 8 jan. 2015.

LOPES, U.G.C.; RIOS, P.A.F.; MOURA, F.B.P. **Tratamento para aceleração de Germinação em sementes de *Syagrus coronata* (Mart) BECC.** In: X CONGRESSO DE ECOLOGIA DO BRASIL, 2011, São Lourenço, MG. Disponível em: <<http://www.seb-Ecologia.org.br/xceb/resumos/1299.pdf>> Acesso em: 8 jan. 2015.

SANTOS, J. A. R. **Avaliação das propriedades físico-químicas, fluidodinâmicas e Oxidativas do biodiesel de licuri (*Syagrus coronata*) e das blendas (licuri/soja)**. 2011. 26p. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Química) – Departamento de Química, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. Paraíba. 2011.

ANDRADE, B. K. S. A. **Estudo do processo da extração do óleo do pinhão manso**. 2014. Trabalho de conclusão de curso de graduação (Graduação em Engenharia Química) – Centro De Tecnologia – Universidade Federal de Alagoas. Maceió. Alagoas. 2014.

A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA

Luiz César da Silva²⁹

INTRODUÇÃO

Pensar na formação continuada dos professores é essencial atualmente. Desse modo, é necessário refletir sobre as políticas educacionais que subsidiam esse ramo e, assim, analisar se essas formações estão associadas ao plano curricular educacional, visando atender às necessidades das salas de aula e, sobretudo, às demandas dos alunos. Logo, na política educacional brasileira, a preparação do profissional tem uma posição enfática por ser um debate que abarca os indivíduos do desenvolvimento pedagógico, intermediários do conhecimento, que são vistos como vitais para o corpo social. Nesse sentido, é indissociável a formação que proporcione um desenvolvimento crítico e de análise do profissionalismo, reflexivamente, a fim de impactar a comunidade com a realização de atitudes como um cidadão ativo e de percorrer no âmbito que esteja inserido na preparação profissional dos docentes.

Ademais, segundo Nóvoa (2016): “a formação de professores move-se pela conexão entre os aprendizados específicos da área de exercício, dos estudos pedagógicos, ou seja, a realidade do profissionalismo do docente na atualidade”. Porém, vale pontuar que a LDB 934/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) determina a formação docente. Dessa forma, essa complacência legal sugestionou as graduações de licenciaturas no Brasil, nomeadamente, no que

²⁹Acadêmico do Curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Alagoas; E-mail: silvaluiscesar9@gmail.com.

tange ao currículo, instituindo, como base da formação, a noção de competência e de que a aplicação deva conduzir as etapas de formação desde a priori.

Além disso, os cursos de licenciatura em Geografia têm como finalidade formar profissionais com competências e capacidades que lhes oportunizam conhecer, estudar, argumentar e entender as diferentes realidades, o que os fazem ser habilitados a desenvolver em seus alunos capacidades críticas e cogitativas. Ao professor de Geografia, assim, bem como nas diferentes áreas do conhecimento, faz-se necessário se capacitar continuamente, seguir nas formações, levantar novos êxitos, obter novas habilidades e edificar um currículo que cumpra as condições impostas do sistema educacional. Desse modo, Gomes (2011) comprova que:

[a] relevância designada à 'formação ao longo da vida' e particularmente à formação continuada de professores, fundamenta-se em extensa providência em cogitarmos pelas peculiaridades da sociedade pós-moderna que empregam novos requisitos ao aprender, ao exercer, e nomeadamente, ao ter conhecimento de capacitar profissionais (Gomes, 2011, p. 101).

No entanto, é nítido que, no hodierno, existe uma discursão referente aos impasses na formação docente diante das transformações que o tecido social vem passando, haja vista que o aluno do século XXI não é o mesmo de alguns anos atrás. Entretanto, isso tem uma justificativa, pois essas mudanças são provenientes de uma sociedade com marcas da modernidade líquida, como argumenta Bauman (2001), em que dominam a fluidez e a instantaneidade. Assim sendo, faz-se fulcral que se forme um professor que tenha conhecimento e que saiba trabalhar com as imposições do presente. Por conseguinte, por meio desses impasses educacionais, a escola

recebe críticas constantes além de muitas outras questões que nos inquietam e nos influenciam a pensar sobre a junção entre as políticas de formação dos professores com as diretrizes da BNCC.

Além disso, a má formação de sujeitos para atuar na sociedade está sendo adjudicada a escola, uma vez que ela não possui um corpo docente que acompanha as mudanças ocorridas no âmbito social, de não ter habilidades e de não apresentar formações continuadas, resultando, assim, em diversos problemas no ambiente estudantil. Dessa maneira, a formação continuada dos docentes é importante para tentar suprimir as críticas que os colégios recebem. Outrossim, a formação continuada também proporciona que os professores constatem quais são os maiores problemas de aprendizado dos alunos e possibilita que eles construam maneiras de modificar a situação, o que resulta em efeitos positivos tanto para o profissionalismo quanto para o ambiente escolar no qual estejam atuando.

A maior causa para sustentar esse trabalho está na relevância que o tema possui para ser debatido, refletido e, em seguida, pensar os efeitos que a formação continuada dos professores em Geografia resulta no âmbito educacional, haja vista, que é patente que a formação continuada ainda não é uma realidade para o corpo docente e, principalmente, para os professores da área. Logo, o objetivo geral desse trabalho é demonstrar a importância da formação continuada do professor. Além do mais, ainda foram fixados os seguintes objetivos específicos, que servem como instrumento para a elaboração deste trabalho: analisar se o professor de Geografia busca continuar sua formação; pesquisar quais são as formações continuadas para o professor e verificar em que medida a formação continuada dos docentes tem contribuído com o seu trabalho e para o aprendizado dos alunos.

Para realizar os objetivos mencionados acima, objetiva a elaboração desse texto, no qual o presente ensaio teórico se constitui de uma extensa revisão bibliográfica sobre a importância da formação continuada do corpo docente em Geografia. Associamos a essa revisão informações fundamentadas nas pesquisas atuais e vinculamos experiências e aprendizados profissionais. Ressalta-se, ainda, que essa é uma investigação em andamento. Para tanto, dividimos o nosso escrito em duas partes básicas: a primeira enfoca uma discussão da conceituação do que é formação continuada; posteriormente, discute-se a valorização da área apresentada.

O SIGNIFICADO DA FORMAÇÃO CONTINUADA DOCENTE

A priori, a formação continuada é normalmente um esforço contínuo de profissionalização que pode ocorrer na universidade ou fora dela. Estamos falando de eventos, cursos de pós-graduação, palestras, grupos de estudos e outras atividades que possam melhorar as habilidades epistemológicas. Desse modo, as formações se transformam em importantes ambientes de diálogos e trocas de experiências pedagógicas, sendo espaços de grandes processos de discussão das práticas dos professores.

Primeiramente, é conveniente lembrar as diferentes transformações que a sociedade vem passando ao longo do tempo. Dentre essas transformações, destacamos a grande porcentagem de informações que são jogadas periodicamente e a velocidade de sua disseminação. É notório que a escola pouco mudou, ou seja, a educação reprodutivista, a transmissão de dados e informações ainda é presente nos dias atuais. Sendo assim, conforme advoga Alarcão (2001), é importante que a escola acompanhe as mudanças, aniquile os velhos modelos e se adeque ao contexto atual.

Diante o exposto, a formação continuada passa a ser um dos critérios essenciais para a mudança do modelo antigo da escola e do professor, haja vista que é diante do estudo, da pesquisa, da experiência com novas concepções, resultadas pelos projetos de formação continuada, que é possível que ocorra essa transformação. A formação continuada de professores tem sido vista como uma atividade constante de aprimoramento dos conhecimentos importantes para a atividade profissional, feita após a formação inicial, com a finalidade de proporcionar um ensino de melhor qualidade aos alunos.

Em síntese, a formação continuada se faz importante para os professores de Geografia, pois, segundo Puntuschka (2004), a disciplina de propicia um trabalho muito complexo e solicita uma atenção expressiva no que se refere às práticas didático-pedagógicas. Assim sendo, a formação continuada tem por objetivo conscientizar o professor de que teoria e a prática são “dois lados da mesma moeda”, já que a teoria contribui para entender melhor a sua prática, dando-lhe sentido e, em sequência, já que a prática resulta em um melhor desenvolvimento na aprendizagem para os estudantes.

A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA

Atentar-se para a formação continuada de professores de Geografia é dar relevância com o desígnio da educação de capacitar para a sociedade. A disciplina de Geografia tem como um dos seus objetivos preparar o indivíduo para atuar no corpo social. Porém, para que esse objetivo se concretize, é fundamental que o professor pactue com a sua formação continuada. Nessa perspectiva, a formação continuada é, de

certa maneira, uma decisão própria do professor, ainda que relevante para o desenvolvimento da prática docente.

A formação continuada deve ser melhorada com o subsídio das entidades educacionais nas quais os professores trabalham. Conforme Nóvoa (2016): “Ninguém capacita ninguém, cada um, forma a si próprio”. Prossegue, o escritor, na mesma fala: “A formação é sempre uma atividade de mudança pessoal, na tripla medida do aprendizado, do saber fazer e do saber ser”. Dessa maneira, a atividade de formação é contínua de uma ideia incompleta do indivíduo. Assim, a ação de formação do professor deve ser uma atividade constante para o seu progresso, seja intelectual, seja profissional.

Ademais, O professor de Geografia utiliza os temas geográficos para explicar fatos pertinentes à forma do cotidiano da humanidade, é uma disciplina que possui um grande campo de estudo e, por meio disso, o estudo teórico e metodológico é importante, todavia, dando destaque para as solicitações de formações que este profissional necessita. Além disso, a formação continuada na disciplina de Geografia representa um processo necessário e que deve fazer parte do ambiente do trabalho docente.

As condutas de formação contínua precisam acreditar nas expectativas e inquietações dos docentes, pois considera-se que as preferências, carências e as condutas dos docentes devem ser elencadas em qualquer projeto de capacitação, formação. Tais pareceres destacam o pensamento de que a formação contínua deve passar a ser contextualizada ao âmbito e cotidiano profissional dos docentes, haja vista, caso oposto, corre-se o perigo dos docentes se sentirem desanimados e sem interesse no processo de mudança educacional e a não se inserirem no processo formativo (Ferreira, 2016, p.12).

Para mais, essas formações, sejam as que se abroham no âmbito escolar ou as subsequentes de políticas públicas,

precisam proporcionar momentos que resultem no trabalho em equipe. Sob esse viés, podemos citar o planejamento interdisciplinar, que, além de contribuir para a análise conjunta de cenários complexos que ocorrem no ambiente escolar, englobando práticas e impasses profissionais, tem habilidades de acatar as obrigações e as hesitações éticas da sua atuação profissional.

No que tange à formação do professor de Geografia, Schön (1990) afirma que: “deve estar anexada ao seu arcabouço teórico metodológico com a finalidade de supri-lo para impulsionar os conhecimentos da geografia, da ciência e do ambiente dos alunos”. No entanto, é nítido que muitos professores não continuam com as formações continuadas, tendo em vista que, conforme Pontuschka (2004): “na sala de aula de geografia é pertinente à ideia do conhecimento pronto, acabado, assim, tendo como exercício a atividade de memorização para responderem as atividades disponibilizadas pelos professores.” Um mecanismo para perecer com essa idealização equivocada é através de formações continuadas e por meio de programas destinados ao melhor desenvolvimento na formação do professor de Geografia.

De acordo com os dados do Censo Escolar, em 2013, 21,5% dos professores brasileiros que davam aulas nos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) não fizeram ensino superior. Dos profissionais em sala de aula nessa fase de ensino, 35,4% não são habilitados para dar aula, ou seja, não fizeram licenciatura. (Capcuchinho, 2014). Assim sendo, fica proeminente que muitos professores não procuram participar do processo de formação continuada, resultando grandes impasses para o aprendizado dos alunos e, sem formação adequada, os professores têm dificuldades em ensinar seus alunos apropriadamente. Sob essa ótica, todas as profissões têm seus métodos de trabalho: o médico aprende a fazer cirurgia, o

professor deveria aprender a dar aula bem. Portanto, para que isso aconteça, é necessário que os professores passem por formações constantes para atender às necessidades de aprendizagem da escola, sobretudo, às vontades dos alunos.

Portanto, por meio da formação continuada dos professores de Geografia, o professor vai melhorar consideravelmente o desenvolvimento do ensino e do método de aprendizagem da instituição em que esteja atuando, pois o professor irá obter novas metodologias de ensino-aprendizagem, técnicas pedagógicas e maneiras de trabalhar com os desafios do trabalho na escola. Dessa forma, é inegável que tudo isso reflete diretamente nos resultados dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do apresentado, identifica-se que a formação continuada do professor de Geografia consiste em atividades que contribuem para o desenvolvimento profissional, além de proporcionar ao professor a independência intelectual, alteia o pensamento da sua carreira, não de maneira direta, mas como um desenvolvimento sucessivo e em equilíbrio com as suas vivências e práticas.

Os aprendizados obtidos na formação inicial já não são capazes para o desempenho da docência com qualidade. Logo, torna-se vital a formação continuada do professor de Geografia para conduzir as transformações incessantes que o mundo vem passando, estando preparado para lecionar de maneira autônoma, reflexiva e consciente, através de atividades educativas estimuladoras, oportunas ao prosseguimento do conhecimento e do estudo em Geografia.

Convém ressaltar, ainda, que, a partir das mediações expostas, cada professor adjudica um valor a sua preparação e qualificação na procura da independência intelectual. Essa

independência possibilita o professor identificar o poder revolucionário que possui enquanto autor de conhecimento. Dessa forma, o professor de Geografia precisa se reconhecer com o trabalho que realiza, ter conhecimento e possuir habilidades de produzi-los no âmbito escolar.

Os conhecimentos da prática são alcançados através de uma adequada formação inicial, além de capacitações constantes que se aprendem na experiência cotidiana, ou seja, na sala de aula, na troca de vivências, conhecimentos no decorrer de reuniões pedagógicas, e, também, realizando formações relacionadas à docência.

É diante da formação continuada que o professor, sobretudo, de Geografia alcança a independência e a autonomia para a atividade docente. Esses constituintes são indissociáveis para o ensino de Geografia adequada. Ainda que encontrem políticas direcionadas à preparação profissional de docentes no Brasil, elas mostram debilidades e precisam de mais investimentos para formação continuada, mas vale destacar que é necessário que o professor se motive a querer a participar dessas formações, formações essas que são benéficas tanto para o professor como para o aprendizado dos alunos. A formação do professor adequada pode contribuir para o ensino de Geografia de forma que o conhecimento geográfico se concretize efetivamente.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel (Org.) **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fechine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

CAPUCHINHO, Cristiane. **Má formação dos professores atrapalha educação brasileira.** UOL, São Paulo, 2014. Disponível em:
<<https://educacao.uol.com.br/noticias/2014/04/23/má-formacao-dos-professores-atrapalha-educacao-brasileira.htm>>. Acesso em: 12/05/2022.

FERREIRA, J.S.; SANTOS, J.H. Modelos de formação continuada de professores: transitando entre o tradicional e o inovador nos macro campos das práticas formativas. **Revista cad. Pes.** São Luís, v. 23, n. 3, set./dez. 2016.

GOMES, M. R. C. Formação de Professores em Contexto Atual. **Revista de Educação (Itatiba)**, v. 14, p. 103-125, 2011. Disponível em:
<<http://novaescola.org.br/conteudo/179/entrevista-formacao-antonionova>>. Acessado em setembro de 2016.

NÓVOA, A. Entrevista com Antônio Nóvoa. In: Revista Nova Escola. 2016. Disponível em
<<http://files.portfolioeducacional.webnode.pt/200000043d610cd70a4/Ant%C3%B3nio%20N%C3%B3voa%20-%20Paralelismo.pdf>>. Acesso em: 10/05/2022.

PONTUSCHKA, N. N. O conceito de estudo do meio transforma-se... Em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: Vesentini, J. W. (Org.). **O ensino de geografia no século XXI.** Campinas, SP: Papyrus, 2004a, p. 249-288.

SCHÖN, Donald A. (1990). Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (coord.). **Os professores e sua formação.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, p. 77-91.

A IMPORTÂNCIA DO PROCESSO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE

Cristina Rodrigues Silva³⁰
Leônidas de Santana Marques³¹

INTRODUÇÃO

O presente trabalho advém de uma pesquisa em andamento que está no momento de observação e análise do estágio supervisionado, no qual trabalha a relação teoria e prática e modos de ensinar e aprender, como também correlacionar a influência que estágio supervisionado apresenta na formação da identidade docente no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Alagoas em Delmiro Gouveia, Campus do Sertão.

No contexto atual, a temática da educação e seus métodos estão em pauta, desse modo, o ensino permite que os discentes de graduação em um curso superior venham a ter uma percepção do saber, mas não apenas de acumular conhecimento, mas sim, que possa ser utilizado como um instrumento de preparação para a realidade profissional encontrada, onde sejam capazes de aplicar e ensinar de maneira eficiente, como também resolver questões / problemas.

Desse modo, a construção deste trabalho é produto de uma pesquisa em desenvolvimento no qual analisa o processo de formação da identidade docente através do estágio supervisionado, como meio de experiência / vivência profissional e educacional no curso de licenciatura em geografia.

³⁰UFAL, cristinarodriguessilva26@gmail.com

³¹Orientador.

Na estruturação desse trabalho tem como objetivos a análise de referências bibliográficas para embasamento teórico necessário e a realização de entrevistas com discentes do curso de geografia para ter a interação entre a teoria e a prática.

Assim, Pimenta (1994, p. 121), apresenta “o estágio como atividade instrumentalizadora de práxis” onde o indivíduo em questão está em formação do processo dialético de desenvolvimento. Segundo Valladares (2015, p. 87) que a educação está localizada em uma “zona de fronteira educativa entre família, comunidade e escola”.

JUSTIFICATIVA

É comum em muitos dos cursos de formação não fornecem para o futuro educador/profissional os subsídios necessários para iniciar na área, não é apresentado com clareza o seu papel de formador, e qual deve ser sua postura no cotidiano escolar e como deve resolver os problemas. Dentro dos cursos em licenciatura, muitas vezes é a formação humana que acaba sendo muito mais direcionada a teoria e aos conhecimentos de cada área especificamente do que a própria prática e vivência da profissional.

Na atualidade, a função de professor não é apenas a de ensinar a disciplina, mas sim, de estar preparado para enfrentar desafios pedagógicos, além do comprometimento com a formação humana de seus alunos.

Assim, a justificativa para a elaboração dessa pesquisa é analisar a importância e a correlação existente entre o estágio supervisionado com a formação da identidade docente, a teoria e a prática, ou seja, a o ser educador.

METODOLOGIA

O modelo de abordagem dessa pesquisa é cunho qualitativo com a metodológica escolhida foi a pesquisa ação, com desenvolvimento de entrevistas, que são para a coleta de informações e dados necessários para a análise, no qual ao avançar na pesquisa será equiparado com os textos e argumentos das referências bibliográficas.

Para o desenvolvimento do projeto de pesquisa foi elaborado um cronograma com as seguintes etapas: a primeira é a fundamentação teórica – artigos, monografias, livros e revistas que trabalhassem com os temas de interesse da pesquisa como Pimenta (1995), Lima (2008), Pimenta e Lima (2005/2006), Valladares (2015), Nóvoa (1992;2019), Cousin (2015), Carvalho (2012), após a construção da base teórica foi realizada o roteiro de escrita e de entrevistas para os discentes do curso, apos o roteiro foi realizado o início da escrita e as entrevistas com 6 discentes (3 discentes egressos e 3 discentes) para ao fim das entrevistas ser realizadas as análises entre os dois grupos de anos diferentes. Nessa última parte do cronograma é dedicada para a análise dos dados das entrevistas correlacionadas com a base teórica.

DISCUSSÕES/RESULTADOS

O desenvolvimento desse trabalho consiste para a conclusão de curso na Licenciatura em Geografia, da Universidade Federal de Alagoas Campus do Sertão – Delmiro Gouveia. O mesmo, ainda em andamento, investiga as experiências vivenciadas nos estágios supervisionados interligando a teoria e a prática. Pretende verificar a importância do estágio na formação e identidade docente, como influência a teoria e prática no ambiente educacional.

A pesquisa está em andamento, portanto não foram obtidos os resultados fechados neste momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O entendimento do poder de transformação que a voz de um professor tem, é um instrumento importantíssimo dentro do ambiente escolar e por isso deveria ser mais valorizada, ouvida e materializa.

Para tal desenvolvimento no ambiente educacional faz-se necessário que sua formação tenha sido a mais completa e abrangente, para que assim possa ter um repertório educacional bem mais extensivo, essa experiência vem adquirida no decorrer e realização dos estágios supervisionado, ou seja a pratica.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, A. M. P. de. **Os Estágios no curso de Licenciatura**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

COUSIN, Claudia da Silva. O estágio supervisionado em geografia como um locus que problematiza a identidade docente: narrativas de constituição em roda. In: PORTUGAL, J.F;CHAIGAR, Vânia A. M. (Orgs.). **Educação geográfica: memórias, histórias de vida e narrativas docentes**. Salvador: EDUFBA, 2015. P. 25-41.

LIMA, M. S. L. Reflexões sobre o estágio/prática de ensino na formação de professores. **Ver. Diálogo Educ.** Curitiba, v. 8, n. 23, p. 195-205, jan./abr. 2008.

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fechine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

NÓVOA, António. Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. **Educação & Realidade**. 2019, v. 44, n. 3

NÓVOA, António, coord. "**Os professores e a sua formação**". Lisboa: Dom Quixote, 1992. ISBN 972-20-1008-5. pp. 13-33

PIMENTA, S. G.. O estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática? **Cad. Pesq.** São Paulo, n94, p 58-74, ago 1995.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L.. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L.. ESTÁGIO E DOCÊNCIA: DIFERENTES CONCEPÇÕES. **Revista Poíesis**. v. 3, ns. 3 e 4, p. 5-24, 2005/2006.

VALLADARES, Marisa Teresinha R. Narrativas como passaporte em zonas de fronteiras: Estágio curricular em Geografia. In: PORTUGAL, J.F; CHAIGAR, V.A.M. (Org.) **Ensino e pesquisa em educação geográfica: memórias, histórias de vida e narrativas docentes**. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 73-96.

A IMPORTÂNCIA DA GEOGRAFIA ALIADO AO PROCESSO DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Enylle Rayanne dos Santos

INTRODUÇÃO

A geografia refere-se ao espaço à nossa volta, onde estamos localizados, nossas vivências e a nossa realidade. Tudo isso é de suma importância para o desenvolvimento humano, desde os anos iniciais até a sua fase adulta. Assim como o mundo está em constante mudança. Transformações e rotações, também refere-se às nossas experiências de vida, esta se modifica a cada mudança nossa. A vida gira de acordo em que nós decidimos evoluir, crescer e para isso é preciso conhecer o que ainda não se é conhecido. Por meio do ensino da geografia é possível o pleno conhecimento da vida à nossa volta, dos planos, dos espaços, das paisagens, dos animais e de como cada ser sobrevive.

Com isso poderemos observar a importância de se ensinar a geografia desde o início da educação, perceberemos que a mesma não está limitada a um espaço a (sala de aula), mas que através das brincadeiras de rua, do lúdico e de aulas mais dinâmicas poderemos obter uma grande evolução de crianças em questão ao seu desenvolvimento social, cognitivo e motor, mas para isso é preciso identificar a sua importância na vida do ser humano e na educação desde os anos iniciais. É notório a imensidão de conceitos geográficos tido em nosso dia a dia, sobre como estamos relacionados a ele e de que temos a geografia em nossas vidas desde o nascimento.

A importância de se ensinar geografia desde o início da educação e perceberemos que a mesma não está limitada a um

espaço a (sala de aula), mas que através das brincadeiras de rua, do lúdico e de aulas mais dinâmicas poderemos obter uma grande evolução de crianças em questão ao seu desenvolvimento social, cognitivo e motor. É preciso identificar a sua importância na vida do ser humano e na educação desde os anos iniciais, e a imensidão de conceitos geográficos tido em nosso dia a dia, sobre como estamos relacionados a ela e de que temos a geografia em nossas vidas desde o nascimento.

OBJETIVO GERAL

Compreender a importância da geografia no nosso cotidiano e como o ensino da mesma influencia positivamente no desenvolvimento infantil.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Conhecer a geografia e o ensino da mesma através do nosso cotidiano;

Reconhecer a nossa volta aspectos geográficos vivenciados desde a infância;

Analisar conceitos metodológicos envolvendo o ensino da geografia para o desenvolvimento infantil.

METODOLOGIA

O presente trabalho contextualizará a importância da geografia para o processo de desenvolvimento e aprendizagem infantil, levando em conta os ensinamentos da mesma no nosso cotidiano e como ela está ligada a vida humana. Observando o espaço a nossa volta, o cotidiano e a vivência infantil. Foi possível fazer essa relação do espaço geográfico e a infância, ligadas por uma mesma linha de raciocínio, por um mesmo

lugar e por uma mesma humanidade, foi realizado a pesquisa bibliográfica envolvendo aspectos relacionados ao ambiente das crianças, a rua e como as brincadeiras podem ajudar no desenvolvimento da criança e como a geografia já faz parte da humanidade e da formação humana.

GEOGRAFIA E O CONHECIMENTO DA VIDA COTIDIANA

A realidade vivenciada pelo ser humano está em constante mudança e por isso trata-se de um objeto de estudo sempre inovador e complexo, com ele podemos trabalhar diversas áreas do conhecimento, se não todas. Ver e reconhecer a importância do cotidiano para a educação é algo ímpar e de imensa gratificação, perceber que o aluno pode ser o próprio protagonista da sua história é fazer educação, é levar o conhecimento, ser sensível para observar que o real também é objeto de estudo dos alunos e que deixar um pouco de lado a monotonia dos livros didáticos e das aulas tradicionais podem oferecer inúmeras maneiras de um rico e proveitoso aprendizado. As aulas extras classes são atividades ao qual se é possível obter grandes aproveitamentos e não é diferente para a geografia, trazer a realidade dos alunos levará ele a mais próximo do que se está estudando.

Segundo Straforini (2002), quando se evita no ensino da geografia fazer a relação de lugar sendo ele o próximo, o que se vive, sua realidade do global acaba desfavorecendo o ensino da mesma, separando cada vez mais a realidade como forma de aprendizado. O aluno entender que a sua realidade não é a forma "correta" a se viver pois não pertence aos livros, sua história de vida está muito distante do que é estudado na escola causa uma insuficiência em relação a formação do ser humano a sua forma de enxergar o mundo a sua volta, começa e entender que a vida do outro é melhor do que a sua ou

levantando hipóteses e comparações, questionando por que sua vida é tão diferente das vidas estudadas ou do que se estuda. Devemos ter esse imenso cuidado enquanto professores, educadores e seres humanos em não considerar a realidade do estudante ou então considerar superficialmente, colocando o estudante de frente a sua realidade, porém de uma maneira ao qual impulsiona para apenas uma forma de mundo, a forma em que a sociedade implica que vivemos.

O mundo para as crianças é algo a ser desbravado como um desenho animado de aventuras, cheios de surpresas, espaços enormes com muitas árvores, flores, e que como em um longo passeio desbravar diferentes lugares, espaços, ambientes, conhecer inúmeras pessoas, fazer amigos, comer diversas frutas ao longo de sua aventura. Então vamos pensar que para o aluno dos anos iniciais da educação básica enxergar a totalidade do mundo como algo a ser descoberto todos os dias, em cada aula de geografia é possuir essa sensação de suspense, causando empolgação e percebendo uma grande participação dos mesmo, é estar sempre fazendo essa ligação de mundo em sua totalidade e de mundo de cada ser, de como conhecemos as pessoas de diferentes lugares estando apenas em um lugar, podendo trazer esse pensamento ao uso da tecnologia onde através das redes sociais podemos ver e conhecer inúmeras pessoas, lugares imensos mas também pequenos, o fundo do mar sem esta molhado, e até mesmo o mundo virtual através dos jogos.

Perceber que dentro de um mundo existem vários “mundos” diferentes do nosso e isso é geografia, ver ela em nosso cotidiano, em nossa formação humana visto que a cada dia, ano as coisas e pessoas se modificam, assim também deve ser o ensino. Compreender que a realidade é geográfica, dizer para que lado ir é geografia, estacionar um carro é geografia, informar onde se encontra também é geografia. Relacionar o

cotidiano com o mundo global é uma fase avançada de desenvolvimento, é descobrir que tudo à nossa volta é geografia pois onde estamos localizados trata-se de um espaço geográfico, em um território que pertence a um mundo e isso sendo levado em consideração a vida humana, mostrando que o ser pertence a geografia e que a mesma consiste em conscientizar e informar o ser sobre o espaço que ele habita.

O espaço das sociedades não é a soma dos espaços correspondentes a cada sociedade particular existente, tampouco esse espaço social é exclusivamente o habitat dos homens, graças à nova natureza das relações intra-sociais e entre sociedades. (...) O espaço social é muito mais que o conjunto de habitats (Santos, 1978, p. 169).

É relevante e necessário perceber que o mundo e os espaços aos quais vivemos não trata-se apenas de um espaço para o homem, nem muito menos um espaço extinto do ser mas trata-se de algo muito além do que conseguimos delimitar, o mundo não pode ser limitado por vidas e seres pois o mundo é o total das vidas, dos lugares, das marcas existentes, dos pensamentos presentes e ultrapassados, dos sonhos ainda não vivenciados, das aventuras nunca contadas, dos lugares nunca pisados e das vidas que estão por vir. Nosso dever é cuidar, proteger e conscientizar a sociedade sobre a grandeza do mundo em sua totalidade instigando desde os anos iniciais da sua formação a sua fase adulto o que o ensino da geografia e qual a importância dela para a nossa vida como seres que vivem no mundo.

GEOGRAFIA E INFÂNCIA

Viver rodeado de pessoas de diferentes espaços e jeitos, culturas e características sempre nos levarão a “mundos”

diferentes, mesmo estando no mesmo espaço. Isso também é geografia, ler livros que nos levem para uma viagem muito divertida, ou aqueles filmes que nos fazem imaginar como seria o final se não houvesse aquele lugar, se fosse em um espaço diferente, e aqueles jogos de tabuleiros que nos colocam a expor os nossos lugares ou até mesma no jogo de dama que devemos dominar todos os ambientes para que assim possamos vencer o jogo, isso também faz parte do cotidiano da criança, são ações rotineiras e tão presentes em nossas vidas que ao levar para o lado intelectual e institucional perdem um pouco o seu "poder", as brincadeiras sempre serão metodologias e didáticas simples e de fácil entendimento infantil pois são elas o campo de experiências das mesmas, são elas o nosso primeiro local de pesquisa sem contar que fazem a nossa "infância".

A criança esta rodeada, de uma maneira bem explicita e simples do que é a geografia, ela está ligada ao seu espaço desde o ventre de sua mãe, consegue se adaptar no ambientes ao qual foi posta e ao nascer segue seu fluxo visando sempre adaptação no "espaço" social. Percebam que a todo tempo estamos falando sobre espaços, territórios, lugares entre outros, porém no lugar de domínio da criança, onde elas sabem verdadeiramente como funciona sua realidade, como deve desenvolver as ações do seu próprio mundo, podendo ser ele fictício (exposto em uma brincadeira de mamãe e papai) ou até impondo regras para a sua boa convivência.

São essas as ações vistas no mundo infantil rotineiramente, em uma música, pula corda ou em um diálogo entre crianças delimitando o seu espaço. Tudo isso é lindo, chega a ser belo a maneira como que a geografia faz parte de nós, não só como conteúdo educacional/ institucional, mas como ação humana, como sociedade, como ética, regras de convivência e no mundo da criança. Vamos parar um pouco e pensar como poderia ser se igual as crianças pudéssemos

resolver os finais dos nossos filmes, mudar as localidades, a precaridade, e a desigualdade do mundo em que vivemos, porque não sei se você sabe, mas na cabeça das crianças também se passa o questionamento de o por que uma pessoa ganha mais e outra ganha menos ou pior, por que algumas nem ganham nada.

As crianças são pesquisadoras importantes em nossa sociedade porque eles trabalham com soluções reais e sinceras. Mas agora vamos voltar para a nossa brincadeira de faz de conta, de imaginar que mudar o mundo não é algo utópico, mas acessível e real, vamos pensar de maneira leve, como seria tudo mais simples se pudéssemos resolver as grandes guerras por territórios através de uma brincadeira de “a dança da cadeira” onde vence o finalista que conseguir permanecer sentado em uma cadeira, perderíamos muito menos vidas não é mesmo? Ou se pudéssemos resolver a fome através da brincadeira de casinha? E o desemprego? A falta de moradia? Esses problemas seriam resolvidos de maneira leve e talvez até conseguiríamos de brinde muitas gargalhadas.

Conseguir imaginar de diversas formas a ligação entre geografia e vida, universo, intelecto, fictício, real, e diferentes outros gêneros e nomenclaturas para localizarmos a geografia em nosso meio é perceber de maneira simples, educativa e sincera a sua grande importância em nossas vidas e muita mais exposta na vida das crianças, na infância pois é a fase onde tudo inicia e se constrói o ser de hoje, posso ousar e dizer que a geografia é o mundo em sua totalidade e a infância está presente neste mundo e não veio só para brincadeira, mas para desvendar, solucionar, conhecer, explorar, vivenciar, enfim a infância está para ser respeitada e muito bem representada. A infância contém geografia e o mundo contém a infância.

LUDICIDADE NO ENSINO DA GEOGRAFIA

É possível perceber a grande aliada para o desenvolvimento das nossas crianças, ela que é citada com muito carinho e dedicação, eficiência e produtividade, a ludicidade torna-se uma grande influenciadora para o pleno desenvolvimento dos alunos com dimensões diferentes. O método lúdico traz muito proveito na educação e na metodologia de ensino, sendo um recurso pedagógico muito rico e eficaz.

Podemos perceber que o ensinar geografia não trata apenas de um querer social mas algo que perpassa décadas, séculos e muitas vidas pois a geografia faz parte do ser humano, com tudo foi uma área ao qual passou por grandes dimensões para chegar em nossas escolas, ainda existem nos dias atuais alguns empecilhos sobre o ensino da mesma, de como deve-se passar ao aluno (criança) mapas, regiões, territórios, o conceito de espaço e a sociedade de maneira em que os mesmo possam aprender com grande proveito.

Ensinar geografia é algo muito importante, pois como já vimos acima ela está ligada ao ser humano de inúmeras maneiras, desde o seu nascimento e permanece em todas as fases da vida, inclusive na infância ao qual é considerada a fase da construção de identidade e consecutivamente construção do ser, assim conseguimos entender que a brincadeira está ligada a construção e formação, sendo ela responsável por ensinar aspectos sociais, culturais e cognitivos, evoluindo a autonomia da criança no meio ao qual se vive, podendo realizar através do brincar inúmeras tarefas sem a ajuda do seu responsável. Para (Friedman, 2012 p.12, apud Silva, 2020 p.7) “se o brincar não fosse o melhor remédio de uma criança aprender em profundidade e extensão ele (o desenvolvimento infantil) teria que ser resgatada, preservado e promovido por ser o espaço de

liberdade. Quem não brinca cresce amarrado. Quem brinca experimenta o mergulho profundo na alma das coisas. E se torna livre para criar soluções, inovar caminhos, inventar o futuro.”

Através dessa perspectiva entendemos que o brincar é um grande aliado da educação e para melhoria do desenvolvimento infantil. Nos leva a refletir sobre a profundidade entre o ser livre e o viver “amarrado” sem o direito ao brincar, e o quanto as crianças sofrem sem ter acesso as brincadeiras e aulas mais dinâmicas para se entender assuntos ligados a sua realidade, coisas que podem ser resolvidas através da ludicidade, sem ela tornam-se pouco atraente para o infantil pois não se revela um assunto atrativo.

O estudo da Geografia permite atribuir sentidos às dinâmicas das relações entre pessoas e grupos sociais, e desses com a natureza, nas atividades de trabalho e lazer. É importante, na faixa etária associada a essa fase do Ensino Fundamental, o desenvolvimento da capacidade de leitura por meio de fotos, desenhos, plantas, maquetes e as mais diversas representações. Assim, os alunos desenvolvem a percepção e o domínio do espaço (BNCC 2017).

A BNCC nos faz a reflexão da importância do ensinar geografia e nos leva a pensar sobre diversas maneiras de ser levada a sala de aula de uma forma prazerosa e dinâmica, fala sobre a necessidade do relacionamento com pessoas e com o mundo em seu particular e em sua totalidade, pois só assim, conhecendo as culturas, as raças, gêneros, gostos, que conseguiremos dizer que sabemos sobre geografia, se não o que seria de nós sem entender a diversidade humana, já que entendemos que nós fazemos a geografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender a grande necessidade do ensino da geografia em nossas vidas é perceber que a mesma já faz parte de nós desde o início de tudo. É possível vivenciar a geografia em uma brincadeira na rua, nos brinquedos do parque, dentro da sua própria casa e assim como também dentro da escola, entender que pertencer ao mundo e está inserido no espaço refere-se a geografia, então não trata se de impulsionar o ensino da mesma, mas sim de perceber que ela já faz parte de nós por sermos seres viventes em um mundo repleto de lugares, povos, espaços, paisagens e entre outros conceitos relacionados à geografia.

REFERÊNCIAS

STRAFORINI, Rafael, A totalidade de mundo nas primeiras séries do ensino fundamental: um desafio a ser enfrentado. **Terra Livre**, São Paulo/SP Ano 18 , vol. I, n. 18 p. 95-114, jan.-jun., 2002.

VYIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Ministério da Educação, 2017. Disponível em link: Base Nacional Comum Curricular - Educação é a Base (mec.gov.br). Acesso em: 26/03/2023.

FRIEDMANN, Adriana. **O brincar na Educação Infantil: observação, adequação e inclusão**. São Paulo, SP: Moderna, 2012.

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fachine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, nº 54, 1977.

O LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: A PRÁTICA DE CONFECÇÃO DE MAQUETES NAS AULAS DE GEOGRAFIA

Jerlane Ferreira da Silva³²
Kamila da Silva³³
Dirceu Ribeiro Dias³⁴
Herik Roseno Ferreira da Silva³⁵
Antony Lucas de Souza³⁶
Carlos Daniel Silva de Moraes³⁷
Clélio Cristiano dos Santos³⁸
Izabelly Alves Lopes³⁹

INTRODUÇÃO

O lúdico no ensino da Geografia é um instrumento indispensável para o desenvolvimento de novas práticas pedagógicas, resultando em uma aprendizagem significativa e prazerosa. Nesse sentido, este texto tem como objetivo relatar a oficina de maquetes desenvolvidas na Escola Municipal João Costa de Oliveira, nas turmas dos 7º anos do ensino fundamental, na disciplina de geografia. A atividade foi

³²Graduando Geografia na Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL).
jerlane@alunos.uneal.edu.br;

³³Graduando Geografia na UNEAL. kamila.silva.2022@alunos.uneal.edu.br;

³⁴Graduando em Geografia na UNEAL. dirceu@alunos.uneal.edu.br;

³⁵Graduando Geografia na UNEAL. herik.silva.2022@alunos.uneal.edu.br;

³⁶Graduando Geografia na UNEAL. antony.souza.2021@alunos.uneal.edu.br;

³⁷Graduando Geografia na UNEAL.
carlos.moraes.2021@alunos.uneal.edu.br;

³⁸Professor Adjunto do Curso de Geografia na UNEAL.
clelio.santos@uneal.edu.br

³⁹Professora na Escola Municipal João Costa de Oliveira.
izabelly.lopes@uneal.edu.br

proposta pela docente supervisora, contando com a colaboração dos bolsistas do Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência (PIBID), Campus V. O programa tem sido consolidado enquanto instrumento fundamental na formação docente e no desenvolvimento de diferentes práticas pedagógicas nas escolas públicas da educação básica brasileira, sendo um mecanismo de aproximação entre o ensino superior e básico.

A oficina inseriu-se como uma prática diferenciada, associando o conteúdo “fontes de energias renováveis” com um desenvolvimento prático e dinâmico, proporcionando aos discentes uma construção prazerosa do conhecimento geográfico, utilizando o lúdico como uma proposta de intervenção efetiva para uma aprendizagem significativa e estimulantes. Ao realizar essa atividade compreende-se a importância de implementar metodologias diversificadas, incorporando práticas lúdicas, rompendo com a geografia escolar tradicional. A partir do lúdico, experienciamos uma metodologia fundamental para entender a necessidade da utilização de elementos facilitadores para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem.

O lúdico é um instrumento importante no ensino, pois fomenta o desenvolvimento de diversas metodologias, facilitando o processo de ensino aprendizagem para os alunos. Dessa forma, a ludicidade, atrelada ao ensino, permite aulas dinâmicas, fomentando práticas pedagógicas diferenciadas, onde o aluno se sente convidado a sair da sua zona de conforto e praticar com centralidade do seu processo de ensino-aprendizagem. Segundo Luckesi (2000), pode-se definir o lúdico como sendo aquelas atividades que propiciam uma experiência de plenitude, em que nos envolvemos por inteiro, estando flexíveis e saudáveis. Sendo então importante que esta prática se desenvolva de forma prazerosa e educativa, o lúdico

se apresenta como principal fonte de relação interpessoal dos alunos com os conteúdos abordados.

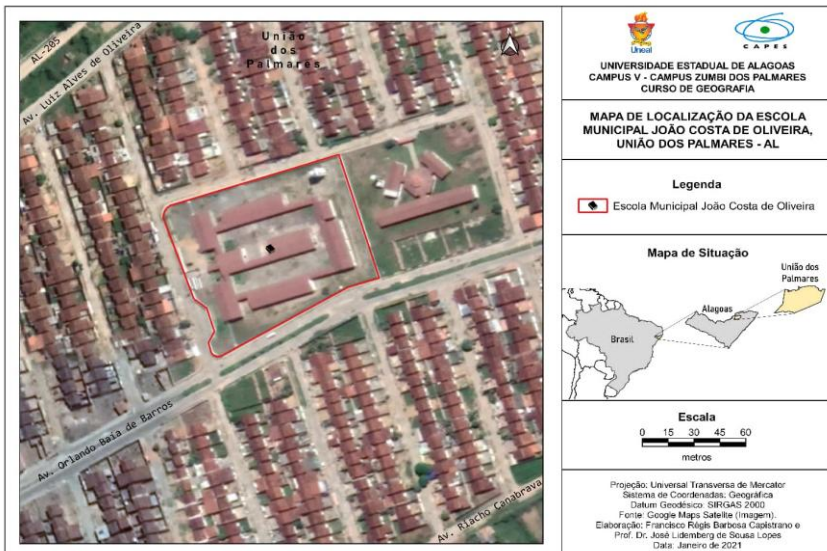
Nessa perspectiva, podemos dizer que é a partir do lúdico que há o fortalecimento das práticas pedagógicas, criando assim, novas possibilidades para os alunos, onde possam se envolver diretamente no seu processo de autoconstrução e de ensino e aprendizagem.

O lúdico desempenha um papel vital na aprendizagem, pois através desta prática o sujeito busca conhecimento do próprio corpo, resgatam experiências pessoais, valores, conceitos buscam soluções diante dos problemas e tem a percepção de si mesmo como parte integrante no processo de construção de sua aprendizagem, que resulta numa nova dinâmica de ação, possibilitando uma construção significativa (Pinto; Tavares, 2010, p. 233).

Nesse sentido, o objetivo deste relato de experiência é descrever as atividades desenvolvidas na oficina de maquetes sobre o conteúdo de fontes de energias renováveis, com as turmas dos 7º anos na escola Municipal João Costa de Oliveira.

A figura 1 faz referência a localização da escola em que a oficina foi desenvolvida. Localizada em uma área descentralizada da cidade de União dos Palmares -AL, a escola atende a um público muito específico, que sofre com diversos tipos de vulnerabilidades.

Fig.1. Mapa de Localização da Escola Municipal João Costa de Oliveira



Fonte: Francisco Capistrano e José Lidemberg Lopes

A oficina surge como uma necessidade de colocar os discentes como protagonistas na construção do seu conhecimento, fugindo da geografia tradicional, que acontece de forma decorativa na maioria das salas de aula. É indispensável pensar em uma forma educacional que incentive a participação dos alunos, a cooperatividade, a criatividade e, sobretudo, o estímulo para criação de novos processos educativos. A partilha deste relato é fundamental para a construção dos novos perfis de profissionais da educação geográfica, para que percebam a importância de adotar práticas que envolvam o lúdico em sala de aula, possibilitando a visibilidade dessa necessidade de “quebra” desse ciclo de

tradicionalidade e de aulas monótonas, onde os alunos são sujeitados a um processo cansativo e exaustivo.

É imprescindível falar sobre as observações feitas em sala de aula, pois esse exercício funciona como um laboratório de pesquisa para possíveis desdobramentos de atividades. É a partir dessas observações que podemos apontar caminhos e possibilidades de introduzir novas práticas e sugerir caminhos. Percebe-se então, a urgência de tornar a geografia escolar um componente dinâmico, onde os alunos se sintam entusiasmados com os assuntos e atividades propostas pelo professor.

Nesse viés, a oficina de maquetes aconteceu como uma proposta metodológica de abordagem teórica e prática do conteúdo curricular proposto pelo livro didático "Araribá mais: Geografia", no qual, identifica-se a necessidade de intervenção, que foi bem proposta pelo docente, havendo a participação dos pibidianos. Muito se tem discutido sobre o espaço que o livro didático ocupa na prática docente, engessando o professor na sala de aula, fazendo esse sujeito abrir mão de práticas que podem trazer elementos novos para o seu processo de ensino. Compreender essa dualidade entre o livro didático e a liberdade do docente é o caminho para alcançar resultados mais satisfatórios. Vale salientar que Libâneo (1994) aponta o uso do livro didático como uma fonte de informação, mas não como uma autoridade incontestável, ou seja, o livro didático deve ser utilizado como um ponto de partida, mas é importante considerar que ele não é a única fonte. Nesse sentido, cabe ao professor pesquisar outras fontes e perspectivas.

Este relato de experiência apresenta as atividades desenvolvidas na oficina de maquetes, descrevendo passo a passo as etapas de realização, as aprendizagens construídas, ressaltando a importância da utilização do lúdico como

ferramenta teórico-metodológico, suscitando discussões e resultados, e as considerações do trabalho desenvolvido.

JUSTIFICATIVA

O presente relato emerge dos registros do processo de observação de aulas do ensino fundamental que vem sendo desenvolvido pelos discentes do curso de geografia do campus V da UNEAL, no âmbito do subprojeto de Geografia do PIBID: "O lúdico no processo de ensino-aprendizagem da geografia: abordagens teórico-metodológicas para a Educação Básica", junto à Escola municipal João Costa em União dos Palmares. O programa tem o objetivo refletir sobre o desenvolvimento de práticas pedagógicas lúdicas nas aulas de Geografia das escolas da rede pública, através da compreensão que docentes e discentes apresentam sobre a temática, visando contribuir, de maneira crítica e propositiva, para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem da Geografia, propiciando assim a aplicação de procedimentos teórico-práticos que promovam tanto a qualificação dos docentes supervisores, quanto o aprimoramento da formação dos discentes bolsistas do curso de Geografia, futuros profissionais da educação básica, assim, o PIBID é uma importante ferramenta na construção de novas metodologias que atendam as demandas que surgem na sala de aula.

É importante ressaltar que o lúdico como metodologia educativa, pode ser apresentado como brincadeira, através de um olhar voltado para a aprendizagem, fazendo com que os alunos gostem de estudar, e absorvam os conteúdos de forma descontraída. A proposta da oficina de maquetes apresenta-se como uma forma de desmitificar a forma de ensino da geografia, incentivando o aluno a ter interesse na disciplina através do entendimento da realidade, pois como afirmam Silva

e Muniz (2012, p. 67), “incentivar o aluno a produzir maquetes permite uma participação maior deste no processo de aprendizagem, além de dar oportunidade ao educador para perceber o contexto sociocultural em que os estudantes estão inseridos”.

A confecção de maquetes aparece como alternativa de incluir prática às aulas, contribuindo assim para a desenvoltura dos alunos. A metodologia das maquetes requer um passo a passo, fazendo com que o processo seja contínuo, e prenda atenção dos alunos. A proposta se dá com o intuito de colocar as maquetes como uma forma de aproximar os alunos da realidade, apresentada fundamentalmente como “representações realistas”, uma de suas principais características é a similitude, que permite a sua aproximação com o comportamento do objeto real.

As maquetes despertam os alunos a investigar o espaço vivido, interpretá-lo e contextualizar a Geografia do lugar, promovendo o interesse da participação nas mudanças da sociedade. Propicia a valorização local e a solução de problemas, desde o espaço físico ao social, ligando o ensino da disciplina ao cotidiano do aluno, pois possibilita mostrar a organização e a ocupação do espaço, além da interação com o meio representado na maquete” (Pitano; Roqué, 2015, p. 276 apud Araújo, Cruz, Fernandes, Gomes, Souza, 2018, p. 4).

A aplicação de novas metodologias é de suma importância, sendo então necessária as observações de aula, pois só conhecendo a realidade que se é possível desenvolver novas formas de ensinar. O sucesso de uma observação de aula baseia-se na seleção e na adaptação que se pode fazer com as metodologias de ensino de acordo com o contexto, as fases que incluem o ciclo de supervisão, o foco da observação e as necessidades específicas de cada professor, são etapas

fundamentais para o desenvolvimento do licenciado (SILVA, 2013, p. 3). Tanto professores observados como observadores beneficiam-se da observação e do debate em aula, enfatizasse que de forma suscita há uma troca de experiências, vivências e saberes.

METODOLOGIA

A iniciativa para a realização desta atividade surgiu durante as aulas de Geografia, nas turmas do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal João Costa de Oliveira, com o conteúdo: fontes de energias renováveis. Nesse contexto, a docente supervisora identificou a necessidade de proporcionar uma atividade lúdica como um meio facilitador na abordagem desse tema, considerando, sobretudo, a importância do aspecto lúdico no ensino de Geografia. Assim, a docente supervisora solicitou a confecção de maquetes como uma ferramenta metodológica, com o objetivo de aproximar os discentes de maneira lúdica do conteúdo que estava sendo ensinado.

A produção de maquetes representando as fontes de energias, foi adotada como uma alternativa para aproximar os discentes da realidade, exemplificando as diversas fontes de geração de energia encontradas na sociedade. Utilizando de regiões próximas conhecidas pelos discentes, facilitando a reflexão, discussão e compreensão do assunto abordado. Nesse sentido, “a maquete cria um espaço de interação para o aluno, o cotidiano passa a ser objeto de novas reflexões e representações. Com isso, os alunos passam a se inserir nas questões sociais, preocupando-se com possíveis soluções” (Castrogiovanni; Callai; Kaercher, 2017 apud Fernandes et al, 2018).

A atividade foi dividida em seis etapas. Na primeira etapa, ocorreu a discussão do livro didático e de outros textos

que abordavam as fontes de energias renováveis. Na segunda etapa, foi reproduzido o filme "O menino que descobriu o vento". Na terceira etapa, os discentes fizeram um resumo sobre o que obtiveram de entendimento do filme. Na quarta etapa, houve a divisão de grupos para a realização da confecção das maquetes. Na quinta etapa houve a produção das maquetes. Por fim, a sexta etapa consistiu na culminância da atividade.

A primeira etapa foi fundamental para compreender a importância e a necessidade de uma atividade lúdica, uma vez que a abordagem do livro didático se mostrava distante da realidade dos alunos. Na segunda e terceira etapas, respectivamente, optou-se pelo filme para instigar os alunos à reflexão crítica sobre o conteúdo abordado e ao desenvolvimento de um resumo do mesmo. Na quarta foi feita a divisão de grupos com seis até sete alunos para a confecção das maquetes e, seguidamente, na quinta etapa, a partir da orientação da docente supervisora e dos pibidianos, houve a produção das maquetes, tendo o intuito de envolver os alunos na construção do conhecimento por meio da produção com objetos recicláveis. A última etapa funcionou como atividade avaliativa, representando um momento de socialização do material produzido, visando identificar o progresso dos alunos na aplicação dessa prática.

De acordo com Casemiro (2014, p. 25), em trabalhos dessa natureza, os conceitos relacionados à percepção visual, ou seja, os sistemas nos quais os sinais acumulam significados, tornam-se mais acessíveis para a interpretação dos dados na maquete, permitindo alcançar uma de suas finalidades fundamentais: sua utilização como meio de comunicação. No processo de aprendizagem, essa construção do material e do aspecto visual torna-se significativa.

DISCUSSÕES/RESULTADOS

O primeiro contato dos alunos com o conteúdo foi através do livro didático com as turmas dos 7º anos. A docente supervisora começou questionando-os sobre o que entendiam a respeito das fontes de energias renováveis, onde foi apresentado os conceitos básicos sobre o tema, iniciando então um debate em torno do assunto. Ela também mostrou imagens de turbinas eólicas e hidrelétricas, para que os alunos tivessem uma melhor visualização de como as energias são utilizadas na prática. De início eles se mostraram bem entusiasmados, e questionaram bastante sobre o conteúdo que estava sendo explanado.

No dia 24 de abril de 2023 foi apresentado o filme “O menino que descobriu o vento”, o objetivo do filme foi complementar o assunto, já que o filme narra a história de um jovem do Malawi, que enfrenta a seca e a fome na comunidade em que vive, diante dessa realidade, o jovem William decide estudar sobre energia eólica por conta própria. A exibição do longa-metragem proporcionou aos discentes um olhar crítico sobre o contexto socioeconômico que foi apresentado durante a trama. Após o filme, a docente supervisora indagou se os discentes gostaram, a resposta foi bastante positiva. Os discentes também elaboraram um resumo fazendo uma interpretação a partir do que entenderam do longa-metragem “O menino que descobriu o vento”.

Após a exibição do longa os pibidianos auxiliariam nas divisões das equipes, para a produção das maquetes com o uso de materiais recicláveis. O objetivo dos materiais recicláveis foi conscientizar sobre a importância da sustentabilidade e a preservação do meio ambiente, promovendo uma reflexão sobre a importância do reaproveitamento de materiais, algumas

das opções de materiais recicláveis foram: garrafas pets, isopor e papelão.

Fig.2. Alunos assistindo ao filme “O menino que descobriu o vento”



Fonte: Arquivo dos autores (2023)

No dia 15 de maio de 2023, os grupos foram para a escola na parte matutina para dar início as produções das maquetes, o trabalho em grupo proporcionou momentos de descontração e fez com que os alunos socializassem entre si, ajudando uns aos outros. Os alunos foram os principais colaboradores desse trabalho, construindo um novo olhar geográfico para a vivência em sala de aula. Todo o desenvolvimento da oficina foi fundamental para que eles pudessem identificar a realidade em que estão inseridos, e compreender melhor como a energia renovável pode ser eficaz, trazendo exemplos de Estados circunvizinhos. Esta produção foi uma atividade bastante interativa e educativa para os alunos, pois permitiu que eles aprendessem e contribuísse de forma prática e concreta sobre a temática trabalhada. Durante o processo da construção de maquetes, os alunos puderam

explorar informações sobre o funcionamento da energia escolhida, os benefícios e desafios, as tecnologias utilizadas, entre outros aspectos relevantes trabalhados pela geografia.

Fig.3. Produção das maquetes



Fonte: Arquivo dos autores (2023)

O envolvimento dos pibidianos no processo de produção e acompanhamento dos grupos contribuiu para uma maior atenção individualizada, assim, facilitando a gestão das atividades em equipes, a docente supervisora também pôde incentivar os alunos a utilizarem a criatividade e o raciocínio espacial, buscando reproduzir de forma proporcional tendo o entendimento de escala geográfica na construção dos elementos e características que abordaram a temática sobre as energias renováveis. Conforme o desdobramento da oficina, a docente acompanhou o trabalho dos alunos, oferecendo suporte, orientações e esclarecimento de dúvidas. Além disso,

promovendo a troca de ideias entre os alunos, incentivando a colaboração e o trabalho em equipe.

Ao finalizar as maquetes, houve a exposição no dia 29 de maio de 2023, onde a comunidade escolar foi convidada para exposição das maquetes, toda a organização foi feita com o auxílio da docente e de todos os pibidianos. Todos os grupos conseguiram apresentar e explicar o funcionamento da energia renovável representada e destacando os benefícios e impactos para o meio ambiente.

Fig.4. Exposição das maquetes



Fonte: Arquivo dos autores (2023)

A foto acima retrata o momento da exposição das maquetes, onde os alunos expressaram oralmente suas aprendizagens sobre o conteúdo estudado, compartilhando esse conhecimento com alunos das outras turmas que compõem a escola, os demais professores que ali estavam presentes, a

equipe pedagógica, ou seja, foi um momento riquíssimo que envolveu toda a comunidade escolar, levando o conteúdo para além da sala de aula.

Essa etapa tem a sua importância, pois os discentes desenvolveram habilidades de comunicação, expressão oral e consciência crítica. Ao participar da confecção das maquetes os alunos tiveram a oportunidade de aprofundar os conhecimentos sobre o conteúdo. As práticas desenvolvidas e os conhecimentos geográficos adquiridos levaram ao resultado final, onde se teve a oportunidade de expor seus aprendizados. Segundo a equipe do PIBID, os alunos tiveram uma grande interação dentro da produção, levando os materiais necessários e sendo capazes de executar as devidas atividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O lúdico é uma ferramenta teórico-metodológica que deve ser incorporada ao dia a dia das escolas, principalmente no que diz respeito ao ensino de geografia. Utilizar desse elemento, sobretudo em escolas sem infraestrutura, propicia minimizar a dificuldade de alunos com grandes lacunas de aprendizado, tendo em vista que alguns professores não apostam em novas técnicas para o ensino, essa prática pedagógica se torna cada vez mais necessária para romper com a geografia tradicional.

Com o desenvolvimento da atividade proposta os alunos puderam compreender ainda mais sobre o conteúdo que seria trabalhado em sala, através da aproximação da teoria e da prática. Observou-se que, os estudantes tiveram dificuldades com o conteúdo, por estarem condicionados a um ensino mecânico, de apenas serem receptores. Pôde-se comprovar também, que houve um estreitamento no aprendizado entre aluno e conteúdo, após o aprofundamento teórico em torno da

temática abordada. Inserir um novo recurso de ensino nas aulas não é tão fácil quanto parece ser, apesar da maioria dos alunos serem receptivos, sempre existe uma parcela de rejeição, onde os alunos não desenvolvem de forma igual e decidem rejeitar a metodologia. A cada etapa de construção foi possível observar a interação dos alunos, entusiasmados e querendo evoluir na construção e no aprendizado sobre o conteúdo. Todas as etapas foram essenciais para que a culminância acontecesse de forma que os alunos conseguissem entender o que estavam apresentando.

A partir das intervenções propostas com o objetivo de dinamizar e relacionar o tema para o dia a dia dos alunos, foi notada uma contribuição significativa para o processo de formação dos bolsistas. Vale ressaltar que, o trabalho desenvolvido só pode fazer jus a palavra lúdico, quando a atividade desenvolvida envolve maior parte da turma no contexto da classe, fomentando um espaço acolhedor e atrativo. Então, todo o processo de introdução do conteúdo com o filme e a construção das maquetes, se tornou um forte recurso metodológico para o ensino da Geografia.

Dessa forma, pode-se observar e compreender um ambiente mais amplo de possibilidades, onde, destaca-se a socialização entre os discentes e a troca de saberes. Além disso, os PIBIDianos como parte importante deste projeto, o PIBID aparece no contexto da escola como uma nova ótica de aplicar a educação geográfica, rompendo com o estigma de que é uma disciplina onde se usa somente o método tradicional de ensino.

Por fim, a experiência vivida foi de grande aprendizado para os bolsistas, pois experienciou-se a partir desse momento uma base significativa de conhecimentos para novas abordagens dos conteúdos que fazem parte da base nacional comum curricular. Ademais, foi perceptível que a inclusão do

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fachine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

lúdico no desenvolvimento das aulas, tem como objetivo fortalecer o ensino-aprendizagem de forma mais dinâmica e prazerosa.

REFERÊNCIAS

Araribá Mais Geografia 7 - Manual do Professor. Disponível em:

<<https://www.calameo.com/read/002899327b7683a90af31?authid=RU47i9alrCEc>>.

CASSEMIRO, Rodrigo Rosa. **A Maquete como recurso didático para o ensino-aprendizagem de conceitos geográficos.** 2014.

CRTRJ. **O que é Maquetaria e Maquete? – CRT-RJ.** Disponível em: <<https://old.crtrj.gov.br/o-que-e-maquetaria-e-maquete/>>.

MOURA, Vanuza Caetano de; MARTINS, Pollyany Pereira. **Atividades Lúdicas como ferramentas no Ensino de Geografia.** Instituto Federal Goiano.

FERNANDES, Taynah Garcia et al. A construção de maquetes como recurso didático no ensino de geografia. **Revista Equador**, v. 7, n. 2, p. 96-109, 2018.

LIBÂNEO, J. C. **Didática.** São Paulo: Cortez Editora, 2006.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Educação, ludicidade e prevenção das neuroses futuras: uma proposta pedagógica a partir da Biossíntese.** In: LUCKESI, Cipriano Carlos (org.) Ludopedagogia ensaios 1: educação e ludicidade. Salvador: Gepel, 2000.

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fachine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

MELLO, M. C. de O.; ANGELONI, R. Z. O lúdico e o dialógico no ensino de Geografia: uma proposta para a prática pedagógica. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 4, n. 3, p. 487-497, 31 dez. 2014.

UNEAL – Universidade Estadual de Alagoas. **O lúdico no processo de Ensino-aprendizagem da Geografia**: abordagens teórico-metodológicas para a Educação Básica (Subprojeto Geografia – PIBID - Campus V). União dos Palmares – AL, 2022.

PINTO, C. L. TAVARES, H. M. O Lúdico na Aprendizagem: Aprender a Aprender. **Revista da Católica**, Uberlândia, v. 2, n. 3, p. 226-235, 2010.

SILVA, Maria Deolinda Oliveira. A importância da observação de aulas no processo de avaliação de desempenho docente: concepções de professores. **Gestão e Desenvolvimento**, n. 21, p. 321-344, 2013.

PESQUISA E ENSINO DE GEOGRAFIA ESCOLAR ATRAVÉS DAS PAISAGENS DA “RUA DA FRENTE” EM PAULO AFONSO/BA

Alexandre Marques dos Santos⁴⁰
Kleber Costa da Silva⁴¹

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu da necessidade de se pensar meios que promovam a contínua ruptura com o método de ensino tradicional. Teve por objetivo utilizar a pesquisa geográfica enquanto recurso didático para a Geografia Escolar. Desenvolveu-se durante o estágio supervisionado III, no Colégio Estadual Carlina Barbosa de Deus, no município de Paulo Afonso/BA. Através do auxílio da técnica fotográfica, a pesquisa se deu a partir da apreensão dialética das diferentes paisagens da avenida Getúlio Vargas, popularmente “rua da frente”, no próprio município, pensada em conjunto com as demais ruas e avenidas no entorno que configuram a região comercial da cidade.

Dialogando com conceitos geográficos como Região e Paisagem, além da própria temática da urbana, com leituras acerca do ensino de Geografia na educação básica e da cidade enquanto tema em sala de aula. Através de tal aporte teórico-metodológico, desenvolveu-se aulas dialógicas e construída atividade de caráter diagnóstico e formativo, onde os resultados demonstraram a necessidade de um ensino que parta da

⁴⁰Graduando do curso de licenciatura em Geografia, Universidade Federal de Alagoas Campus do Sertão, santos.marques.ale@gmail.com.

⁴¹Graduado e mestre pela Universidade Federal de Pernambuco, docente efetivo no curso de Geografia na Universidade Federal de Alagoas e orientador do trabalho, kleber.csilva@hotmail.com.

realidade dos/as estudantes. Resultando em um espaço para a argumentação crítica e maior participação do alunado tendo como ponto de partida suas próprias leituras dos espaços vividos, em conjunto com os saberes geográficos apresentados em sala pelo professor.

Como já é de conhecimento, no ensino tradicional de Geografia na educação básica, o ensino ocorre através da memorização dos conteúdos abordados no livro didático. Tal método impedi que os estudantes participem ativamente da aula através do diálogo, apenas o/a professor/a possui o conhecimento e caba aos estudantes apenas estarem em silêncio, anotando.

O presente trabalho surgiu a partir da necessidade de colaborar com a busca de metodologias que vão de contra ao ensino tradicional. Objetivando fazer uso da pesquisa geográfica enquanto recurso didático no ensino da Geografia Escolar. Em conjunto com a técnica fotografia, a fim de aproximar visivelmente a realidade que muitas vezes fica na teoria. Tal pesquisa sendo realizada através do espaço concedido durante o estágio supervisionado III, o qual ocorreu no Colégio Estadual Carlina Barbosa de Deus, no município de Paulo Afonso/BA. Propondo-se a realizar um ensino da cidade de maneira crítica na busca da formação da cidadania dos/as estudantes. Os quais, através da própria cidade, que fornece saberes que são evidenciados em sala de aula através da mediação do professor entre a vivência dos estudantes e o conhecimento geográfico, tendo como ponto de partido/*locus* a avenida Getúlio Vargas, a popular "rua da frente".

No ensino da Geografia tradicional não há aprofundamento ou mesmo abertura para questionamentos acerca dos assuntos abordados. O ensino da Geografia escolar tradicional, se resume a memorização de nomes de biomas, de rios, de formas de relevos e tantos outros aspectos espaciais,

estes tidos por verdade absoluta (CARVALHO, 2007). É de suma importância se lembrar que, a escola moderna surgiu de maneira estratégica por interesses da classe dominante (CARLOS et. al., 2015). Perpetuar um ensino que não forme estudantes e cidadãos críticos é ser conivente com um sistema que se incomoda com as mudanças sociais. É dever de professores e professoras fazer uso da mesma instituição para construir um ensino democrático. Como é apontado por Moran et. al. (2000), um dos grandes desafios para a docência é conseguir que os conteúdos, as informações trabalhadas em sala sejam valorizadas pelos/as estudantes e se tornem referencial para a leitura de mundo de cada um deles.

JUSTIFICATIVA

O presente trabalho surgiu da necessidade de se pensar meios que promovam a contínua ruptura com o método de ensino tradicional da Geografia na educação básica. A busca por metodologias que promovam o protagonismo estudantil com a devida finalidade da efetivação do ensino e aprendizagem.

Dessa forma, esse trabalho buscou meios de se pensar os conceitos geográficos através da realidade vivida dos estudantes, na intenção de que os mesmos se apropriassem de tais ferramentas teóricas para refletirem a realidade em que estão inseridos, com a qual interagem diariamente.

METODOLOGIA

Tal trabalho se dá, primeiramente, através das leituras das paisagens contidas na avenida Getúlio Vargas por meio da técnica fotográfica, em razão de que o registro fotográfico abstrai de maneira fidedigna, precisa, a realidade,

possibilitando com que tal registrado possa ser transformado em dado para posteriores análises de pesquisa (COOLIER, 1973). Não mais se tem apenas, a exemplo, a foto de um estabelecimento, de uma rua. Estes se transformam em elementos de estudo, os quais encontram-se na realidade fora da representação proporcionada pela fotografia inseridos em um dado contexto social, espacial e temporal.

Assim, possibilitando se pensar o conceito chave, paisagem, sendo este em síntese, representação da porção perceptível de um determinado espaço geográfico, onde o que é capturado através dos sentidos, seja através dos cheiros, sons e claro, o que é apreendido através da visão; se configura como paisagem dentro da Geografia (SANTOS, 2021). A paisagem também é composta por um conjunto dinâmico da materialização das relações sociais que permeia, constrói e dá significado com a seus valores culturais, assim como influencia as práxis sociais cotidianas.

Sendo as fotografias um instante de toda uma dinâmica, se faz necessário pensar tal material através do materialismo histórico-dialético, que de acordo com Lakatos & Marconi (2003), por essa ótica as coisas não são vistas como fixas, mas dinâmicas, não finalizadas e sim em constante processo, sempre encontrando formas de transformar e de desenvolver. Através de tal aporte teórico-metodológico, desenvolveu-se aulas dialógicas e construída atividade de caráter diagnóstico e formativo.

DISCUSSÕES/RESULTADOS

Alunos e alunas possuem conhecimentos prévios que precisam ser levados em consideração e quando estes se aliam aos conhecimentos científicos, proporciona a produção do conhecimento escolar e uma efetivação no ensino e

aprendizagem. A aula não acontece em torno do professor, mas todos são protagonistas em sala, todos presentes aprendem a cada aula quando se estabelece espaço para diálogos e trocas de conhecimento.

Os argumentos apresentados demonstram aqueles que percebem o que acontece em sua própria cidade, ou que até mesmo vivenciam, em razão da sala ser composta por estudantes de diferentes bairros da cidade; além de estudantes da zona rural. É preciso maior sensibilidade por parte dos docentes quando se trata de aulas expositivas e das atividades que propõem para avaliarem o avanço e aprendizagem dos estudantes frente ao que está sendo trabalhado.

Não se trata de meros trabalhos para compor cadernos de notas, se trata de sondar e acompanhar esses estudantes. Tais atividades, além da sala de aula, são espaços para conhecer os estudantes, o que eles sabem através de suas experiências com o espaço em suas vivências e se estão conseguindo associar com os conceitos apresentados em sala.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em muito se agrega aos estudantes e aos docentes quando todos os saberes são respeitados, quando se constrói conhecimentos como um todo, como é dito por Castellar e Vilhena (2010), não se trata de apenas aplicar de maneira mecânica, mas realizar esforço de articulação entre o aporte teórico e a realidade. Dessa forma, não concentrado apenas aos professores e professoras que em muito apenas tratam de transmitir e que acabam por não procurar dialogá-los com os estudantes. As autoras ainda contribuem com o seguinte pensamento:

Espera-se, em uma prática de ensino mais dinâmica, que o aluno possa não só dar significado, mas compreender o que

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fechine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

está sendo ensina. Optando por uma metodologia de ensino que envolva o aluno na construção do conhecimento, espera-se que ele estude a partir de situações do cotidiano e relacione o conhecimento aprendido para a analisar a realidade, que pode ser a local ou a global (Castellar; Vilhena, 2010, p. 6).

Portanto, atividades como esta desenvolvida nesta pesquisa demonstram em como pode se buscar alternativas de transformarem o ensino de Geografia próximo dos estudantes, proporcionando o devido espaço para que em trocas, eles de fato aprendam não somente conteúdos, mas que os leve para uma leitura crítica do mundo. Partindo do local para o global.

REFERÊNCIAS

BENTO, Izabella Peracini. **A mediação didática na construção do conhecimento geográfico: uma análise do processo de ensino e aprendizagem de jovens do ensino médio e da potencialidade do lugar**. 2013. 262 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

BREITBACH, Áurea Corrêa de Miranda. **Estudo sobre o conceito de região**. 1986.

CARLOS, Ana Fani (org.). Apresentação. *In*: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). **A geografia na sala de aula**. – 9ª ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

CARVALHO, Maria Inez da Silva de Souza. **Fim de século: a escola e a geografia**. 3ª ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

CASTELLAR, Sônia & VILHENA, Jerusa. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fechine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia escolar e a cidade: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana (Magistério: Formação e trabalho pedagógico)**. Papirus Editora, 2016.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola**. Papirus Editora, 2016.

COLLIER, John. **Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária LTDA. Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

CORRÊA, Rogério Lobato & ROSENDAHL, Zeny (Org). **Introdução à Geografia Cultural**. – 5ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CORRÊA, Rogério Lobato. **O espaço urbano**. 4ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

CORRÊA, Rogério Lobato & ROSENDAHL, Zeny (Org). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio De Janeiro: EdUERJ, 2001.

CORRÊA, Rogério Lobato. **Região e Organização Espacial**. 5 ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

COUTINHO, Renato Xavier; FOLMER, Vanderlei; PUNTEL, Robson Luiz. Aproximando universidade e escola por meio do uso da produção acadêmica na sala de aula. **Ciência & Educação (Bauru)**, 2014, 20: 765-783.

DA SILVA, Elany Cristina Barros; ROCHA, Genylton Odilon Rego. O ensino de Geografia na perspectiva da cidade educadora. **Revista GeoSertões**, 2021, 5.10: 58-83.

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fechine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

DE BARROS CORREIA, Telma. De vila operária a cidade-companhia: as aglomerações criadas por empresas no vocabulário especializado e vernacular. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (RBEUR)**, 2001, 4: 83-98.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3ª ed., 13ª reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

GADOTTI, Moacir; PADILHA, Paulo Roberto; CABEZUDO, Alicia (orgs.). **Cidade educadora: princípios e experiências**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2004.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 4ª ed., - São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 1990.

LIMA, João de Sousa. **Paulo Afonso e a Vila Poty: A história não contada**. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2017.

MAXIMIANO, Liz Abad. Considerações sobre o conceito de paisagem. Curitiba: **Raega – O Espaço Geográfico em Análise**, v.8, Editora da UFPR, 2004. p. 83-91.

MONTEIRO, Charles. **História, fotografia e cidade: reflexões teórico-metodológicas sobre o campo de pesquisa**. MÉTIS: História&Cultura, 2006, 5.9.

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fechine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. p. 11-66. *In*: MORAN, José Manuel; MASSETO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e a mediação pedagógica**. São Paulo: Papirus, 2000.

MUSSOI, Arno Bento; SANTOS, Wanda Terezinha Pacheco dos. **A fotografia como recurso didático no ensino de Geografia**. Artigo apresentado como requisito parcial para a obtenção da certificação do Programa de Desenvolvimento Educacional do Paraná em convenio entre secretaria de Estado do Paraná e UNICENTRO. Guarapuava-PR, 2008.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

PINTO, Francisco Ringostar; CARNEIRO, Rosalvo Nobre. O Ensino de Geografia no século XXI: Práticas e desafios do/no Ensino Médio. *Revista GeolInterações*, 2019, 3.2: 3-22.

SALGUEIRO, Teresa Barata. **Paisagem e geografia**. Finisterra, v.36, n. 72, 2001.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. – 6ª ed., 3ª reimpressão. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021.

SAUER, Carl O. A Morfologia da paisagem. p. 12-74. *in*: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL (org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. pp. 12-74.

SILVA, Maria Jailma da. **A fotografia como recurso didático em ensino de Geografia no Ensino fundamental II**. 2022. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) -

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fechine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

Unidade Delmiro Gouveia - Campus do Sertão, Universidade
Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2021.

VESENTINI, José William. Educação e ensino da geografia:
instrumentos de dominação e/ou libertação. p. 14-33. *in*:
CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). **A geografia na sala de
aula.** – 9ª ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

JOGO TORTA NA CARA GEOGRÁFICA: UMA DINÂMICA LÚDICA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Bruna da Silva oliveira⁴²
Erika Bernardo de Oliveira⁴³
Lays Gomes da Silva⁴⁴
Lucas Vinicius Paulino da Silva⁴⁵
Lucimeire da Silva Pimentel⁴⁶
Clélio Cristiano Dos Santos⁶
Izabelly Alves Lopes⁷

INTRODUÇÃO

O lúdico desempenha um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem escolar, sendo uma ferramenta essencial dentro da disciplina de geografia, pois não apenas dinamiza as aulas, mas também estimula e promove o desenvolvimento da autonomia e pensamento crítico dos discentes para trabalhar o conhecimento geográfico por meio de experiências práticas. Desta forma, o objetivo deste relato é descrever a experiência didático pedagógica vivenciada no âmbito do PIBID, desenvolvido através do subprojeto de geografia do campus V da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), junto a Escola Municipal João Costa de Oliveira, na cidade de União dos Palmares. A proposta do subprojeto é discutir o lúdico no ensino de geografia. Diante disso, o objetivo

⁴²Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL),

bruna.oliveira.2022@alunos.uneal.edu.br

⁴³UNEAL, erika.oliveira.@alunos.uneal.edu.br

⁴⁴UNEAL, lays.silva.2021.@alunos.uneal.edu.br

⁴⁵UNEAL, lucas.silva.2022@alunos.uneal.edu.br

⁴⁶UNEAL, lucimeire.pimentel.2022@alunos.uneal.edu.br

⁶UNEAL, clelio.santos@uneal.edu.br

⁷Rede Municipal de União dos Palmares, izabellyalves6@gmail.com

desse texto é relatar o desenvolvimento de um jogo pedagógico, torta na cara, realizado junto às turmas dos 7º anos do ensino fundamental, visando engajar de maneira eficaz tanto os discentes quanto a instituição de ensino.

O lúdico desempenha um papel de extrema relevância no processo de ensino-aprendizagem, especialmente no âmbito da disciplina de Geografia. Esta disciplina é intrinsecamente sintética e, por isso, apresenta desafios significativos no contexto da sala de aula, sobretudo nas etapas iniciais do percurso educativo. Diante dessa complexidade, a inserção de abordagens lúdicas nesse processo educativo promove uma experiência dinâmica e prazerosa para os discentes. Além disso, a aplicação da ludicidade no ensino de geografia desempenha um papel fundamental na superação de eventuais obstáculos à aprendizagem, especialmente entre os discentes que podem considerar o conteúdo complexo ou desinteressante.

É evidente a presença frequente desses elementos didáticos lúdicos, como jogos, atividades recreativas e interações participativas. Essa abordagem tem como objetivo estimular os discentes a cultivarem a autonomia, enquanto exploram suas capacidades cognitivas e sociais de maneira ativa. Essa prática, por sua vez, repercute diretamente no progresso integral do educando. Ao contrário da perspectiva popular que muitas vezes associa o jogo a uma simples brincadeira desprovida de valor educacional, é fundamental compreender que o jogo possui uma importância significativa no processo de ensino-aprendizagem.

O jogo representa um material lúdico, que desperta a atenção em várias faixas etárias, mas, quando aliados ao processo de ensino e de aprendizagem, seu potencial ressignifica o contexto da sala de aula, aumenta a motivação dos estudantes para enfrentar situações de erros e acertos, contribui significativamente para o desenvolvimento cognitivo e percepção, bem como coopera no controle das emoções,

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fechine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

desenvolvimento do respeito e interação com a equipe
participativa. (Aquino; Freitas; Sobral; Santos, 2020, p.22 apud
Moura; Martins, p. 05)

Em resumo, as atividades lúdicas representam uma abordagem que possibilita aos discentes aprender de maneira envolvente e agradável. Elas oferecem uma alternativa à metodologia tradicional de ensino, onde o aprendizado se desenrola de maneira mais fluida e natural. Esse método não apenas torna o processo de aprendizagem mais prazeroso para os discentes, mas também proporciona aos docentes uma forma diferenciada de avaliar o progresso, ampliando as possibilidades para além das avaliações formais convencionais.

Nossa jornada de experiência ganhou vida quando participamos de uma dinâmica na Escola Municipal João Costa de Oliveira que foi direcionada às turmas dos 7º anos. O objetivo dessa dinâmica foi revisitar o conteúdo referente às características do território brasileiro que a docente supervisora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) estava trabalhando em sala. O desejo de compartilhar essa experiência surgiu das observações que fizemos em sala de aula e que consideramos indispensáveis para agregar no conhecimento das pessoas e dos docentes.

É importante ressaltarmos, que o PIBID se destaca por direcionar sua atenção às escolas da rede pública que enfrentam situações de vulnerabilidade social, especialmente aquelas localizadas em bairros periféricos, que é o caso da Escola Municipal João Costa de Oliveira que se enquadra dentro desses estereótipos e demanda uma atenção especial no que diz respeito ao estímulo à educação.

Fig.1. Mapa da localização da Escola Municipal João Costa de Oliveira



Fonte: Francisco Capistrano e José Lidemberg Lopes

Essa experiência foi vivenciada no âmbito da Escola João Costa de Oliveira que está localizada no bairro residencial Newton Pereira, como demonstra o mapa acima (Fig. 1). O bairro abrange uma área periférica caracterizada pela carência em diversos aspectos físicos e sociais que passou por dificuldades por conta das enchentes enfrentadas na cidade de União dos Palmares, assim o PIBID surgiu como um chamado transformador para a implantação das atividades e proporcionou melhorias no âmbito do aprendizado.

Dentro desse cenário, nossa jornada teve início a partir da interação com os discentes, onde percebemos o potencial que habitava em cada um deles. A necessidade de transcender as barreiras do ambiente escolar tradicional tornou-se pertinente, especialmente em um contexto no qual o cotidiano

deles é permeado por desafios complexos, como as recorrentes enchentes.

JUSTIFICATIVA

Este relato tem como objetivo principal compartilhar nossa experiência na integração de abordagens lúdicas no ensino de Geografia, mais especificamente a dinâmica "Torta na Cara Geográfica", no nível básico da Escola João Costa de Oliveira. Destacaremos a contribuição crucial do PIBID nesse processo de construção do conhecimento, ressaltando a riqueza de nossas vivências. Ao fazê-lo, almejamos inspirar e informar, promovendo uma cultura de aprendizado contínuo e colaborativo que transcende fronteiras educacionais.

Portanto, a nossa motivação em compartilhar esta experiência enriquecedora, proporcionada pelo PIBID, tem o propósito inequívoco de contribuir de forma significativa para o avanço do desenvolvimento acadêmico e profissional dos leitores interessados. Compreendemos a importância de disseminar práticas pedagógicas eficazes e percebemos que ao relatar as conquistas, dificuldades, desafios superados e lições aprendidas ao longo desse processo, estamos transferindo aprendizado para outros docentes, discentes e profissionais que buscam aprimorar suas abordagens educativas. Buscamos, por meio deste artigo, não apenas reconhecer práticas pedagógicas exemplares já executadas, mas também prover feedbacks pertinentes, passíveis de serem adaptados e incorporados em variados contextos educacionais. Fundamentamos nossa justificativa na convicção de que essa troca de experiências não apenas fomenta uma rede ampla de aprendizado colaborativo, mas também enriquece o cenário educacional.

METODOLOGIA

A relação entre o conteúdo e a atividade nasce a partir do momento em que a docente observa que os discentes possuem dificuldades de absorver o conteúdo proposto em aula. Pensando nisso, a metodologia adotada como estratégia lúdica no processo de ensino-aprendizagem pela docente foi a dinâmica intitulada "Torta na Cara Geográfica". Essa dinâmica se configura como um jogo de perguntas e respostas que não apenas proporciona diversão, mas também estimula a expansão do conhecimento geográfico e a absorção do conteúdo pelos discentes.

Nessa ocasião específica, a aplicação da dinâmica, enraizada na abordagem multidisciplinar, teve como objetivo a validação prática dos conhecimentos adquiridos em sala de aula, por meio de uma atividade recreativa embasada em questionamentos diretamente relacionados ao tema do livro didático em uso, cujo foco era "As Características do Território Brasileiro".

Nesse contexto, a dinâmica foi conduzida em três etapas distintas: Inicialmente, a professora supervisora apresentou o conteúdo relevante; posteriormente, na segunda fase, foi aplicado um questionário de estudo, referenciado pelo material didático, para que os discentes pudessem explorar o tema também em suas casas; por fim, a terceira e última etapa consistiu na efetivação do jogo propriamente dito, representando a culminância da atividade. Nessa fase culminante, a turma foi dividida em quatro equipes, cada uma delas participando ativamente.

Para a realização dessa dinâmica, utilizamos recursos didáticos essenciais, tais como: cadernos, chantilly, toalhas, pratos descartáveis e faixas coloridas de tecido (TNT) que serviram para identificar e diferenciar as equipes envolvidas.

Essa combinação de elementos permitiu uma abordagem prática para a realização da dinâmica, elevando a experiência educacional a um nível mais interativo e memorável.

O processo avaliativo da dinâmica consistiu nas observações feitas pela docente, que conseguiu constatar através das respostas se os discentes estudaram previamente para a execução da atividade, se eles conseguiram absorver o conteúdo, percebeu também quem se engajou no processo da dinâmica e quem não colaborou.

DISCUSSÕES/RESULTADOS

A relevância de práticas lúdicas no processo de ensino-aprendizagem surge diante dos desafios enfrentados em sala de aula na disciplina de Geografia, que consiste em transmitir o conteúdo de maneira que os discentes possam assimilá-lo, variando de acordo com a abordagem adotada. Por isso é importante ressaltar que os discentes precisam ter acesso a uma educação que atenda suas necessidades educacionais, para que o seu desenvolvimento seja efetivo. Assim como afirma Libâneo (2018, p. 62) “Educação de qualidade é aquela que promove para todos os domínios de conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades cognitivas, operativas e sociais necessários ao atendimento de necessidades individuais e sociais dos alunos. [...]”

Nessa perspectiva, torna-se essencial realizar intervenções pedagógicas que atuem como facilitadoras no processo de ensino, promovendo uma compreensão mais eficiente do conhecimento geográfico. Tais intervenções devem ser capazes de envolver os discentes de maneira atuante, despertando o interesse e tornando o aprendizado mais significativo.

Diante desse desafio, o uso do lúdico nas atividades escolares emerge como uma estratégia indispensável para alcançar resultados positivos nesse processo educativo. A introdução de jogos, simulações e outras abordagens lúdicas não apenas quebra a monotonia, mas também estimula a participação dos discentes, promovendo uma aprendizagem mais dinâmica. Além disso, a aplicação de elementos lúdicos contribui para a contextualização dos conceitos geográficos, aproximando o conteúdo do universo cotidiano dos discentes.

Reconhece-se que o lúdico, enquanto atividade que desencadeia prazeres, possa fazer parte do processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para que as aulas de Geografia sejam mais dinâmicas e participativas; inclusive, proporcionando sentido e significado ao conhecimento construído. Compreende-se, portanto, que o lúdico contribui para que as aulas de Geografia do Ensino Fundamental – EF – sejam mais motivadoras, prazerosas, nas quais os alunos possam criar e recriar com base nos conteúdos estudados. (Silva; Bertazzo, 2013, p. 343).

Portanto, ao integrar o lúdico de forma consciente e planejada nas aulas de Geografia, os docentes têm a oportunidade de transformar o ambiente educacional, tornando-o mais estimulante e propício ao desenvolvimento de uma compreensão sólida e duradoura dos temas geográficos por parte dos discentes. Pensando nisso, foi desenvolvida a dinâmica “Torta na cara geográfica” na Escola Municipal João Costa de Oliveira com o intuito de ajudar os discentes no processo de ensino-aprendizagem na disciplina de Geografia.

A dinâmica foi realizada igualmente durante a semana nos dias 10, 11 e 12 de abril de 2023, com as três turmas dos 7º anos da Escola Municipal João Costa de Oliveira, e ocorreu no pátio da escola.

Na primeira etapa o conteúdo foi explicado durante a aula pela docente que utilizou o livro didático Araribá Mais Geografia do 7º ano, no capítulo 2, sobre as características do território brasileiro das páginas 21 até a 32, como auxílio e o uso da oralidade tendo uma explicação objetiva, porém percebemos que a turma apresentou algumas dificuldades em assimilar o conteúdo. Na segunda etapa foi proposto um questionário, como material de apoio, composto por 15 questões que foram distribuídos para a turma estudar, e nessa etapa já observamos que mesmo com dificuldades eles interagiram de maneira positiva respondendo o questionário proposto pela docente. Na última etapa, ocorreu a execução do jogo no pátio, que aconteceu da seguinte forma: a docente explicou como seria o funcionamento do jogo, após isso auxiliamos ela a dividir a turma em quatro grupos de 8 a 9 integrantes. Nós, bolsistas do PIBID, ajudamos ela a organizar o espaço e os materiais que foram utilizados na brincadeira. Quando o jogo começou, nós auxiliamos a mediar a dinâmica, fazendo as perguntas em voz alta, anotando a pontuação das equipes e sendo os responsáveis por identificar quem batesse primeiro, a docente entregava as tortas para os discentes e ajudava a limpar o rosto deles.

Conseguimos perceber que os discentes se empolgaram na competição quando avançavam no jogo ao responder as perguntas corretamente, mas quando eles respondiam incorretamente à pergunta, sofriam “penalidades” que significava uma “tortada” na cara. Esse elemento de surpresa e desafio adicionou uma dimensão propícia ao aprendizado interativo, os discentes revisitaram os assuntos abordados em sala de aula, que foram os biomas, tipos de vegetação, o território e as características físicas das distintas regiões do Brasil.

Ademais, o jogo desempenhou um papel importante ao viabilizar uma avaliação feita pela docente acerca do nível de aprendizado dos discentes, oferecendo clareza sobre suas principais dificuldades e eventuais questionamentos relacionados ao conteúdo. Ao final, como uma forma de premiação, todos os discentes ganharam chocolates e os “caras limpas” ganharam mais chocolates em relação aos outros.

Os discentes desde o início mostraram muito interesse com a ideia de fazer algo diferente nas aulas de geografia, visto que, eles nunca tinham tido esse tipo de atividade lúdica. Desde a formação dos grupos até a explicação de como funcionaria a dinâmica eles estavam ansiosos e com o espírito de competição em alta, no momento das perguntas estavam calorosos e muito participativos, a fim de ganhar da equipe adversária.

Sendo assim, a experiência mostrou-se proveitosa para a maioria dos discentes, sendo a primeira incursão lúdica com as turmas que a docente supervisora nos informou, alcançamos resultados muito positivos apesar de alguns contratempos. É fundamental destacar que nesse contexto, a colaboração e o empenho de todos os participantes foi muito importante para o funcionamento da dinâmica, a docente juntamente com os pibidianos, de maneira constante e determinada demonstraram presença marcante, e uma abordagem direcionada em relação à condução da atividade, sempre motivando os discentes a atingirem seu potencial máximo.

Fig.2. Execução da dinâmica torta na cara.



Fonte: Arquivo dos autores, 2023.

A imagem acima (Fig.2) retrata o momento da realização da dinâmica "Torta na Cara Geográfica", ilustrando claramente um dos pibidianos desempenhando o papel de questionador e o outro atuando como mediador do jogo. Os discentes, estão devidamente posicionados, usando faixas coloridas na cabeça para identificar suas equipes, com uma das mãos na orelha e a outra segurando a torta feita de chantilly, aguardando o sinal para responder a pergunta .

Fig.3. Execução da dinâmica torta na cara



Fonte: Arquivo dos autores, 2023.

Podemos observar também nessa outra imagem (Fig.3), que os discentes assumem o papel de protagonistas nessa dinâmica, construindo novos conhecimentos tanto teóricos quanto práticos, se divertindo e ao mesmo tempo, criando lembranças valiosas dentro do ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, concluímos que as atividades lúdicas executam um papel extremamente importante na dinâmica escolar, tanto para os discentes quanto para os docentes. Além

de fortalecer os laços entre eles, criando uma identificação mútua que resulta em um processo de ensino-aprendizagem mais fluido e prazeroso. As atividades também realizam um papel primordial na transformação da perspectiva dos discentes sobre os estudos. Dessa maneira, faz-se necessário desmistificar a ideia limitada de que as atividades lúdicas são meramente brincadeiras, uma vez que elas oferecem oportunidades valiosas de aprendizagem.

A importância dos jogos nesse processo não se limitou apenas à dimensão do entretenimento. Observamos como os jogos estimularam a colaboração entre os discentes, promovendo o trabalho em equipe e a comunicação eficaz. Eles se envolviam em discussões, estratégias e negociações, tudo no contexto do jogo, mas que, de maneira sutil, desenvolviam habilidades sociais e cognitivas fundamentais.

De forma geral, percebemos que essas dinâmicas saem do padrão tradicional e possuem uma metodologia, uma intenção e um propósito de construir e/ou ensinar algo e exercem um impacto expressivo no contexto escolar, retirando os discentes da rotina monótona da sala de aula, que muitas vezes pode tornar-se tediosa e pouco produtiva, especialmente na disciplina de geografia. Um dos pontos positivos dessa dinâmica, foi a docente identificar o nível de aprendizado individual de cada discente. Ao mesmo tempo, nós, enquanto futuros docentes, pudemos explorar uma ampla gama de possibilidades para enriquecer o processo de aprendizagem. Entretanto, em todas as turmas ocorreu de alguns poucos discentes não se dispuseram a participar da dinâmica, estes apenas assistiram o desenrolar da atividade, houve também uma pequena parcela que respondia as perguntas na sorte assim passando a impressão de que não havia se preparado o suficiente para a atividade.

Mas, além disso, a experiência de participar da dinâmica nos proporcionou uma valiosa oportunidade de aprendizado além da sala de aula, contribuindo de maneira significativa para o desenvolvimento das nossas habilidades como futuros profissionais da educação. Ao nos envolvermos, conseguimos vivenciar a importância do jogo e do lúdico no processo de ensino-aprendizagem, compreendendo como os elementos de diversão e interação podem ser ferramentas indispensáveis para engajar os discentes de maneira eficaz. Além disso, a dinâmica também nos ajudou a aprimorar nossas competências de comunicação, adaptação e gestão de grupo, aspectos essenciais para lidar com a diversidade e as dinâmicas de uma sala de aula real futuramente. Essa exploração de possibilidades contribuiu de forma positiva para a nossa formação, ao demonstrar como a criatividade e a inovação podem ser incorporadas ao ensino.

REFERÊNCIAS

DE MOURA, Vanuza Caetano; MARTINS, Pollyany Pereira. **Atividades Lúdicas Como Ferramentas No Ensino de Geografia**. Instituto Federal Goiano.

DE PINHEIRO, Igor de Araújo ; SANTOS, Valéria de Sousa ; RIBEIRO FILHO, Francisco Gomes. **Brincar de geografia: O lúdico no processo de ensino e aprendizagem**. Revista Equador (UFPI), Vol.2, Nº 2, p. 25- 41 (Julho/Dezembro, 2013).

DELLORE, Cesar Brumini. **Araribá Mais Geografia**. 1ª Edição, São Paulo, 2018. GABRIEL. Blog de Geografia: Livro didático para baixar em PDF - Araribá Mais Geografia - 7º Ano do Ensino Fundamental. Disponível em: <<https://suburbanodigital.blogspot.com/2021/03/livro->

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fechine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

didatico-para-baixar-em-pdf.html?m=1>. Acesso em: 31
ago. 2023.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da escola -
Teoria e Prática**. 6ª. ed. Revista e Ampliada, São Paulo: Heccus
Editora.

SANTOS, Clélio C. dos; COSTA, Debora Lúcia. **O LÚDICO NO
PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA GEOGRAFIA:
abordagens teórico-metodológicas para a Educação Básica
(Subprojeto - PIBID)**. 2022, Alagoas.

SILVA, Laydiane Cristina da; BERTAZZO, Cláudio José. **O
LÚDICO, A GEOGRAFIA E A MEDIAÇÃO DIDÁTICA**. Revista
Eletrônica Georaguaiá. Barra do Garças-MT. V 3, n.2, p 343 -
358. 2013.

MODELAGEM DE PROPAGAÇÃO A DESLIZAMENTOS DE TERRAS NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIACHO DO SILVA, MACEIÓ, ALAGOAS, BRASIL

Walber Mendes Gama⁴⁷
Ramon Alves de Santana⁴⁸

INTRODUÇÃO

O crescente aumento de pessoas residentes em área urbanas tem aumentado, sendo expectável o contínuo aumento. Em consequência, há o aumento da exposição das pessoas e infraestruturas aos múltiplos riscos em áreas urbanas. Assim, é realizado a aplicação de um modelo de propagação de deslizamentos na bacia hidrográfica do riacho do Silva com área de 10,2 km² por meio do uso da ferramenta Taudem num Sistema de Informação Geográfica (SIG) e identificado a exposição das moradias e infraestruturas aos deslizamentos. Para tanto, inicialmente, foi elaborado um inventário que contabilizou 117 deslizamentos na área de estudo. A partir desse inventário e variáveis derivadas do modelo numérico do terreno, direção de fluxo e fluxo acumulado foi gerado a propagação de deslizamentos e, dessa maneira, foi possível constatar que os deslizamentos alcançam os elementos expostos: moradias, estruturas de drenagem urbana, canais fluviais e estradas. O modelo se mostrou adequado quando comparado a propagação de deslizamento com dois casos de deslizamentos ocorridos na área de estudo. A aplicação do modelo *D – Infinity Avalanche Run out* tona ferramenta

⁴⁷Doutor em Geografia física, Universidade de Lisboa, walber.gama@campus.ul.pt.

⁴⁸Graduando em Geografia, Universidade Federal de Alagoas, ramon.santana@igdema.ufal.br.

importante que, aprimorado, pode contribuir na predição de deslizamentos e gestão dos riscos para mitigar e prevenir os riscos de deslizamentos na bacia hidrográfica do riacho do Silva.

A população nas áreas urbanas tem aumentado sendo espectável o contínuo aumento. Espera-se que essa tendência continue, com a população urbana mais do que dobrando seu tamanho atual até 2050, quando quase 7 em cada 10 pessoas viverão nas cidades. (World Bank, 2023). O crescimento populacional em áreas de riscos de deslizamentos cresce, devido a migração à medida que as cidades se expandem (Holcombe et al., 2016). A ocupação humana, ocorre em áreas suscetíveis a múltiplos perigos, com elementos expostos a perigos preexistentes onde os riscos aumentam (Rusk et al., 2022). Consequentemente nas cidades, a exposição aos riscos cresce com implantação de habitações, por exemplo, próximas aos rios, em leito de inundação, ocupação em vertente com riscos de deslizamentos e, na região litorânea, haverá o aumento da exposição a erosão costeira, *Storm Surge*, intrusão salina, etc. A exposição é a situação de pessoas, infra-estruturas, habitação, capacidades de produção e outros ativos humanos tangíveis localizados em áreas com predisposição ao perigo (UN, 2017). A análise da exposição consiste na quantificação dos assentamentos e bens localizados em áreas perigosas e avalia o valor econômico associado (Bonadonna et al., 2021; Paprotny et al., 2020). Com o uso de Sistemas de Informação Geográfica (SIG) se realiza sobreposição espacial de um conjunto de elementos em risco (residências, hospitais, rodovias, escolas etc.) com zonas de potenciais a ocorrências de deslizamentos de terras e se determina a propagação e alcance dos deslizamentos de terras nos elementos expostos aos delizamentos. Geralmente, a exposição identifica quais

elementos em risco podem sofrer algum grau de dano (Pellicani et al., 2013; Di Napoli et al., 2023).

Nesse contexto, para identificar a exposição aos deslizamentos se constroem banco de dados georreferenciados de deslizamentos pelo que são dados de entradas em modelos de suscetibilidade a deslizamentos em Sistema de Informação Geográfica (SIG) e, dessa forma, torna -se possível identificar as áreas potenciais de ocorrência de deslizamentos e infraestruturas, pessoas expostas aos deslizamentos. Os deslizamentos passados e atuais pressupõem áreas onde os deslizamentos podem ocorrer no futuro (Guzzetti et al., 2012). Para tanto, por meio de interpretação de imagens de satélites de alta resolução, a exemplo, a plataforma *GoogleEarth*, são elaborados banco de dados de deslizamentos (Wubalem, 2021; Mersha; Golovko et al., 2017). Com efeito, são feitos mapas de deslizamentos a partir da construção de inventário que incluem deslizamentos passados, coleta/registros de dados de localização, tipo e dimensões dos deslizamentos de terra (Shano et al., 2020). A capacidade destrutiva dos deslizamentos depende de vários parâmetros e são difíceis de avaliar, como o volume, a velocidade e, portanto, a energia da massa deslizada (Marinelli et al., 2022; Cardinali et al., 2002). Deslizamentos muito grandes e rápidos (por exemplo, avalanches de rochas) são provavelmente os movimentos de massa mais destrutivos e perigosos (Guzzetti et al., 1999).

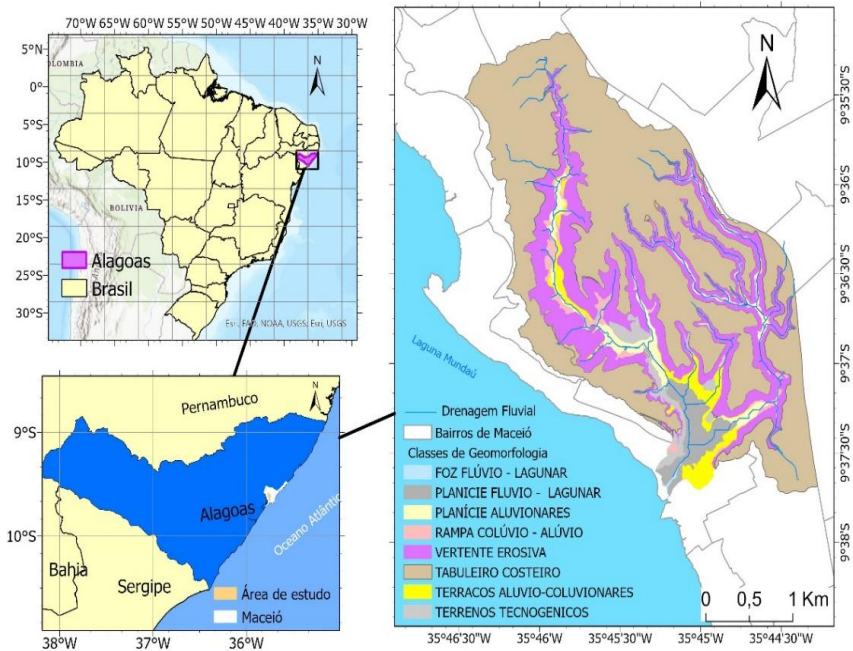
Para tanto, este trabalho tem como objetivo de determinar a partir de um inventário de deslizamento elaborar o modelo de propagação e identificar o alcance desses deslizamentos de terras nas moradias e infraestruturas locais expostas aos deslizamentos (casas, estradas, hospitais, rede de drenagem fluvial, etc), nos canais fluviais e estruturas hidráulicas, e em geral, nos elementos expostos aos riscos tais

como estradas, edificações, monumentos, rede transmissão de energia elétrica, etc.

CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A avaliação da propagação dos deslizamentos de terra se dá na bacia hidrográfica urbana do riacho do Silva, no município de Maceió, com superfície de 10 km², comprimento do curso d'água maior é 6,25 km, a declividade média da bacia hidrográfica é de 8,5 graus e máxima de 84,2; a elevação média de 51,2 metros, máxima de 95 e mínima de 1 na região de sua foz na laguna Mundaú (Figura 1). Quanto a geomorfologia (Figura 1), estão os tabuleiros costeiros planos; as vertentes erosivas em locais de elevados declives e potenciais de ocorrências de deslizamentos; as rampas de colúvio – alúvio nas áreas de acumulação de material movimentado provenientes das vertentes erosivas e terraços alúvio – coluvionares; em declives menos acentuados, as bordas de terraços nos fundos de vales e em setores planos as planícies fluviais/ flúvio estuarinas (Gama e Falcão, 2023).

Fig.1. Localização da área de estudo, a bacia hidrográfica do riacho do Silva, no Brasil, Alagoas, Maceió e as classes de relevo e sua rede de drenagem fluvial.



Fonte: Gama e Falcão (2023).

As rochas sedimentares da formação Barreiras no tabuleiro costeiro são presentes com predomínio de sedimentos areno-argilosos; sedimentos de praia e aluvião em setores de menores declives num ambiente recente do período quaternário. E os tipos de solos, de acordo com Parahyba (2008), predominam os Latossolos, os Argissolos, os Neossolos - Quartzarênicos, Gleissolos e solos indiscriminados de Mangue. Em relação a temperatura média no período de 1981 – 2010 é 25,1°C e a precipitação de 1867,4 mm em (Gama, 2021). Quanto a ocupação na bacia, é predominantemente urbano

com áreas residenciais e comerciais em áreas planas de tabuleiros, nas vertentes e no fundo de vales; há áreas significativas de florestas ombrófilas, áreas de sucessão vegetal que revestem as vertentes, os “Brejos” e mangues nos terrenos úmidos na planície flúvio – lagunar. Sem coberto vegetal há as vias não pavimentadas que compõem as áreas de solo exposto, como também áreas de retirada de material de empréstimo de solo para construção de moradias em áreas de corte e aterro nas vertentes. Ainda estão presentes, a ocupação de moradias caracterizadas aglomerados subnormais expostas aos riscos de inundações fluviais e deslizamentos.

JUSTIFICATIVA

A importância desse estudo se dá pela lacuna de aplicação de modelos de propagação na bacia hidrográfica a qual apresenta histórico de deslizamento e de perdas de vidas e danos materiais e, principalmente, nesse nível de escala de detalhe e resolução espacial. Acrescenta-se também, a necessidade em conhecer como se dá a propagação dos deslizamentos nas infraestruturas na área de estudo. Assim, torna-se relevante também, apresentar metodologia de análise de propagação de deslizamento em área urbana com assentamentos precários onde estão expostas pessoas mais vulneráveis socialmente, e contribuir para a gestão dos riscos ao determinar a exposição das moradias e infraestruturas expostas aos deslizamentos e, assim, ser base para subsidiar tomadas decisões, ações de medidas, prevenção dos riscos para evitar ou minimizar os danos materiais e perdas de vidas na bacia hidrográfica do riacho do Silva.

METODOLOGIA INVENTÁRIO DE DESLIZAMENTOS

Para elaborar essa análise e modelagem de propagação de deslizamentos de terras, na bacia hidrográfica do riacho do Silva, foi elaborado um inventário de deslizamentos pela identificação de cicatrizes de deslizamentos nas vertentes com base em imagens de satélites de alta resolução da plataforma *GoogleEarth*, *Bing Aerial* referentes aos anos 2010, 2018, 2019 e 2021 e através de visitas em campo nos anos 2018, 2019 e 2021. Os deslizamentos foram identificados e cartografados em geometria de polígonos nos locais de roturas dos deslizamentos nas vertentes. Os dados são armazenados num Banco de Dados Geográfico (BDG) num Sistema de Informação Geográfica (SIG) e, assim, permitiu calcular suas dimensões.

MODELO DE PROPAGAÇÃO DOS DESLIZAMENTOS/DESABAMENTOS

Com a elaboração do inventário de deslizamentos foi possível modelar a propagação do material desabado dos taludes, na zona de rotura, e detectar o alcance do material nos elementos expostos aos deslizamentos na bacia hidrográfica do riacho do Silva. Nesse caso, utilizou-se o modelo *D – Infinity Avalanche Run out* através da extensão Taudem (Tarboton et al., 2015) num Sistema de Informação Geográfica (SIG) utilizados com sucesso em aplicações em fenômenos de fluxos de detritos (Guinau, et al., 2007; Mello & Zêzere, 2017). Para obter tal propagação dos desabamentos foram utilizados: 117 deslizamentos inventariados; curvas de nível espaçadas a cada metro a escala 1:2000. Posteriormente, foi gerado o Modelo Numérico do Terreno (MNT) com resolução espacial de 2

metros e geradas as variáveis derivadas desse MNT: direção de fluxo e fluxo acumulado.

Para efeito de verificação dos resultados da propagação dos deslizamentos modelo *D – Infinity Avalanche Run out*, foram comparados dois deslizamentos registrados em fotografias e datados em 21 de abril de 2018 na ladeira da Chã da Jaqueira e, outro, em 11 de abril de 2021 que interrompeu a estrada da Granja em Chã da Jaqueira. Esta verificação se deu pela interpretação da localização e mobilização do material deslizado nos dois casos supracitados com o resultado espacial do modelo de propagação de deslizamentos.

EXPOSIÇÃO DAS INFRAESTRUTURAS AOS DESLIZAMENTOS

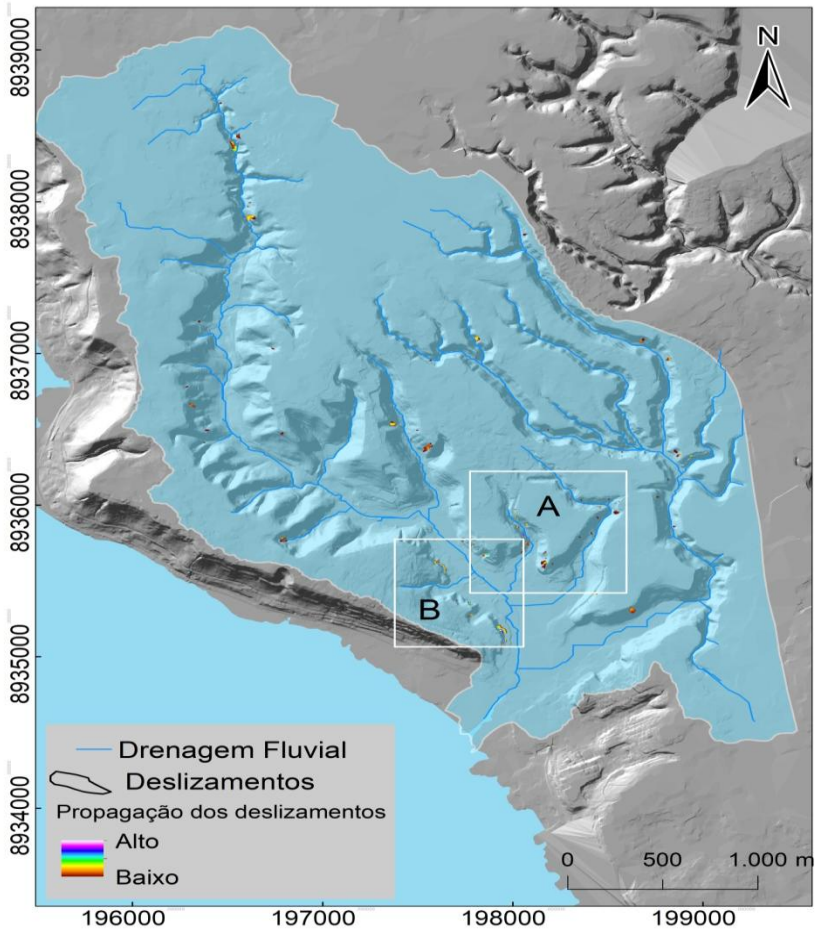
Através de um Sistema de Informação Geográfica (SIG), foram confrontadas o resultado da propagação dos deslizamentos com os polígonos representativos das moradias (ano 2022) e infraestruturas para identificar a exposição destas infraestruturas aos deslizamentos propagados. Para tanto, as infraestruturas foram identificadas com base em imagens de satélite de alta resolução (*Google Earth, open street e bing aera/*) por feições geométricas de polígonos armazenados num banco de dados geográfico em ambiente de SIG que permitiu identificar moradias, estradas e infraestruturas expostas aos deslizamentos, e, de forma geral, analisar os possíveis impactos nas moradias/infraestruturas locais na bacia hidrográfica do riacho do Silva.

DISCUSSÕES/RESULTADOS

A partir da utilização de um Sistema de Informação Geográfica e manipulação de imagens de satélites de alta resolução espacial da base na plataforma *GoogleEarth* e Bing

Aerial e por visitas em campo foram inventariados 117 casos de deslizamentos de terras (Figura 2).

Fig 2. Deslizamentos inventariados e propagação dos deslizamentos na bacia hidrográfica do riacho do Silva: no quadrante "a" Chã da Jaqueira e "b" a Avenida Marques de Abrantes (b).

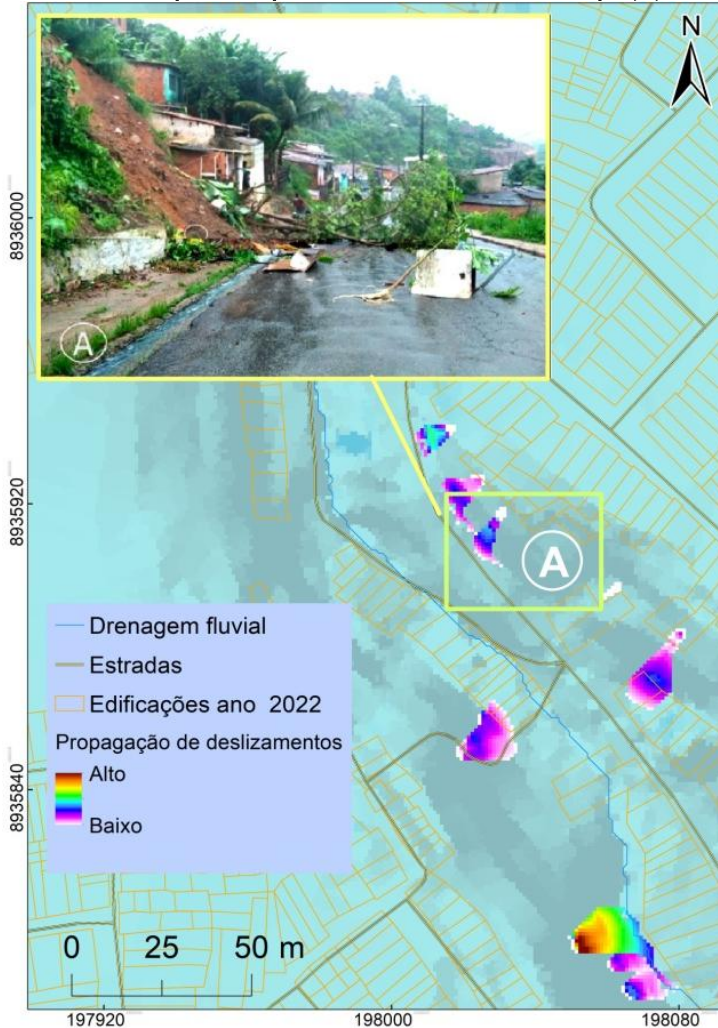


Se constata, na área de estudo, a bacia hidrográfica do riacho do Silva, que os deslizamentos ocorrem em locais onde houve alguma intervenção antrópica: corte da vertente para implantação de estradas, construção de moradias, retirada de vegetação como também decorrente da implantação de infraestruturas hidráulicas e tubulações que lançam efluentes sobre as vertentes que assim, no período chuvoso, causam deslizamentos ou desabamento dos taludes tal como apresentado nos dois casos de deslizamentos em estrada com desabamento de talude na ladeira da Chã da Jaqueira (Figura 3a) e estrada da Granja em Chã da Jaqueira (Figura 3b).

COMPARAÇÃO DO MODELO COM REGISTROS DE OCORRÊNCIA DE DESLIZAMENTOS

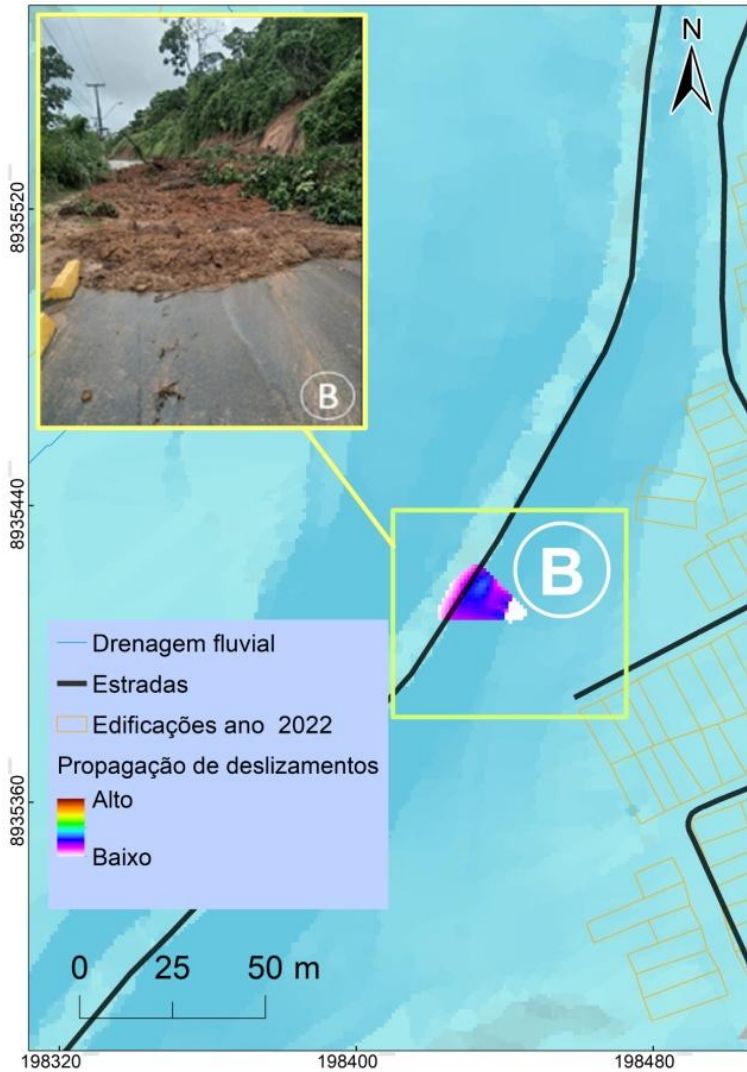
Com o uso dos deslizamentos e variáveis de direção e fluxo acumulado na vertente alcançou o resultado do modelo de propagação de fluxo de deslizamentos. A partir desse modelo se constata, que a propagação dos deslizamentos se dá até o passeio que antecede a estrada tal como apresentado no registro de deslizamento em 21 de abril de 2018 na ladeira da Chã da Jaqueira onde mostra queda de árvore no registro fotográfico mais o resultado da propagação (figura 3a).

Fig 3. localização da propagação dos deslizamentos e comparação com registro de deslizamentos na ladeira da Chã da Jaqueira solos residual e vegetação (a) e acúmulo de solo residual que bloqueiou a estrada da Granja (b).



A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fachine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

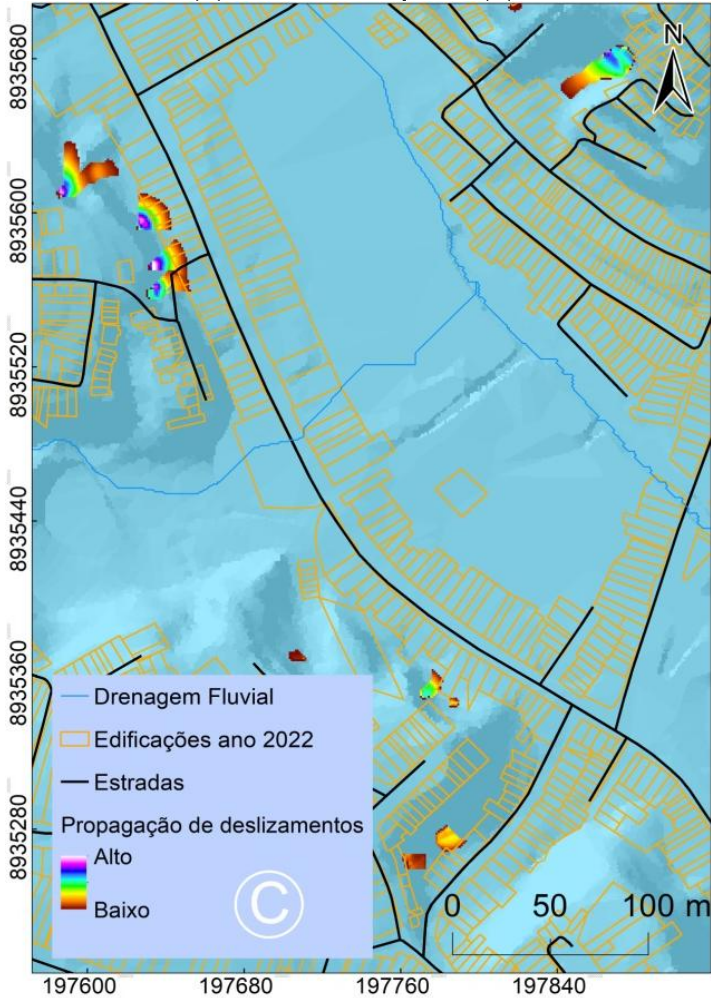


O segundo caso, utilizado para verificação do modelo mostra o material deslizado, solos residuais, sobre a estrada tal como se constata no modelo de propagação de deslizamento sobre a estrada da Granja em 11 de abril de 2021 (Figura 3b). Assim, o modelo apresenta nesses dois casos relação adequada com os deslizamentos ocorridos e modelados a partir da comparação espacial entre os fenômenos ocorridos de deslizamentos e o resultado da modelagem de propagação pelo modelo *D – Infinity Avalanche Run out*.

PROPAGAÇÃO DOS DESLIZAMENTOS NA ÁREA DE ESTUDO

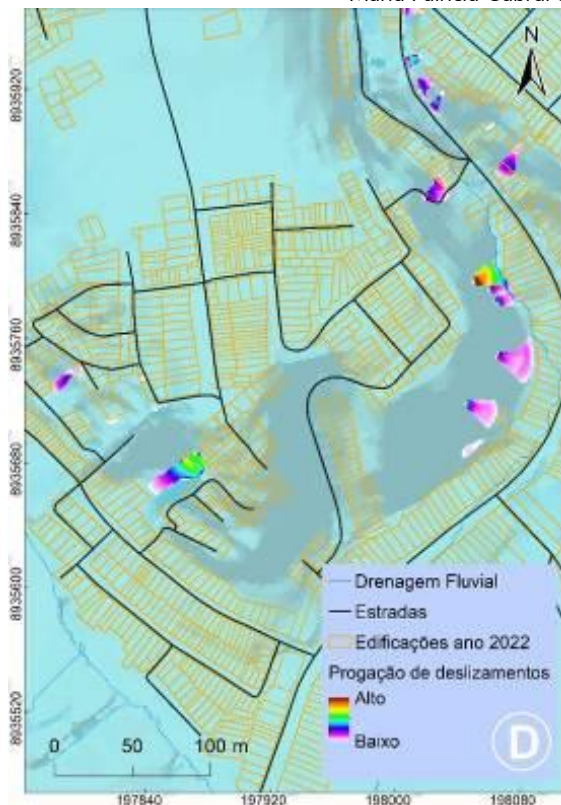
Tal como observado em campo, as simulações mostraram que os deslizamentos/desabamentos podem atingir os canais fluviais e sistemas de drenagem urbana; em vales encaixados alcançam o canal de drenagem com forte propagação *run out*. O material que se propaga, os solos residuais, tem energia para alcançar os fundos das moradias, situadas no sopé dos taludes, e que muitas destas possuem estrutura em alvenaria ausentes de algum projeto estrutural, que assim, tornam estas moradias mais vulneráveis a danos ou colapso ao serem possivelmente atingidas por deslizamentos.

Figura 4 – Resultados do modelo de Propagação dos deslizamentos em duas localidades da bacia hidrográfica do riacho do Silva: área ao longo da avenida Marques de Abrantes (b) e Chã da Jaqueira (d).



A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fechine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)



Devido a entrada de solo residual, eventualmente, pode causar perdas de vidas, principalmente quando ocorrido em períodos noturnos e madrugada quando os moradores se encontram dormindo; além disso, as crianças, idosos, cadeirantes, deficientes físicos, são mais vulneráveis aos deslizamentos e são mais limitados a uma eventual saída imediata de uma determinada residência atingida por deslizamentos de terra. Se observa, de maneira geral, nos resultados do modelo, que a propagação é maior à medida que se aproxima do sopé das vertentes, ou seja, há ganho de

velocidade e energia ao longo da vertente onde estão expostas as moradias e infraestruturas em geral (Figura 3).

No que se refere a exposição das infraestruturas, os deslizamentos transportam os solos residuais para canais de drenagens e intensifica o transporte de sedimentos nas infraestruturas de drenagens urbana e favorecem a deposição de sedimentos e provoca o assoreamento dos canais fluviais na bacia hidrográfica do riacho do Silva (Figura 4). Se constata também, a exposição das estradas com perigo de atingir algum automóvel, visto que circulam transportes públicos coletivos, automóveis, caminhões, moradores e transeuntes. Há ainda, eventual possibilidade de ocorrência algum dano na rede de distribuição de energia elétrica, que são situações que afetam as atividades diárias da população local caso algum deslizamento alcance as estruturas de transmissão de eletricidade e danifique essas estruturas (Figura 4).

Se observa que tem havido esforço para implantação de medidas de mitigação para evitar ocorrências de deslizamentos na área de estudo. Houve, por parte da Prefeitura de Maceió, a implantação de medidas estruturais nas vertentes para contenção de deslizamentos com a colocação de Geocomposto, solo grampeado e controle de drenagens nas vertentes para redução do risco de deslizamentos, na área de estudo, a bacia hidrográfica do riacho do Silva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aplicação do modelo na área de estudo, a Bacia hidrográfica do riacho do Silva, torna-se uma ferramenta computacional gratuita de determinação e de possível aprimoramento para simulação de propagação de deslizamentos na bacia hidrográfica do Riacho do Silva. E assim, possibilita realizar análise de eventos de deslizamentos

para tomadas de decisões e de mitigação dos riscos com também orientar a prevenção de danos materiais e de perdas de vidas. Com a aplicação do modelo, de propagação de deslizamentos, viabiliza determinar espacialmente o alcance dos deslizamentos nos elementos expostos, as estradas, moradias, rede de fluvial e urbana, como também conhecer os setores de vertentes, na bacia hidrográfica, onde os deslizamentos atuam em potencial de propagação alto a baixo e, assim, subsidiar medidas de prevenção, mitigação e repostas aos eventos de deslizamentos na área de estudo, a bacia hidrográfica do riacho do Silva.

REFERÊNCIAS

BONADONNA, C., et al. Integrating hazard, exposure, vulnerability and resilience for risk and emergency management in a volcanic context: the ADVICE model. **Journal of applied volcanology**, v.10, n.1, p. 1-34, 2021. Disponível em: <https://appliedvolc.biomedcentral.com/articles/10.1186/s13617-021-00108-5>. Acesso em: 23 maio. 2023.

CARDINALI, M. et al. A geomorphological approach to the estimation of landslide hazards and risks in Umbria, Central Italy. **Natural Hazards and Earth System Sciences**, v.2, p. 57-72, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.5194/nhess-2-57-2002>, 2002. Acesso em: 1 jun. 2023.

DI NAPOLI, Mariano et al. Multitemporal relative landslide exposure and risk analysis for the sustainable development of rapidly growing cities. **Landslides**, p. 1-15, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10346-023-02065-z>. Acesso em: 8 jun. 2023.

EL JAZOULI, A.; BARAKAT, A.; KHELLOUK, R. GIS-multicriteria evaluation using AHP for landslide susceptibility mapping in Oum Er Rbia high basin (Morocco). **Geoenvironmental Disasters**, v.6, p.1-12, 2019. Disponível em: <https://geoenvironmental-disasters.springeropen.com/articles/10.1186/s40677-019-0119-7>. Acesso em: 22 fev. 2023.

GAMA, W. M.; FALCAO, N. A. M. Suscetibilidade a deslizamentos pelo método estatístico bivariado na bacia hidrográfica do riacho do silva, Maceio, Alagoas, Brasil. **Revista Contexto Geográfico**, v. 8, p. 46-61, 2023. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/contextogeografico/article/view/15478/10815>. Acesso em: 15 jul. 2023.

GOLOVKO, D.; ROESSNER, S.; BEHLING, R.; WETZEL, H. U.; KLEINSCHMIT, B. Evaluation of remote-sensing-based landslide inventories for hazard assessment in Southern Kyrgyzstan. **Remote Sensing**, v.9, p. 943, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/rs9090943>. Acesso em: 8 fev. 2023.

GUINAU, M.; VILAJOSANA, I.; VILAPLANA, Joan Manuel. GIS-based debris flow source and runout susceptibility assessment from DEM data—a case study in NW Nicaragua. **Natural Hazards and Earth System Sciences**, v. 7, n. 6, p. 703-716, 2007. Disponível em: <https://d-nb.info/1149784903/34>. Acesso em: 20 ago. 2022.

GUZZETTI, F. et al. Landslide inventory maps: new tools for an old problem. **Earth-Science Reviews**, v.112, p. 42–66, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.earscirev.2012.02.001>. Acesso em: 12 jan. 2023.

GUZZETTI, F.; CARRARA, A.; CARDINALI, M.; REICHENBACH, P. Landslide hazard evaluation: a review of current techniques and their application in a multi-scale study, Central Italy.

Geomorphology, n. 31. v. 1-4, p. 181-216, 1999. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0169-555X\(99\)00078-1](https://doi.org/10.1016/S0169-555X(99)00078-1). Acesso em: 12 jan. 2023.

HOLCOMBE, E. A.; BEESLEY, M. E.; VARDANEGA, P. J.; SORBIE, R. (2016). Urbanisation and landslides: hazard drivers and better practices. Proceedings off the Institution of Civil **Engineers-Civil Engineering**. v. 169, p. 137-144, 2016.

Disponível em:

https://researchinformation.bris.ac.uk/ws/portalfiles/portal/65040446/jcien.15.00044_online.pdf. Acesso em: 30 ago. 2022.

MARINELLI, A.; MEDICI, C.; ROSI, A.; TOFANI, V.; BIANCHINI, S.; CASAGLI, N. Shallow landslides and rockfalls velocity assessment at regional scale: a methodology based on a morphometric approach. **Geosciences**, n.12, v, 4, p. 177, 2022.

Disponível em: <https://doi.org/10.3390/geosciences12040177>. Acesso em: 25 mar 2023.

MELO, R.; ZÊZERE, J. L. Avaliação da suscetibilidade à rutura e propagação de fluxos de detritos na bacia hidrográfica do rio Zêzere (Serra da Estrela, Portugal). **Revista Brasileira de Geomorfologia**, v.18, p.1–26, 2017.

Disponível em: <https://doi.org/10.20502/rbg.v18i1.985>. Acesso em: 25 mar. 2023.

NATIONS, U. National Disaster Risk Reduction - UNISDR. **Words into Action Guidelines: National Disaster Risk Assessment. Governance System, Methodologies, and Use of Results**, 81p.

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fechine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

2017. Disponível em: <https://www.undrr.org/publication/words-action-guidelines-national-disaster-risk-assessment>. Acesso em: 10 maio. 2022

NATIONS, U. UNISDR. terminology on disaster risk reduction. **United Nations Office for Disaster Risk Reduction, Report**, 38p, 2009. Disponível em: <https://www.undrr.org/>. Acesso em: 11 fev. 2022.

PAPROTNY, D.; KREIBICH, H.; MORALES-NÁPOLES, O.; TEREFFENKO, P.; SCHRÖTER, K. Estimating exposure of residential assets to natural hazards in Europe using open data. **Natural Hazards and Earth System Sciences**, n.20, v.1, 323-343, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5194/nhess-20-323-2020>, 2020. Acesso em: 22 jan. 2022.

RUSK, J.; MAHARJAN, A.; TIWARI, P.; CHEN, T. H. K.; SHNEIDERMAN, S.; TURIN, M.; SETO, K. C. Multi-hazard susceptibility and exposure assessment of the Hindu Kush Himalaya. **Science of the total environment**, v. 804, p. 1-14, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.scitotenv.2021.150039>. Acesso em: 10 fev. 2023.

SHANO, L.; RAGHUVANSHI, T. K.; METEN, M. Landslide susceptibility evaluation and hazard zonation techniques—a review. **Geoenvironmental Disasters**, 7, p. 1-19, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s40677-020-00152-0>. Acesso em: 13 jan. 2023.

TARBOTON, D. G.; DASH, P.; E SAZIB, N. TauDEM 5.3. **Guide to Using the TauDEM Command Line Functions**, p. 29,

A GEOGRAFIA DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO:
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO SERTÃO ALAGOANO

José Alegn Roberto Leite Fechine; Ricardo Santos de Almeida;
Maria Patrícia Cabral da Silva (Orgs.)

2015. Disponível em:

<https://hydrology.usu.edu/taudem/taudem5/TauDEM53CommandLineGuide.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2023.

WORLD BANK. Urban Development, overview. **Last Updated:**

Apr 03, 2023. Disponível em:

<https://www.worldbank.org/en/topic/urbandevelopment/overview>. Acesso em: 30 jul. 2023.

WUBALEM, A. Landslide inventory, susceptibility, hazard and risk mapping. **In Landslides**. IntechOpen, 2021. Disponível em:

<https://www.intechopen.com/chapters/79383>. Acesso em: 09 ago. 2022.

PARAHYBA, R. et al. **Solos do Município de Maceió-AL**. Manejo e conservação do solo e da água no contexto das mudanças climática, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em:

<https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/337717/1/trab6668397.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2023.

O **Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas** é uma sociedade civil sem fins lucrativos, com finalidade educativa e cultural que se propõe a manter vivas as ideias de Paulo Freire, educador pernambucano, referência no Brasil e no mundo. Sua contribuição para a Educação foi oficialmente reconhecida pela Lei nº 12.612/2012 como Patrono da Educação no Brasil.

Fundado em 29 de maio de 1998, o Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas teve seu estatuto oficializado em novembro desse mesmo ano. A UFPE solidária com os objetivos deste Centro, compreendendo o seu papel, para uma educação crítica, inclusiva, democrática, assim como, entendendo que a filosofia e pedagogia freireana é atual e profícua, apoia desde o início suas iniciativas. Perenizar as ideias de Paulo Freire é fundamental, para sua terra natal e para o mundo. Vale salientar ter sido esta Universidade berço em que Paulo Freire desenvolveu seu sistema educacional. A sede do Centro Paulo Freire está localizada no Centro de Educação no Campus da UFPE.

